

# Martha Angel

## Quem sou?

Martha Angel é uma jovem brasileira, estudante de Engenharia de Software, apaixonada por tecnologia e inovação. Ela é conhecida por sua habilidade em resolver problemas complexos e sua capacidade de trabalhar em equipe.

Martha Angel é uma jovem brasileira, estudante de Engenharia de Software, apaixonada por tecnologia e inovação. Ela é conhecida por sua habilidade em resolver problemas complexos e sua capacidade de trabalhar em equipe.

Resumo do Projeto



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

*Ao Afonso Coralov, pelo primeiro passo.*

*À Selma Dzimidas, por me mostrar o resto do caminho.*

*Agradecimentos:*

*A Mônica de Azevedo, Cli Cordeiro e Liliana R. Medeiros pelos longos, divertidos e produtivos serões movidos a cerveja, Coca-Cola, batata frita e café, nos botecos da cidade. Por idéias esparsas, pela consultoria, pela opinião, a Cláudia M. Jacobi, Valéria Hadel e Ana Cristina Schilling.*

*A todo o pessoal de meu grupo de escritores, Contos Fantásticos, em especial a Giulia Moon, Paulo Castro, Adriano Siqueira, Marcos Graminha e Cintia B. Lacerda, pelo empurrão na reta final. Valeu, Fantásticos!*

# I

Eu levava uma vida bem normalzinha até que conheci meu primeiro vampiro. Na verdade, uma vampira. Uma coisinha delicada, do tipo *mignon*, que logo de cara quebrou o pescoço de dois sujeitos, secou um terceiro e ainda por cima me passou uma cantada. Hum, essa última pode não parecer grande coisa pra você, mas considerando o quão raras eram as cantadas na minha vida de eremita voluntária, que nunca na vida eu tinha levado uma cantada de outra mulher, e muito menos de alguém que vive de chupar sangue dos outros...

Mas acredite, um vampiro traz outro, o primeiro pode demorar, mas depois de algum tempo sua vida fica cheia deles. Opa, a palavra-chave aí é vida. Desde que você continue vivo, bem entendido.

Eu pelo menos continuo. *So far, so good*, como dizem os anglófonos: "Até aqui, tudo bem".

Depois da primeira, não demorou muito pra aparecer o segundo.

Eram duas da manhã, pouco mais, pouco menos, e eu lutando contra o sono para continuar vertendo para o inglês um trabalho científico. É o que eu faço para viver. Quer dizer, uma das coisas que faço. Faço de tudo um pouco. Aproveito minha formação em biologia, minha natural facilidade em escrever e um dom para as línguas, e vivo de quebrar o galho de outros que foram menos favorecidos pela natureza nesses quesitos. Traduções de livros-texto, documentários e bulas de remédio, revisões de trabalhos científicos, um servicinho aqui e ali como *ghost-writer* para médicos e cientistas que acham que uma cultura geral é dispensável se você consegue um título acadêmico alto o suficiente, e vou tocando a vidinha. Não vou ficar rica com isso, mas dá pra viver. Também não é emocionante. O bom da coisa é não ter de sair de casa. Pensando bem, acho que melhor ainda é não ter de enfrentar classe após

classe de alunos pentelhos, como fiz durante oito anos de minha vida. Não me arrependo dos anos de docência, mas também não me arrependo de ter largado dessa vida.

Não é normal que eu trabalhe até as duas da manhã. Mas aquela não havia sido uma noite muito normal. O Estevão havia feito uma visita surpresa, acompanhado por uma garrafa de vinho, que ele sozinho bebeu quase toda. Pensei que finalmente ele tivesse desconfiado de que algo não ia bem, e que tinha por fim resolvido vencer seu medo masculino e descobrir se a gente ainda tinha jeito. Na minha opinião não tinha, mas ele não pediu minha opinião, eu não dei, e depois que ele secou a garrafa, a gente terminou fazendo o que mais cedo ou mais tarde até os casais que não estão muito bem fazem. Não é que não fosse bom, mas é que não era bom o suficiente. Não o suficiente pra justificar que eu tivesse de varar a madrugada trabalhando pra compensar o atraso. E se eu não tivesse sido firme, teria agora na minha cama um cara carente que ia acordar de cinco em cinco minutos perguntando por que é que eu ainda não estava lá abraçadinha nele.

Então. Eu estava trabalhando num artigo de arrancar os cabelos. Era algo de ecologia, um experimento com ninhos artificiais, ovos de codorna e corujas de plástico que me pareceu uma das coisas mais estúpidas que eu havia lido em minha vida. Digno do prêmio Ig-Nobel, conhece? Eu não conseguia entender bem o que os autores queriam dizer em português, e desse jeito como é que eu ia conseguir transformar em inglês? Acho que o problema era que os próprios autores não se entendiam uns aos outros, imagine só, eram dez autores! Nunca pensei que houvesse, no mundo inteiro, dez pessoas interessadas em ninhos artificiais, ovos de codorna e corujas de plástico, e quis o acaso que elas existissem, fossem todas brasileiras, se encontrassem e conseguissem escrever um artigo juntas... A vida não é mesmo uma beleza?

Tinha decidido que para a reunião no dia seguinte — não, agora já era naquele mesmo dia — eu não levaria a tradução pronta, como eu tinha prometido antes, mas que pediria aos autores presentes — será que estariam lá os dez? — que me sanassem as dúvidas, deixando claro que, com aquele português assustador, pouca gente

ia conseguir entender como as idéias deles eram sensacionais. Ops, saiu sarcástico? É, às vezes, não consigo mesmo me controlar.

A campainha soou. Dei um pulo na cadeira e minha bunda doeu. Eu tinha caído sentada uns tempos atrás, aliás na noite em que conheci minha amiga vampira. Se fosse em filme ou livro, esse tipo de coisa não teria acontecido — quem já viu herói cair sentado e ficar semanas dolorido porque aconteceu não-sei-o-quê com a ponta do cóccix? Mas na vida real acontece, e eu ainda estava me recuperando, e com dor na bunda.

Já era estranho alguém tocar a campainha de meu apartamento. Testemunha de Jeová, vendedora de Yakult, gente pedindo caixinha de natal, esse tipo de coisa o porteiro barrava lá embaixo. Meus amigos eram mais do tipo que mandaria *e-mail* ou telefonaria em vez de visitar, salvo uma exceção.

Mas essa costumava entrar pela janela.

Campainha, e ainda por cima às duas da manhã? Bêbado em apartamento errado, só pode. Ou bêbado em apartamento certo, quem sabe o Estevão voltando depois de procurar as chaves do carro durante duas horas antes de decidir que estava bêbado demais para pensar.

Olhei pelo olho mágico. Um homem, e não era o Estevão. Alto. Bonito. Uau! Tocando minha campainha às duas da manhã? Nããão, essas coisas não acontecem comigo. Tinha de ser engano. Ou quem sabe um tarado. Um psicopata. Homem alto chegando na minha casa às duas da manhã era algo que não acontecia comigo desde minha separação, faz... ah, deixa pra lá. De qualquer forma o ex não era tão bonito assim, e era horrível quando ele chegava às duas da manhã.

Mas esse cara parado na frente da minha porta... me fez descobrir que alguns hormônios que há muito pensava extintos ainda estavam bem presentes em meu corpo. E também que eu ainda conseguia reagir como uma adolescente idiota. Recuperei minha compostura.

— Quem é?

— Eu queria falar com a Clara. Maria Clara Baumgarten — a voz podia ser melhor, mas não era feia. Tinha um sotaque leve, de que, não sei.

E não era engano. Maria Clara Baumgarten sou eu.

— E quem é que quer falar com a Clara? — não basta saber meu nome pra ir entrando na minha casa assim sem mais nem menos.

Ele pareceu hesitar.

— Eu sou... amigo... da Lucila.

Rápida, olhei de novo pelo olho mágico. Idiota, como não tinha reparado antes naquela palidez cadavérica? Alto e bonito daquele jeito, tinha de ter algum defeito. Claro, era vampiro. E pelo visto não tinha comido hoje.

Abri a porta. Não, não sou maluca. Eu estava com raiva, da Lucila, por ficar dando meu endereço sem mais nem menos pra turminha dela. Ela ia ouvir, ah ia...

— Fala.

— Não me convida pra entrar?

— Não — seca, profissional. — Fala, o que você quer?

— Bom, desculpa vir assim nessa hora, mas... eu precisava ir pra algum lugar, e... — ou aquele era o primeiro vampiro tímido de que se tem notícia ou ele era muito bom ator.

— Escuta aqui — disse eu, desconfiada. — Você não tá querendo um lugar pra passar o dia, não, né? Já vou avisando que eu gosto de ficar com as janelas abertas durante o dia, o sol iluminando tudo, essas coisas. Nada de hospedar vampiro... E além do mais a noite ainda é uma criança, tem muito tempo ainda pra você encontrar um moquifinho legal e bem escuro, um cemiteriozinho dando sopa...

— Não, não, nada disso, me desculpe se não me fiz entender — ele se mexeu, e a linguagem involuntária do corpo berrava "embaraçado!" — Eu preciso de ajuda, e eu achei que você... bom...

— Eu?!? — dei uma risadinha incrédula. — Eu ajudando um... vampiro?

— Você tem ajudado a Lucila...

— Pode esquecer. A Lucila é uma coisa, você é outra. Ela é minha amiga. Não sou isca profissional, querido — eu já ia fechando a porta na cara dele.

— Espera, espera, não faz isso, você me entendeu errado de novo...

O telefone tocou naquele momento. Eu não acredito em coincidências. Deixei a porta aberta enquanto ia atender. Já levantei o fone distribuindo porrada.

— Tem um amigo teu aqui. Que história é essa de ficar dando meu endereço pra qualquer vampiro que apareça?

— Filho da puta, ele prometeu que esperava eu ligar antes. Deixa eu falar com ele.

— Nada disso, Lucila, conheço teus truques. Tô aprendendo, sabia? Convido pra entrar porque a dona Lucila quer falar com ele ao telefone, e uma vez aqui dentro ele está livre pra fazer o que quer que vocês tenham planejado, do tipo... já que ela está resistindo ao charme de uma vampira, quem sabe o negócio é um vampiro moreno, alto, bonito e sensual pra apresentá-la às delícias do sangue. Invente outra, menina.

Ela riu. Ela sempre ria quando eu a chamava de menina. Ela parecia ter uns vinte anos, ou um pouco menos, mas era mais velha do que eu. Quanto, eu ainda não tinha descoberto.

— Acha que eu ia usar um truque desses com você?

— Acho.

Ela riu de novo. Arma boa pra uma vampira, essa risada cristalina que com certeza tinha ajudado a seduzir muitas e muitas de suas vítimas.

— É por isso que eu te adoro. Você é tão esperta... — de repente a voz dela ficou séria. — Clara, ajuda o Daniel. Ele está em uma encrenca das boas. Não tem truque nenhum. Ele tá limpo. Não é o mais decente dos caras, mas... — ela hesitou. — Bom, eu não gosto muito dos métodos dele, mas pelo menos ele é um daqueles vampiros que não matam as vítimas. Acho que pra você isso conta, né?

Contava, sim. Um vampiro que não é assassino. Essa eu precisava ver.

— Tá legal, Lucila. Vou deixar ele entrar, mas só porque tô confiando em você.

De novo aquela risadinha alucinante.

— Ele não vai fazer nada, Clara, fica tranqüila. Eu expliquei direitinho o que ia acontecer se ele desse uma mordidinha que fosse

em você... — e de novo a risada —... contra a sua vontade, claro.

— Claro — desliguei sem me despedir. Essas piadinhas dela me contrariavam, mais do que eu gostaria de admitir. Hum.

— Entra.

— Obrigado — ele foi entrando e se instalando numa poltrona, justo minha preferida, caramba, que falta de cerimônia! Mas essa falta de cerimônia lhe caía tão bem... Moreno, alto, bonito e sensual. Além de letra de música ruim, era uma combinação irresistível e uma descrição bastante fiel do homem que estava à minha frente. Ele devia ter por volta de um e noventa, talvez pra mais. Uns traços largos, ossos grandes, mãos grandes, não era magro mas não chegava a ser corpulento, nem musculoso. Pro meu gosto, no ponto. Parecia ter pouco menos de trinta anos, mas é claro, para um vampiro isso não quer dizer nada. Olhos muito escuros, embaixo de sobrancelhas retas, sérias e incrivelmente masculinas. O cabelo escuro e quase liso estava preso num rabo-de-cavalo displicente. Camiseta e *jeans* pretos, bem *clean*. Barriguinha, nem sombra. No todo, um conjunto interessante. Muito interessante.

Clara! Deixa de ser besta. Esse cara não é um cara, é um vampiro. Repita comigo: vam-pi-ro.

Fiquei em pé, de frente pra ele, e cruzei os braços. Eu é que não ia me acomodar numa poltrona como se estivesse a fim de um papo de horas. Já passava das duas, eu estava morrendo de sono e ainda tinha um trabalho pra terminar. Hum, boa abordagem.

— Bom, fala aí. Rápido e sem enrolação. Já passa das duas, eu estou morrendo de sono e ainda tenho um trabalho pra terminar.

Inclinado para diante, pernas abertas, cotovelos apoiados nelas e dedos entrecruzados à sua frente, ele olhou para as mãos por um instante, como se não soubesse por onde começar. Mau sinal. A coisa era complicada.

Ele levantou os olhos para mim.

— Não sei o que você sabe sobre a gente... os vampiros, quero dizer.

— Não muito, descobri algumas coisas observando a Lucila, mas ela não costuma dar muita informação quando a gente pede...

Ele esboçou um sorriso. Juro que ele sabia que aquele era mais um dos truques dela. Perdi a conta de quantas vezes eu fiz uma pergunta sobre os vampiros e ela só riu e fez a mesma proposta, me deixa te morder e eu respondo. Nunca deixei, ela nunca respondeu.

— O que você sabe, exatamente?

Me sentei, mandando à merda a tradução daquele artigo científico babaca. Que se danasse a reunião do dia seguinte. Isto aqui tinha um potencial interessante, eu via naquele vampiro gostosão a chance de conseguir um monte de respostas às dúvidas que haviam se acumulado nos últimos meses. Unir o útil ao agradável, rá!

— Um resumo sucinto. Vocês só se alimentam de sangue, e até onde sei são incapazes de ingerir qualquer outro tipo de alimento. Vocês não precisam se alimentar todas as noites, pelo menos já vi a Lucila varando a noite sem... hum... caçar. Vocês não caem no sono automaticamente quando o sol nasce, vocês apenas se escondem, e pode ser em qualquer lugar, a Lucila de vez em quando passa o dia aqui em casa. A luz do sol mata vocês definitivamente, mas ainda não sei se outros métodos são eficientes... — dei uma paradinha estratégica. Quem sabe ele engolia a isca e ia preenchendo as lacunas.

Ele acenou com a cabeça e disse pra continuar. Não preencheu lacuna nenhuma. Não confirmou nenhuma de minhas afirmações. Droga. Não sei se consegui esconder meu desapontamento, mas fui em frente.

— Vocês são mais fortes e mais rápidos do que as pessoas... normais — eu ia dizer apenas "pessoas", mas achei melhor ser diplomática. — Vocês conseguem voar, e eu juro que ainda não entendi de que jeito... — ele apenas sorriu e não ofereceu nenhuma explicação, de forma que continuei. — Vocês têm reflexo nos espelhos. A mordida de vocês não é suficiente pra transmitir a sua... condição, quer dizer, se a pessoa for só mordida ela não vira vampiro, precisa algo mais, mas a Lucila não me explicou como é que a coisa acontece. A Lucila não foge do alho, mas de cruzes e de água benta ela não gosta nem um pouco — foi minha vez de sorrir. — Eu sei por que andei fazendo umas experiências.

— Experiências... com a Lucila? — ele ergueu uma sobrancelha e me olhou como se eu fosse uma criança dizendo "adivinha, mamãe, hoje brinquei com a moto-serra do papai". Hum, tá. Fingi ignorar a reação dele, e o leve mal-estar que me causou, mas arqueei o dado para futura referência.

— Bom, acho que é isso. Não é muito...

Ele inspirou fundo enquanto se inclinava para trás na poltrona e cruzava as pernas, e ficou me olhando por um longo instante. Era como se estivesse me avaliando para um emprego pelo qual eu estivesse desesperada. Engraçado como os papéis tinham mudado sem que eu percebesse. Era ele quem estava dando as cartas agora. Nem sombra da timidez inicial. Então. Muito bom ator, decidi.

De repente caiu a ficha e saquei que tinha sido extremamente ingênua em achar que ia conseguir dele as informações que Lucila tinha negado. Jogos dentro de jogos. Sem dúvida ela havia se assegurado de que o gostosão aqui na minha frente não estragaria nenhum de seus joguinhos. Ameaças, cumplicidade, o que quer que fosse. Filha da puta. De repente eu me senti muito cansada, com vontade de ir pra cama.

— Tá legal — suspirei. — Chega de brincadeiras, já saquei que sou uma idiota, que tô perdendo meu tempo tentando ser mais esperta que um vampiro. Vocês vão me forçar a fazer o que vocês querem, quer eu esteja a fim ou não. Pode começar a explicar o que eu vou ter de fazer. Tô ouvindo...

Pelo menos ele não insultou minha inteligência declarando-se inocente. Ele apenas sorriu, um daqueles sorrisos breves que a gente dá a despeito de nós mesmos quando estamos muito sérios e alguém diz algo incrivelmente espirituoso. Sorriso breve, mas belo. Belíssimo. Clara, controle-se.

— A Lucila contou sobre minhas... atividades?

— Ela só falou que você não é o mais decente dos caras, que ela não gosta muito dos seus métodos, mas que você não mata as suas vítimas. E que eu devia levar isso em conta.

— Tá. Hã... você tem o jornal de domingo?

— Hein?

— Quero te mostrar uma coisa.

Por acaso eu tinha. Ele procurou a revista que vinha encartada, abriu na seção de Classificados Pessoais e jogou para mim.

— Homem procura mulher. Última coluna, "Quero você".

Achei.

**QUERO VOCÊ** - sentir meus lábios em seu pescoço,  
seu gosto em minha boca, seu sangue quente. Alto e sensual,  
quero fazer  
parte de sua vida, e fazer você sonhar o que nunca sonhou. CP

832

— Que brega! — tem horas que a minha boca é grande demais, mas aquilo realmente era extravagante. — Quer dizer que você procura suas vítimas...

— Clientes — ele corrigiu.

— Tá. Você procura suas... clientes... pelo jornal. E tem gente que responde?

Os olhos dele estavam fixos em mim, escuros e faiscantes. Um arrepio me percorreu a espinha. Ainda bem que eu estava sentada. Se estivesse em pé ele perceberia que meus joelhos tinham virado geléia.

— Da primeira vez que o anúncio saiu nesse jornal, oitenta e três ligações. Três de homens, vinte e duas de sadomasoquistas. Nesses eu não tenho interesse. Das outras, trinta e duas viraram clientes.

— Clientes — eu não tinha certeza de estar entendendo.

— É.

— E quantas... clientes você tem?

— Setenta e cinco, oitenta, não gosto de ter muitas.

— Ah.

Ele continuava me olhando daquele jeito. E eu não conseguia desgrudar os olhos dele. Estava começando a me sentir desconfortável. Engoli em seco. Eu não queria fazer a próxima pergunta.

— Como... é que a coisa... funciona?

— Bom, você sabe, algumas pessoas se excitam quanto são mordidas pelo parceiro. Deve ter algo a ver com algum ritual

amoroso de algum remoto ancestral do ser humano, porque não chega a ser masoquismo, não é a dor que elas querem, é a mordida em si que é excitante. São mulheres assim que me interessam. Eu ofereço o que elas querem, elas me dão o que eu preciso, nada de violência, nada de mortes, nada de dor de cabeça para me livrar de cadáveres, nada de polícia enchendo o saco.

— E você... transa com as... clientes? — isso definitivamente não era da minha conta, mas a curiosidade era demais, e eu tinha de perguntar.

— Não se eu puder evitar — o rosto dele se iluminou com um sorriso largo, de enlouquecer, será que todos os vampiros tinham essa habilidade? — Mas em geral elas nem pedem.

— Sentir prazer com uma mordida. Como é que alguém... — Ele se moveu tão rápido que eu só percebi quando já estava a meu lado. Aqueles olhos... eu não conseguia olhar para outra coisa senão aqueles olhos escuros, quase negros, que prometiam um não sei o quê, mas um não sei o quê irresistível. Ele me estendeu a mão, num convite para que eu pusesse a minha na dele. Não foi totalmente contra minha vontade que aceitei, mas tampouco estava no pleno controle de meus atos. Ele segurou minha mão, e puxando-a delicadamente me fez levantar da poltrona. Eu estava em pé junto dele, e relutava em tocá-lo com meu corpo. Deus, ele era alto! Ele levantou minha mão, ainda segura na dele, e baixou a cabeça até que seus lábios se encontraram com a pele fina da parte de dentro do pulso, num beijo suave e demorado. Hum. Fechei os olhos, agora sim completamente contra a minha vontade. Mas aquilo era tão bom! Eu sentia a cabeça leve, nada mais me importava a não ser a sensação de seus lábios me tocando. Com uma das mãos ele segurava meu pulso, que continuou beijando e acariciando com a boca enquanto passava o outro braço por minha cintura e me puxava para ele, num abraço *caliente*. Meu corpo estava colado no dele. O carinho de seus lábios macios em meu pulso... uau! Senti quando seus lábios se entreabriram. A língua tocou de leve minha pele e senti o mais breve roçar de seus dentes. Passou por minha cabeça, vou ser mordida por um vampiro, aqui e agora, e macacos me mordam se isso não é tudo o que eu quero nesse momento. A

boca e os beijos dele passaram do pulso para minha orelha, e eu podia sentir sua respiração na pele sensível do lado do rosto. Aquilo era *mesmo* bom.

Eu esperava... não, eu *ansiava* pelo momento em que eu ia sentir a pressão de seus dentes...

Eu senti quando seus lábios, encostados em minha orelha, formaram um sorriso.

— A Lucila me mata se eu morder você — murmurou ele na minha orelha, ainda sorrindo, antes de me soltar e voltar a se sentar na poltrona, onde cruzou as pernas e ficou refestelado, me olhando com ar de vitória. Completamente à vontade, claro.

Fechei os olhos e respirei fundo. Meu coração estava aos saltos, minha boca estava seca e minhas pernas mal me agüentavam. Cruzes!

— Você ia perguntar como é que alguém o quê? — disse ele.

— Esquece — eu ainda estava tentando controlar a batucada enlouquecida do meu coração. E decidir se eu tinha algum motivo pra ficar profundamente envergonhada por minha fraqueza ampla, geral e irrestrita. Essa não era eu, cair nos braços do primeiro vampiro alto e sedutor que entrasse pela minha casa adentro. Hum. Não, essa não era eu. De repente surgiu a semente de uma desconfiança. — Escuta aqui, você andou jogando pra cima de mim algum desses lances psíquicos de vampiro?

— Muito bom, dona Clara, não é todo mundo que percebe os truquezinhos desse cara — disse a voz de Lucila às minhas costas.

## II

Cacete, que susto!

Me virei, e Lucila estava em pé, braços cruzados, apoiada na porta de vidro que dava para a sacada. Suas faces estavam rosadas, provavelmente tinha pego por aí algum ladrão pé-de-chinelo antes de vir para cá. O vento movia de leve seu longo cabelo liso e um meio sorriso brincava em seus lábios delicados, sem chegar aos grandes olhos castanhos, que estavam fixos em Daniel. Sabe aquela frase, *se olhar matasse*? Pois é.

— Há quanto tempo você está aí?

— Desde que esse filho da puta sacana e mentiroso tentou te colocar em transe pra chupar teu sangue, agorinha mesmo.

Hum, então era pra valer, é? Não era só uma aula sobre metodologia do amante vampiro? Caralho!

— Você entende agora por que é que eu não gosto dele? Ele chuparia o sangue da própria mãe, se ela tivesse grana suficiente pra pagar o preço que ele cobra das "clientes" dele.

Caramba! Vampiro de programa? Essa era nova.

— Gostei dela, Lucila. Pena você ter interrompido. Ela também estava gostando. E eu nem ia cobrar nada...

Ela se aproximou dele. Lucila podia ser pequenina, ter aquela aparência quase adolescente, e parecer a mais doce das criaturas se isso fosse conveniente, mas naquele momento ela irradiava uma ameaça tão evidente e tão intensa que até uma tartaruginha de aquário sairia correndo assustada.

— Chega de brincadeira, Daniel. Algum dia esse seu charme não vai ser suficiente e eu vou arrancar seu coração e esmagá-lo bem na frente dos seus olhos — dava pra ver nos olhos dela que ela realmente faria aquilo. — Mas não hoje. Temos um problema a resolver.

E essa é Lucila, direta e prática. Sempre. Fiz uma anotação mental: arrancar o coração de um vampiro é uma coisa ruim pra ele. Será que dá pra matar um vampiro assim?

Entre os dois, me contaram a coisa toda.

Era uma história inacreditável. Como se já não bastasse que aquele monumento à testosterona fosse um vampiro de programa.

Suas "clientes" estavam sendo assassinadas.

Cerca de três meses antes, Daniel chegou à casa de uma "cliente", uma viúva rica e enxutona, onde foi recebido à porta, como de rotina, pela empregada. Mas a rotina parou por aí. A empregada estava em lágrimas. Dona Mila, coitadinha dela, tinham matado a dona Mila, judiação. Mortais morrem, para Daniel aquele era um fato da vida, mas o que o deixou um bocado inquieto foram os detalhes. O corpo foi achado do lado da piscina, onde os dois sempre costumavam se encontrar para seus momentos de romance. Havia a marca de uma mordida no pescoço. Segundo a empregada, a autópsia havia sido feita, mas não tinha sido possível determinar a causa da morte. Enquanto a mulher contava, Daniel chegou à conclusão de que o sangue não havia sido sugado, pois esse tipo de coisa não ia passar batido na autópsia. Isso não parecia coisa de vampiro. Por que um vampiro mataria uma inofensiva *socialite* entediada se não fosse para se alimentar? Não fazia sentido. Aquela crime devia ter sido cometido por um mortal. Mas nesse caso... por que a mordida? Uma brincadeira de mau gosto? Não tinha sido roubo, a empregada não deu pela falta de nada, até as jóias que a falecida usava estavam todas no lugar. Era alguém que ela conhecia, e com certeza alguém que ela estava esperando, pois havia uma garrafa de vinho aberta, duas taças preparadas mas não usadas. A mesma marca de vinho, tinto, claro — *rá, pensei, vinho tinto!* —, as mesmas taças com que ela costumava receber Daniel. Não, dona Mila não recebia ninguém mais além de Daniel, não que ela soubesse, disse a empregada já não tão moça, penalizada com o choque estampado no rosto do namorado da dona Mila — *bom ator*, pensei de novo — coisa horrível descobrir não só que a namorada tinha sido assassinada, mas que ela o havia traído, e ainda por cima que o assassino havia sido o *outro*.

O assassinato e as circunstâncias não chegaram a assustar de verdade o vampiro. Tá, alguém sabia dos encontros entre ele e aquela mulher, conhecia detalhes. O lugar, o vinho, as mordidas. E daí? Talvez algum herdeiro tivesse desistido de esperar que madame batesse as botas sozinha e resolveu dar uma mãozinha. A própria empregada podia ter se cansado da patroa. Um outro amante tentando alguma novidade erótica. A autópsia não conclusiva podia ser apenas a consequência de um legista sonado demais pra encontrar algo bem óbvio. Podia haver um milhão de explicações lógicas e perfeitamente simples. O problema havia sido todo dela, a coisa não era com ele. Ele garantiu o silêncio da empregada com algumas lágrimas tristes que brotaram de seus olhos, um beijo comovido na face e um pequeno monte de notas de cem reais. Virou a esquina sem olhar pra trás e literalmente se afastou voando daquele lugar, para nunca mais voltar.

A tragédia não alterou sua vidinha tranqüila de vampiro de programa. Nas semanas seguintes, nada anormal aconteceu. Ele visitava as clientes, sangrentos rituais amorosos transcorriam na mais absoluta normalidade, várias "clientes" novas passaram a fazer parte de seu rebanho. Ele quase esqueceu aquela fatalidade estranha que afetara uma peça absolutamente irrelevante de seu jogo.

Mas apenas quase. Numa certa noite, ele fazia o que chamava de "checagem do rebanho". De tempos em tempos ele percorria a cidade, visitando o maior número possível de clientes. Se estivessem sozinhas, um oi, uma flor, uns beijos e a promessa de que em breve haveria mais. Um gesto romântico e calculado para manter a fidelidade e o desejo acesos. Não dava pra visitar todas na mesma noite, mas era eficiente. A sétima ou oitava mulher que ele visitou, uma feliz dona de casa cujo marido era um santo, e cego aos desejos da mulher, não estava em casa. A cama estava vazia. O marido dormia na sala. Daniel sentiu um cheiro de morte, tênue, mas presente — nota mental: vampiros tem um olfato mais aguçado que o nosso — e ficou inquieto. No dia seguinte ligou para a mulher. Atendeu outra pessoa, dona Sandra faleceu, dois dias atrás, coisa horrível, assassinada, devem ter... hã... feito mal pra ela, coitada,

estava na cama e tinha marca de dentes no pescoço. Coisa horrível mesmo.

Aquilo não era coincidência. Alguém sabia o que ele era e estava matando suas mulheres. A coisa era com ele, sim.

Nas noites seguintes, quase em pânico, ele conseguiu se certificar de que todas as outras clientes estavam vivas. Mas aquilo não era vida, elas eram quase oitenta, espalhadas por toda a cidade de São Paulo e por alguns municípios vizinhos. Existem limites para o que um vampiro consegue fazer entre um pôr e um nascer de sol!

As duas semanas seguintes ele passou sobressaltado. Vigiava as casa das clientes, fazia rondas. Mas no fundo ele sabia que era quase impossível que esses atos tivessem alguma eficiência. Ele poderia estar aqui velando por uma mulher, enquanto naquele exato momento uma outra estava sendo morta do outro lado da cidade.

A situação continuou inalterada até a noite passada. Ele iria à casa de uma cliente casada, que ligara para o celular dele a partir de um telefone público, três dias antes. Essas novas contas telefônicas, cheias de detalhes, pra quem você ligou, de onde te ligaram, quanto durou a chamada, vieram pra complicar a vida das mulheres casadas, mas elas sempre davam um jeito de tapear os maridos. Quando ele chegou, só encontrou a casa vazia, e novamente o cheiro de morte e de sangue ainda pairando no ar. Ele ligou várias vezes durante o dia seguinte, o dia todo, ninguém atendeu. Ele não tinha como ter certeza, mas apostava que tinha acontecido de novo.

Finalmente ele se assustou. Pediu ajuda a Lucila. Ela sugeriu meu nome.

— Por que eu?

— Por que não? — devolveu Lucila. — Não acho que seja um vampiro quem está matando essas mulheres, porque o sujeito só morde, e não parece interessado no sangue. E se é um mortal, vamos precisar de alguém que tenha o ponto de vista de um mortal. Você já sabe mais do que deveria sobre a gente, e não são muitos os mortais que sabem tanto e que continuam vivos, ou mortais — ela deu um sorrisinho, e isso me arrepiou toda — Eu sei que você é inteligente o bastante pra não sair espalhando estorinhas de vampiro por aí, então por que não você? Por que arriscar com outra pessoa

que no fim talvez até tivéssemos que matar para não se tornar uma ameaça?

Bons motivos, e suficientes.

— E por que você? Que interesse você tem em ajudar esse cara?

— Interesse em ajudar ele, nenhum. O motivo é outro — poucas vezes eu tinha visto Lucila tão séria assim — Até agora só nós sabemos que essas três mortes estão ligadas entre si. Mas no momento em que mais alguém fizer a conexão entre elas ou entre as próximas vítimas que aparecerem com mordidas no pescoço... — à menção de futuras mortes olhei de relance para Daniel, e abaixei os olhos depressa. Ele estava olhando para mim, não para Lucila —... pode ter certeza de que não vai demorar para a aparecer algum esperto procurando vampiros. Ou por mortais que agem como vampiros. Nós não podemos correr o risco de ser descobertos.

— Assim é Lucila, sempre paranóica com a possibilidade de uma caça às bruxas — disse Daniel, com aquele tom que uma tia usa ao comentar uma mania tola do sobrinho de cinco anos.

— Daniel, por favor... — havia uma dose tão grande de irritação nessas palavras tão comuns, e ditas de forma aparentemente tão educada, que decidi que seria melhor fingir não ter ouvido o comentário do vampiro.

— Mas e as *suas* vítimas, Lucila? Os ladrões que você seca e larga por aí... — perguntei.

— Nesses ninguém presta atenção, Clara, e você sabe disso. Do jeito que a polícia encontra os presuntos dos bandidos, ela desova em algum cemitério clandestino. Com esse tipo de morte os caras não se preocupam. Pra que investigar? Alguém está fazendo o serviço sujo pra eles, eles ficam agradecidos e fim de papo. Não vão sair por aí fazendo perguntas. Agora, as madames do nosso Don Juan aqui são outra coisa. Senhoras de respeito, da sociedade, famílias de bem, você imagina que repercussão teria uma série de assassinatos inexplicados dessas mulheres?

É. Todos são iguais perante a lei, mas uns são bem mais iguais que os outros.

Fiquei imaginando como seria se uma história assim caísse no colo de uma emissora de tevê daquelas bem sensacionalistas. Nossa,

num programa mundo-cão ia virar um carnaval!

Dava pra entender a preocupação dos dois vampiros.

Uau! Olha eu ali, em plena madrugada, com dois vampiros em minha sala de estar, brincando de investigar uma série de crimes misteriosos. Imaginei como seria meu cartão de visitas. *M. C. Baumgarten, detetive particular. Sigilo e eficiência.* Legal, né? Não havia muita informação pra analisar. Três das mulheres de Daniel mortas em menos de três meses e até onde ele sabia ele era o único que tinha as informações sobre quem elas eram e onde moravam.

Sem falar em suas fantasias sexuais.

— O pessoal da revista? Não poderia ser um deles? Afinal, cada anúncio deve passar pelas mãos de um bocado de gente — sugeri, começando pela possibilidade mais óbvia.

— O pessoal da revista tá limpo — respondeu o vampiro. — Antes de começar a publicar os anúncios eu tomei uma série de providências... pra preservar minha intimidade. Descobri quem eram, fiz umas visitinhas noturnas, algumas sugestões ao pé do ouvido, me certifiquei que ninguém ia ser curioso, ou ter idéias...

Olhei para Lucila.

— A... Voz?

Ela fez um discreto sim com a cabeça.

Hum. Tá. Então não era só a Lucila. Pelo visto eram todos os vampiros que tinham aquele jeito especial de convencer as pessoas a se comportar como eles quisessem. A Voz vampírica, suave e sedutora, uma voz carregada com um poder de sugestão incrível ao qual era impossível resistir. O vampiro manda e você obedece, e não tem por onde. Mais de uma vez eu já tinha sido testemunha de sua eficiência. Se Daniel dizia que tinha tomado providências, eu não duvidaria um instante. O pessoal da revista estava limpo. Ponto final.

— Uma agenda. Você não tem essas informações numa agenda que alguém possa ter roubado, copiado, algo assim? — tentei de novo.

— Minha agenda eletrônica. Sempre comigo. Com senha. Sem chance.

— As mulheres se conheciam entre si?

— Acho difícil. Numa cidade desse tamanho... — ele fez um gesto largo com um braço.

— Uma não podia ter indicado você pra outra? — levantei-me, fui até o escritório e voltei com um caderno e uma caneta.

Anotei nomes. Idades. Endereços. Há quanto tempo eram clientes quando morreram. Hum. As três estavam sendo visitadas pelo vampiro por menos de dois meses antes de morrerem. Aqui parecia haver algo estranho.

— Nem tanto — informou Daniel. — Nunca mantenho uma cliente por mais de quatro ou cinco meses. Sangue anêmico não tem muito sabor.

Tá. Homens, todos iguais, sejam vampiros, sejam mortais. Aparecem na sua vida, te enfeitiçam, sugam seu sangue, prometem mundos e fundos, e um belo dia saem voando e não voltam mais. Pior ainda aqueles que não saem voando, mas que continuam sugando seu sangue pra sempre.

— Hum. Tá. Não sei mais o que procurar entre as mortas. Me dá as informações das vivas.

Ele olhou desconfiado para Lucila, que lhe devolveu um olhar entediado.

— Fica frio, que eu ia fazer com a lista das suas peruas? Os meus marginais são muito mais divertidos.

— Pra quem não se importa com a apresentação dos pratos...

— E o cheiro? Como você consegue beber alguém que toma banho com perfume cafona?

— Se os seus pelo menos tomassem banho de vez em quando...

— Pelo menos eu não tenho que ficar trocando beijinhos e carinhos com mocréias pra conseguir uma refeição decente.

— Rá, decente! Aposto que o sangue dos teus queridinhos tem uma gradação alcoólica mais alta que a da vodca... Tá explicado, só bêbada mesmo pra conseguir curtir aqueles trastes.

— Uma dúvida: você passa um paninho com removedor antes ou enche a boca de maquiagem quando morde?

Quase quatro da manhã e eu escutando dois vampiros trocando insultos sobre seus hábitos alimentares. Naquele momento exato

percebi que não tinha mais forças para continuar com aquilo tudo, e dei um bocejo gigantesco.

Eu tinha chegado ao fim da linha.

— Olha, gente, vocês vão me desculpar, tá tudo muito interessante, mas eu sinto muitíssimo. Não agüento mais, e o dia amanhã vai ser meio brabo. Tô indo pra cama. Fiquem por aqui o quanto quiserem e podem deixar a porta da sacada aberta quando saírem. Daniel, deixa a lista da mulherada, sim?

— Se você vai dormir eu vou embora — ele se levantou. — Vou ver se ainda faço uma visita e consigo descolar uma boquinha por aí. Me dá seu endereço eletrônico que mais tarde te mando a lista pela Internet.

Claro, um vampiro atualizado. Dei meu *e-mail*, ele anotou na agenda eletrônica. Em seguida, veio até mim e estendeu a mão para se despedir, um gesto comum e inofensivo em resposta ao qual, num ato reflexo, estendi minha mão. Ele a tomou e com uma medida a beijou, murmurando "encantado por conhecê-la" enquanto acariciava o dorso de meus dedos com o polegar. Meu coração bateu mais forte, minhas pernas bambearam, minha respiração parou. Não de novo!

— Daniel! — Lucila e eu gritamos ao mesmo tempo. Ele deu uma risada maravilhosa e saiu. Pela porta. Ainda não ia ser agora que eu veria um deles levantando vôo. Pensei na olhada que ele me lançou antes de fechar a porta e fiquei imaginando quanto tempo demoraria até que eu o visse de novo.

— Posso ficar e passar o dia por aqui? — perguntou Lucila, de um jeito casual e inocente, que não me enganava nem por um segundo. Seus olhos estavam sérios, e eu percebia neles uma ponta de preocupação.

— Como quiser — se ela estava a fim de montar guarda para a eventualidade dele voltar, por mim tudo bem. Droga... quem eu queria enganar? Estava mais do que tudo bem. Se ela não tivesse sugerido, acho que eu teria pedido que ela ficasse. Não, não acho. Teria.

Não dormi bem. Rolei pela cama sem ter certeza de estar dormindo ou não. Tinha calor se me cobria e frio quando afastava a

coberta. Revivia os lábios de Daniel em meu pulso, me perdia de novo em seus olhos escuros e desejava uma vez mais que me mordesse. E logo em seguida tentava, amedrontada e em vão, me convencer de que esses desejos, meus desejos, vinham apenas de seu poder de se insinuar na mente das pessoas... Uma ou duas vezes adormeci de verdade e acordei assustada com sonhos de mulheres mortas deitadas em camas, sentadas em sofás, boiando em piscinas. Já estava perto do dia amanhecer quando caí num sono pesado, finalmente.

### III

Acordei às oito, graças à obediência, sempre pontual, sempre irritante, do despertador. "Onde eu tava com a cabeça ontem quando achei que oito era uma hora boa pra levantar"? pensei embaixo do chuveiro, enquanto tentava fazer o cansaço e o sono escorrerem ralo abaixo, junto com a água morna e a espuma do sabonete.

Já me sentia quase gente quando dei bom dia a Lucila ao cruzar a sala em direção à cozinha. A sala estava devidamente protegida pelas pesadas cortinas que a própria vampira tinha mandado instalar semanas atrás. Na época eu não tinha gostado nada daquilo, um indicativo das intenções dela de se tornar assídua freqüentadora de minha vida. Mas se no passado eu havia sido capaz de me acostumar à presença constante de um marido, porque não me acostumaria com a presença ocasional de uma vampira?

A vampira estava acomodada — claro! — em minha poltrona preferida, entretida com um livro. Lucila nunca vai dormir muito cedo, algo assim como uma vampira boêmia, que vara as manhãs acordada. E ela se diverte muito com meus livros de vampiros. Fazia algumas semanas que eu tinha começado a gostar de ler esse tipo de coisa. Dá pra entender por que, não?

— Bacana esse aqui. Eu não conhecia. A autora tem uma imaginação e tanto! Essa história de misturar os vampiros com lobisomens, e com gente que vira pantera, ratazanas gigantes, é um disparate, mas eu gostei. Você tem a série toda? Me empresta?

— Claro, Lucila, mas você vai ter que ir procurar você mesma na estante. Tenho uma reunião e tô morrendo de pressa.

— Clarinha, não vem reclamar pra mim, querida. Você sabe que esse tipo de problema tem uma solução muito simples. Se eu te transformasse, você não ia mais ter que se preocupar com atrasos, reuniões... — ela deu uma risadinha.

Era uma brincadeirinha e não era. Era uma piada inconseqüente e não era.

— Lucila... dá um tempo, ok? — tentei parecer desencanada, mas tinha certeza de que Lucila lia a tensão em minhas palavras tão bem como se eu tivesse gritado histérica. Ela podia ser minha amiga, mas me assustava. Muito.

Especialmente quando não fazia nenhum esforço para assustar. Ela sabia. E se divertia.

Eu ia me atrasar para a reunião com os cientistas geniais, mas não consegui resistir à curiosidade. Enquanto engolia uma xícara de leite com chocolate, chequei os *e-mails* e constatei que Daniel havia mandado a lista de suas mulheres. Não tive tempo sequer de imprimi-la, quanto mais de examiná-la. Isso ficaria pra mais tarde. Saí de casa apressada. A voz de Lucila me acompanhou, divertida, enquanto eu fechava a porta.

— Você vai ver, essa reunião vai ser um saco. Você vai preferir que eu tivesse te mordido!

Na verdade me atrasei apenas quinze minutos. Nada mau, considerando que dos seis autores que compareceram à tal da reunião, quatro chegaram depois de mim. E Lucila estava certa. Quer dizer, pelo menos quanto à reunião ser um saco. A professora falava mais do que todos os outros participantes juntos. Começava respondendo a uma pergunta, perdia-se no meio do caminho e terminava dando uma aula sobre a importância dos estudos experimentais para o entendimento da ecologia reprodutiva das aves. Eu não estava interessada. Mas não havia como ignorar seu falatório. Eu tentava, enquanto fazia alguma anotação de alguma informação útil pinçada no meio do seu discurso. Só que ela falava alto. E num tom de voz que fazia meu ouvido doer. Nos fim das contas, porém, foi um encontro produtivo, e a maioria das minhas dúvidas foi respondida. O que mais me impressionou, o tempo todo, era que eles levavam o trabalho a sério *mesmo*. Pra ser sincera, antes da reunião eu ainda tinha uma esperança de que aquele artigo não passasse de uma tremenda piada. Não era. Assustador.

Estava em meu Corsinha velho de guerra, saindo do estacionamento da universidade, quando o celular tocou. Não

atendi. O visor, invenção maravilhosa, mostrava de onde vinha a ligação, e era o número do Estevão. Engraçado, dois meses atrás meu coração teria pulado de alegria. Me veio à cabeça uma música antiga dos Smiths, eu ainda te amo, só que um pouco menos do que eu costumava te amar antes, meu amor. Sábio tio Morrissey!

Almocei num restaurante por quilo, perto de casa, sentindo-me aliviada, não só por ter sobrevivido à reunião mas também por não ter tido de falar com Estevão. Sentia-me estranhamente em paz. Podia finalmente pensar um pouco no assunto que *realmente* me interessava no momento. Eu tinha colocado a revista com o anúncio de Daniel na pasta que levei à reunião, só pra ela não ficar tão magrinha, parecer que eu estava cheia de trabalhos, impressionar os clientes. Não. Não só por isso. Eu estava me mordendo de curiosidade. Ops, verbo inconveniente. Eu estava muito curiosa, ponto.

Enquanto comia, aproveitei para entender um pouco melhor o esquema dos classificados. Basicamente você coloca um anúncio na categoria correspondente — no caso de Daniel, homem procura mulher — com as informações que você acha que os interessados achariam úteis e suficientes pra entender seus objetivos, do tipo casamento, sexo sem compromisso, mordidas de vampiro, essas coisas. No final do anúncio tem um código pra uma espécie de secretária eletrônica, que você acessa através de um número de telefone do próprio jornal. Você deixa lá sua mensagem, tipo "oi, sou eu mesmo, deixe seu telefone e eu ligo de volta pra você", ou algo mais criativo, sei lá, e pronto, você tem um canal de comunicação com seus candidatos a namorado, amante, cliente, o que for. Sua mensagem fica disponível por uma

semana. Tudo discreto e sigiloso. Curiosa, usei o celular e liguei para o código do anúncio de meu vampiro de programa.

— Oi, querida, aqui é o Daniel. Se você quer sentir meus lábios em sua garganta e meus dentes em sua pele, deixe seu número e eu ligo de volta — um pouco mais explícito, e me fez respirar fundo. A voz dele, gravada, ficava bem melhor.

— Só checando. A Lucila manda lembranças — talvez não devesse ter feito isso, mas não resisti.

Dei uma olhada nos outros anúncios. Depois do décimo, é tudo um saco, mas me forcei a olhar um por um. Liguei para uns três ou quatro, mas nada além do convite para deixar o telefone e a promessa de que a ligação seria retornada. Algumas mensagens eram mais espirituosas que outras, e em um caso não resisti e até deixei meus parabéns pela idéia. Bom, em uns quinze minutos já era uma *expert* nos códigos daqueles anúncios.

Nas instruções estava escrito que você podia publicar seu anúncio também durante a semana. Que dia era hoje, quinta? Sim, os anúncios saíam, informava a revista. Será que o de Daniel estaria lá? Nada mais fácil de descobrir, meu exemplar de assinante estava me esperando, com a paciência de um jornal esquecido, logo do lado de fora da porta da sala. Na pressa de sair, eu só tinha dado um oi pra ele, de passagem, enquanto corria para o elevador.

Quando cheguei em casa, Lucila não estava na sala. A porta do quarto de hóspedes estava fechada. Peguei o jornal e me joguei em minha poltrona favorita, aproveitando a oportunidade de tê-la só para mim. A meu lado, a secretária eletrônica piscava. Três mensagens, com certeza do Estevão, agora não, deixa pra depois.

Abri nos classificados. O anúncio prometendo sonhos inéditos estava lá. Uma intuição. Comparei o jornal com a revista, anúncio por anúncio, e a maioria deles já havia aparecido no domingo. Alguns não estavam mais, e havia alguns novos.

Hum. Hum! HUM!!!

Ora, aquilo era interessante. Coincidência? Já disse, não acredito em coincidências.

Fiquei andando pela sala, de um lado para o outro. Meu primeiro impulso foi acordar Lucila, mas Lucila detesta ser acordada durante o dia e é boa política não fazer o que Lucila detesta.

Mais informação. Era disso que eu precisava. Se eu ia fazer algo que Lucila detestava, tinha de ter um motivo realmente bom. Eu sabia onde conseguir mais informação, mas seria necessário fazer algo que *eu* detestava.

Eu seria obrigada a entrar *lá*, naquele antro, naquela câmara de horrores, a ante-sala do inferno, o lugar onde do caos não nascia à ordem. Um lugar que aparecia em meus pesadelos, que me

angustiava, e do qual não queria sequer que meus pensamentos se aproximassem. O lugar onde os jornais velhos se fossilizavam para sempre sem jamais terem a chance de se decompor com dignidade.

Meu quarto de despejo.

Meses e meses de jornais acumulados, junto com roupas velhas, aparelhos elétricos quebrados e que jamais serão consertados, caixas vazias e todos os trastes habituais de qualquer casa de gente preguiçosa.

Mas reuni coragem, entrei, sobrevivi e lá encontrei o que buscava. Duas horas depois eu tinha uma pilha organizada de jornais e revistas já consultados, e havia circundado com caneta hidrográfica vermelha os anúncios que me interessavam.

Estava pronta para acordar minha vampírica amiga.

Respirei fundo antes de bater na porta do quarto de hóspedes, que se abriu quase de imediato. A cara de Lucila era, ao mesmo tempo, de poucos amigos e de sono, mas pelo visto este último não prejudicava seus reflexos.

— Que horas são?

— Quase três.

— Isso tem que ser BEM importante.

— Eu acho que é.

— Fala.

— É melhor você mesma ver.

Descobri que vampiros lavam seus pálidos rostos quando acordam. Lucila tinha uma cara bem melhor quando veio para a sala. Mas não *tão* melhor que eu tivesse certeza de não estar correndo algum tipo de perigo.

Ela olhou para a pilha.

— Que quer dizer tudo isso? Se não valer a pena, pode ir se preparando para uma longa e dolorosa mordida — não era brincadeira.

Oh-oh. Valia a pena, claro que valia. Pra mim, estava claro que valia. Mas lógico, quem tinha que achar que valia era *ela*. Comecei a torcer para que ela também achasse que valia a pena. Respirei fundo antes de apresentar minha justificativa para tê-la tirado da cama.

— Hã... parece que nosso amigo gostoso não é o único vampiro que encontra suas vítimas pelos classificados. Aposto que ele não sabe disso mas o outro sabe.

— Como assim? Do que é que você está falando? — eu tinha a atenção dela. Valia a pena. Sem mordidas. Je-sus!

— Bom, hoje de manhã eu dei mais uma olhada na revista que o Daniel me mostrou e descobri que os anúncios não saem só no suplemento domingueiro, mas também no jornal de certos dias da semana. Hoje, por exemplo — mostrei-lhe os classificados no jornal daquele dia. — Comparando os anúncios que saíram no domingo com os de hoje percebi que nem todos eram os mesmos. E encontrei esse aí que está marcado com caneta vermelha, o último da seção "Homem procura mulher".

As sobrelhas dela subiram quando ela começou a ler.

**VAMPIRINHA!** - sou o vampirão que você está procurando. Divida comigo seus desejos e aventuras, e eu lhe darei muito prazer.  
CP 914.

---

— Ca-ra-lho. Explícito, não?

— Ahã.

— Coincidência?

— Eu não acredito em coincidências. Esse anúncio não saiu no domingo, nem na terça. Ele foi mandado para o jornal depois que o anúncio do Daniel saiu, e eu acho que *por causa* dele.

— Mas por que você acha que não é só uma coincidência? — ela insistiu.

— Tá, uma coincidência pode acontecer uma vez, mas se ela acontece pelo menos quatro vezes não deve ser coincidência... Olha aqui.

Arrumei a sua frente várias revistas e jornais. Havia um padrão ali. Toda vez que saía um anúncio mencionando "sangue" na revista de

domingo, mais ou menos uma vez por mês, você podia apostar que também sairia um do Vampirão ao longo da semana seguinte.

A vampira estava assombrada.

— Clarinha, é por isso que eu te amo — disse, ainda examinando os anúncios, e visivelmente tentando chegar a alguma conclusão.

E é isso que me preocupa, pensei. Pensei mas não falei. O tom dela tinha sido irônico. Apenas mais uma piadinha inconseqüente. Tá bom.

— Eu tenho quase certeza de que esse Vampirão tem algo a ver com os assassinatos, mas ainda não consigo imaginar como, ou por quê...

Olhando para os jornais e revistas que agora estavam espalhados ao nosso redor, mas sem de fato vê-los, comecei um complicado jogo mental em que tentava encaixar as poucas peças de que dispúnhamos para entender aquele enorme quebra-cabeças.

— Vamos ver se dá pra entender — eu estava pensando em voz alta. — Sai o anúncio do Daniel, procurando mulheres para serem mordidas. Os anúncios são discretos, mas da mesma forma que as vítimas, quer dizer, as... clientes, alguém mais entende as entrelinhas. Em teoria, várias mulheres respondem ao anúncio. Essa é a conseqüência lógica e esperada. Tá. Ao mesmo tempo, tão logo vê o anúncio, esse outro cara que também entendeu a intenção do anúncio manda um outro para o jornal, autodenominando-se Vampirão. O... vamos dizer, *público-alvo* é o mesmo. Mulheres que querem ser mordidas. A sincronia entre os anúncios do Daniel e os do Vampirão descarta simples coincidência. Existe um vínculo entre os dois anúncios. Acho que não há risco em admitir que o Vampirão não quer qualquer vampirinha. Ele está de olho nas mesmas mulheres que respondem aos anúncios do Daniel. O que ele pretende? Talvez espere fazer contato com mulheres que leram o anúncio e que não se satisfazem com um único amante vampiro — peguei um dos jornais com o anúncio do Vampirão. — "Divida comigo seus desejos e aventuras". Eu acho que ele está atrás das experiências que essas mulheres têm com o Daniel — olhei para Lucila, que, por sua vez, me olhava com grande atenção. — Faz sentido?

— Não muito. Por que ele faria isso?

— Sei lá. Uma espécie de tara, vai ver ele pede pra elas contarem como foi, vai ver ele se excita ouvindo as histórias delas. Vai saber. Tem doido pra tudo nesse mundo.

— É, esquisito, mas não parece impossível. Pelo menos a gente tem alguma teoria.

Algo no jeito como Lucila me olhava me alarmou.

— Que foi? — lá vinha coisa, e não devia ser boa coisa.

— Liga pro Vampirão e marca um encontro pra essa noite.

— Eu sabia que lá vinha coisa, e que não era boa coisa.

Ela me jogou o jornal.

— Liga aí e não reclama.

— Tá achando que manda em mim, dona vampira? — mas eu já estava com o telefone na mão. Estaria mentindo se dissesse que não estava curiosa. Acho que teria ligado mesmo que Lucila não tivesse feito a sugestão. Não me preocupava o fato de estar entrando em contato com um possível assassino. No fundo eu achava que não correria qualquer risco. Afinal, eu tinha dois vampiros para me proteger.

Liguei para o número que estava no jornal, digitei o código no momento apropriado, escutei uma mensagem bastante neutra instruindo-me a deixar meu nome e telefone, e foi o que fiz. Dei o número do celular, e o nome que usei foi Verônica.

— Verônica? De onde você tirou isso?

— Sei lá. Agora a gente tem de esperar ele ligar de volta. Enquanto isso... — levantei e me espreguiceei —... vou fazer uma boquinha.

Esperei por algum comentário irônico e desconfortável que não veio. Fui pra cozinha. Sempre assim, eu comia pouquinho no almoço, uma saladinha, um peixe leve, na ilusão de me controlar. Aí no meio da tarde comia um baita sanduíche com o que quer que passasse pela minha frente.

— O Daniel mandou a lista?

— Tá no computador. Esteja à vontade.

Eu tinha dado uma tremenda mordida num sanduíche de frango desfiado, queijo derretido e alcaparras quando o telefone tocou.

Engasguei e quase sufoquei de susto, mas era o telefone fixo. Não era o celular. Não era ele.

Eu tinha quase certeza de quem seria. Que falasse de novo com a secretária. No momento eu não estava com a mínima cabeça para ele. Só que Lucila atendeu antes que eu me recuperasse da engasgada e fizesse sinal para *não* atender.

— Oi, Estevão, gatinho, ela tá aqui, sim... beijo, tchau — por algum motivo Lucila sempre era muito amável com ele. Amável demais para que aquilo fosse sincero, mas talvez fosse apenas mais um aspecto de seus intermináveis joguinhos.

— Oi... não vi os recados, acabei de chegar, tava na rua... a reunião dos cientistas, lembra?... foi bem, um saco mas foi bem... a Lucila? A gente se encontrou pra almoçar — ele, por outro lado, não parecia ir com a cara dela, isso me irritava, essa ingerência sobre meus amigos, mais uma das coisinhas que me irritavam nele —... tá, tudo bem. Eu também... é claro que eu te amo... hein? Hoje de noite? — ele queria me ver, passar a noite aqui em casa; ah, não, minha vida já estava complicada o suficiente, dois vampiros visitando minha casa quando bem queriam, eu tentando estabelecer uma comunicação telefônica com outro, como eu ia fazer pra esconder tudo isso dele? — Você ficaria muito chateado se eu dissesse que não vai dar? Vou terminar aquela tradução, queria entregar amanhã, você entende, né?... você é um anjo. Amanhã te ligo... tchau.

Então foi o celular que tocou. De novo a Lucila foi mais rápida do que eu. Olhou rápido para o número no visor e veio até mim enquanto atendia.

Ela segurou o aparelho de forma que eu pudesse ouvir.

— Alô — disse ela.

— Verônica?

— Quem é?

— Você é a Verônica?

— Não. Vou chamar.

Ela me passou o aparelho, dizendo, só com os lábios e com o movimento da cabeça, que não reconhecia a voz, e ficou ouvindo, perto demais de mim para que eu me sentisse à vontade. Já não

bastava que minhas mãos tremessem de nervoso por estar falando com um vampiro, tinha de ter outro encostado em mim?

— Pois não?

— Verônica?

— Sim. Quem é?

— Você me ligou agora há pouco.

— Vampirão.

Ele riu.

— E você, é a vampirinha que eu estou procurando?

— Quem sabe... — minha boca estava seca.

— Por que você me ligou?

— Eu nunca encontrei um vampiro antes, e... não sei...

— E o que você espera de um encontro com um vampiro?

Dei o que esperava que soasse como uma risadinha cheia de segundas intenções.

— O que se espera de um vampiro.

— Como você sabe o que esperar de um vampiro, se você nunca encontrou um?

Que que eu falo? Que que eu falo?

— Eu quero descobrir — respondi, de forma cautelosa.

— Por quê?

— E por que você quer saber?

— Porque se está só procurando sexo com dor, você ligou pro cara errado.

Fechei os olhos. Minha boca estava seca. Meu cérebro trabalhava como doido.

— Eu não estou atrás de sexo. É... outra coisa... — e de repente pensei no que havia sentido quando Daniel tentou me seduzir. — Não tem a ver com o corpo, é algo mais forte, mais completo, tem a ver com sensações que nunca senti e sentidos que nunca usei, mas que sei que estão aí, e sinto que preciso usá-los para alcançar algo, um prazer que eu sei que vai muito além do que eu posso imaginar. E de alguma forma eu sei que esse prazer depende de coisas terríveis, do medo, do medo da dominação ou do medo da morte... De alguma forma, eu sei que um vampiro pode me dar isso, eu sei

que existe um preço alto e eu sei que isso não me importa, porque a necessidade que eu sinto é mais forte do que qualquer receio.

Houve uma pequena pausa.

— Você é masoquista. É um mestre o que está procurando — afirmou ele.

— Não é nada disso... — respondi, firme — ... e acho que você já sacou que não é. O que eu quero, o que eu preciso, é do prazer que um vampiro pode me dar.

No silêncio que se seguiu, pude perceber que ele inspirou longa e profundamente. Ainda de olhos fechados, eu estava consciente da proximidade de Lucila, e de como ela gostaria de ter me ouvido dizer todas aquelas coisas em outras circunstâncias. Raios, eu estava navegando em águas perigosas.

— Você tem certeza de que nunca encontrou um vampiro antes?

— Eu não minto — menti. — Por que você pergunta?

— Em geral as mulheres me ligam achando que ter uma relação com um vampiro é fazer sexo com mordidinhas. Não é nada disso, e você sabe, eu sinto que você sabe, e eu quero saber como você sabe.

Calma aí, cuidado com a resposta.

— Eu não sei de nada, só sei exatamente o que procuro. Eu quero um prazer que está além dos limites físicos do corpo. Não sei se o que eu quero existe, mas não é por isso que vou deixar de procurar — estava na hora de eu assumir o controle daquela conversa estranha. — E se você não tem o que eu quero, acho que foi um engano te ligar.

Desliguei sem me despedir. Estava tremendo, assustada com as coisas que havia dito, assustada por ter dito essas coisas. Já não conseguia saber porque as havia dito. Porque eram o que ele queria ouvir? Ou porque eu é que queria ouvi-las? Ou porque eu estava começando a ver um sentido nelas? Uma vez, quando eu ainda era uma daquelas adolescentes que fumavam escondidas no banheiro da escola, a professora de ciências encenou um julgamento do cigarro. Fui escolhida advogada de acusação, apesar de me candidatar a advogada de defesa. A principal prova de que meu discurso foi convincente não foi a minha vitória, e a condenação do

cigarro à proibição total, sem direito a apelação, mas o fato de que nunca mais consegui colocar na boca uma bituca sequer. É o risco que a gente corre ao bancar o advogado do diabo. Descobrir o que realmente somos.

— Ele vai ligar de novo — afirmei, sentindo-me trêmula.

— Eu sei — disse ela, numa voz tensa. Como pode, um comentário tão banal assim me assustar do jeito que esse me assustou.

Eu estava com os nervos à flor da pele. E não queria que ele ligasse. O celular tocou logo em seguida. Mesmo número.

— Fala.

— Eu te ligo de novo, Verônica — e desligou.

— Ele vai ligar — informei a Lucila.

Sem dizer outra palavra fui para meu quarto. Bati a porta às minhas costas, me atirei na cama e de repente, contra a minha vontade, comecei a chorar. Eu não tinha percebido antes o quanto eu estava precisando disso. Eu tremia de medo, medo dos vampiros que pareciam estar tomando conta e controle de minha vida, mas principalmente medo de mim mesma, do que eu começava a descobrir dentro de mim. Não é justo a gente fazer essas coisas consigo própria. Expor dentro da gente coisas que deveriam permanecer para sempre trancadas e inacessíveis a nós mesmos. Ver em nossa alma o que não deveríamos saber jamais. Conhecer o que depois não podemos fingir não reconhecer. Descobrir o que nunca mais conseguiremos esquecer. Fazer perguntas que não podemos e não queremos responder. Plantar dúvidas, para vê-las crescer e florescer e se multiplicar ao ponto de não podermos mais ignorá-las e fingir que elas não nos atormentam. Não é justo!

O travesseiro estava encharcado. Eu estava perdida em meu inferno particular. O que acontecia a meu redor mal penetrava a densa couraça de dor e desespero e solidão que me envolvia. Quando Lucila se sentou na cama a meu lado e começou a passar a mão em meus cabelos, era como se isso estivesse acontecendo com outra pessoa. Mas, estranho, com que nitidez eu sentia a presença de sua tristeza e de sua sensação de impotência para aplacar meu sofrimento. E de repente eu não estava mais enfrentando sozinha

meus medos, e eles já não pareciam tão imensos. Lembro-me claramente de um instante de revelação, a revelação de que alguém é nosso amigo, essa revelação que pode se renovar uma vez atrás da outra na vida da gente, mas que nunca deixa de nos pegar de completa surpresa. Grata surpresa. Eu não esperava isso de Lucila. Sem perceber mergulhei no bem-vindo esquecimento proporcionado pelo sono sem sonhos.

## IV

Quando acordei já era noite. Fiquei deitada, acordada, no escuro, me sentindo confortável e feliz na cama até que me lembrei, de repente, de tudo o que tinha acontecido horas antes, e porque eu havia procurado refúgio na cama, e de repente a cama não me pareceu mais um refúgio tão seguro assim, e eu não me sentia mais confortável e feliz.

Lembrei então de Lucila sentada em minha cama enquanto eu adormecia. Em pânico, me levantei e corri até o banheiro para verificar, em frente do espelho, se tudo estava em ordem com meu pescoço. Ufa. Pescoço, garganta, todo o resto, nenhum motivo de alarme. Depois de lavar o rosto com água fria, a vida me parecia melhor. Eu estava descansada, parecia mais fácil enfrentar o mundo, os vampiros, meus demônios pessoais, a turma dos ninhos, ovos e corujas, e até mesmo o Estevão.

Era por volta das nove. Como eu esperava, Lucila e Daniel estavam em casa. Interessante, não foi difícil encarar os dois vampiros, mesmo depois de minhas descobertas interiores de algumas horas atrás. Identificar nossas fraquezas às vezes nos faz sentir mais fortes. Afinal, você precisa conhecer seus inimigos para saber como combatê-los. E eu tinha descoberto que, em minha ambígua relação com os vampiros, meus medos e receios eram inimigos tão poderosos quanto a natureza traiçoeira e selvagem daqueles seres.

A porta de vidro aberta e as cortinas afastadas deixavam entrar na sala o ar fresco da noite. Lucila estava sentada no peitoril da varanda. Cruzes, no oitavo andar, só vampiro mesmo... Daniel, à vontade, em minha poltrona. Sentei-me no sofá. Lucila talvez me olhasse com um pouco mais de curiosidade do que o normal, mas isso poderia ser só uma impressão. Eu ia fingir que minha tempestade emocional não havia acontecido. Eu sabia que ela

também fingiria. Lucila desceu de seu poleiro e veio se sentar no braço do sofá que estava mais distante de mim.

— E aí, alguma novidade? O número de telefone? — perguntei.

— Um orelhão, no centro. Mas ele ligou duas vezes, outros orelhões, por lá também — ótimo, pensei, isso nos deixa com apenas uns dois milhões de suspeitos. — Eu tentei falar com ele, mas ele só está interessado em você. Acho que você ganhou um fã...

Tudo o que eu queria na vida. Um vampiro interessado por mim, mais um. Daqui a pouco eu ia ter de distribuir senhas. Mas esse era diferente. *Eu* o havia procurado. *Eu* lhe disse coisas belas ao telefone. Desta vez a culpa era minha.

—... e o Estevão ligou. Três vezes, uma no telefone fixo, duas no celular.

— Você atendeu? — perguntei alarmada, ela podia ter ferrado com a desculpa esfarrapada que eu havia dado.

— Não, ele deixou recado.

Bom. Fui até a secretária e apaguei a mensagem sem ouvir.

— Você já contou tudo ao Daniel? — perguntei.

— Tudo.

— Nenhuma idéia de quem possa ser esse tal Vampirão? Algum desafeto, algum conhecido?

Ele balançou a cabeça, negando devagar.

— Não tem problema, a gente pega ele hoje — disse Lucila. Nada a fazer senão esperar. Eu não estava a fim de bater papo com eles. Ficamos os três num silêncio desconfortável até que o celular tocou. Eu não queria atender. Lucila checou o número de onde a ligação era feita e depois trouxe o aparelho até mim, estendendo-o em minha direção. Eu não tinha escolha, tinha?

— Alô — Lucila se ajeitou para escutar também. Eu podia ver a ansiedade de Daniel, limitado a tentar adivinhar através de nossas reações o que o cara estaria dizendo.

— Verônica?

— Você é mesmo um vampiro ou é só um babaca tentando impressionar mulheres solitárias que querem ser impressionadas?

Lucila me olhou intrigada, levantando as sobrancelhas. Ignorei-a.

— Por que essa agressividade agora? — a voz dele soava cautelosa.

— Porque eu acho que você não pode me dar o que eu quero.

— Não, Verônica, é você quem não pode me dar o que *eu* quero.

— Como é que você pode saber?

— Foi você mesma quem me disse.

— Eu não disse nada que...

— Você disse que nunca esteve com um vampiro antes — ele ergueu um pouco a voz, e parecia estar explicando algo a uma criança obtusa.

— Exatamente por isso é que te liguei — tive de fazer força para não usar o mesmo tom.

— Eu posso te dar o que você quer, mas como você disse, existe um preço.

— E qual é esse preço?

— Eu quero você, mas não quero você virgem. Eu quero beber de você suas experiências. Experiências com vampiros.

Oba, oba, oba. Esperei uns instantes antes de dizer algo. Você sabe, pra dar um efeito.

— Bom, acho que é um impasse, não? Eu não tenho isso para oferecer, já que era exatamente isso que eu queria quando te liguei.

— Não, não é um impasse.

— Você é doido.

— Você não teve uma experiência com um vampiro... ainda.

— Você voltou atrás? — eu estava vendo onde é que a coisa ia dar.

— Tem outro vampiro... — começou ele. Lucila me deu um cutucão nas costelas. Bingo!

Em resumo, ele me instruiu para que eu procurasse nos classificados o anúncio com a menção ao sangue, e que fosse atrás do cara. Ele poderia me dar o que eu queria. Correção: o que *nós* queríamos. Eu não correria risco de vida. Eu teria minha experiência. Ele, Vampirão, voltaria a me ligar. Quando eu já soubesse o que era de fato ter uma relação com um vampiro, ele me daria muito mais. E que não passasse por minha cabeça desistir dele. Ele não desistiria de mim. Ele desligou depois dessa promessa. Ameaça. Sei lá.

— Então é assim — disse Daniel depois que Lucila lhe contou tudo.

— Quem diria, suas mulheres tão preciosas, tão devotadas, estão te traindo — disse Lucila, com um ar impagável de malícia e zombaria.

Daniel lhe mostrou os dentes. Foi rápido, mas me arrepiou inteira. Eu nunca havia visto nenhum deles fazendo algo assim. Brigas de vampiro, espero nunca estar por perto para testemunhar uma.

Hora de uma mudança estratégica de assunto.

— E agora? Acho que vamos ter de esperar. Ele nunca acreditaria se eu ligasse pra caixa postal dele e dissesse que liguei pro anúncio, o vampiro respondeu, marcamos um encontro, fizemos o que tínhamos que fazer, oh, tive a revelação que eu tanto esperava e agora tudo bem, vamos nos encontrar ainda esta noite?

Daniel pareceu ter vontade de rir, mas não falou nada. Lucila consultou seu relógio.

— Acho que por hoje o Vampirão está encerrado. Vou dar uma voltinha e ver se acho um lanchinho por aí — lanchinho, Jesus! — Vocês dois, juízo. Depois eu volto aqui — ela lançou um olhar em direção a Daniel que eu não consegui entender. Me ocorreu que talvez algo tivesse rolado entre eles enquanto eu estava dormindo. O quê? Sei lá, não sei, não quero saber.

Ela saiu. Pela porta. Claro.

Hum. Me deixando sozinha com Daniel. E se ele tentasse algo?

— Tem algo que eu quero de você — Daniel não tinha se mexido da poltrona.

Hum. Tá. Meu sangue, suponho.

— Fala.

— A gente já sabe como ele encontra minhas clientes, mas ele vai continuar matando enquanto a gente não conseguir encontrá-lo. Eu queria que você me ajudasse a dar uma olhada na lista. Quem sabe a gente tem alguma idéia, consegue de alguma forma fazer uma lista mais curta com as mais prováveis...

Era uma idéia boa. E me agradava saber que ele estava ali pelo meu cérebro, e não porque eu fosse mais um pescocinho bonito. Bom, talvez eu devesse reformular: ele estava ali também pelo meu

cérebro, não apenas pelo meu pescoço. Acho que isso descrevia melhor a atitude dele enquanto estava sentado ali na minha poltrona preferida, perfeitamente atraente e muito à vontade. Enquanto *eu* não me sentia nada à vontade. Em minha própria casa! Devia ter uma lei contra isso.

No escritório, imprimi a lista que viera em seu *e-mail*. Duas cópias. Não o queria lendo a *minha* lista por cima do meu ombro.

Olhei desanimada. Era só uma lista de nomes, endereços e telefones. Ana Maria, Ariete, Débora, Esther, Patrícia, Paula, outra Paula... só nomes. Seria muito útil caso o Vampirão estivesse atacando em ordem alfabética.

Examinei a lista por alguns minutos. Num romance policial, nesse ponto o autor criaria um clima dizendo que no silêncio que se seguiu, o único som que se ouvia era o tique-taque do relógio. Meus relógios são todos eletrônicos e não fazem tique-taque. O único som que se ouvia era o murmúrio surdo do computador ainda ligado.

Levei um susto quando percebi que Daniel, encostado no batente da porta, me observava enquanto eu lia a lista. Imóvel, relaxado, casual. Claro que ele deveria saber o efeito que a pose, a atitude, causavam em mim. Eu poderia começar a babar ali na frente dele. Então reparei em seu rosto, e não vi ali qualquer expressão. Vazio. Não dava para ler nada por trás dele. Essa neutralidade me amedrontou, e não compreendi por quê.

— Você consegue se lembrar a quanto tempo conhece cada uma delas? — isso, disfarce o medo com um tom bem profissional.

— Eu tenho anotado o dia em que elas me ligaram pela primeira vez — respondeu ele, já abrindo sua agenda eletrônica.

Moreno, alto, bonito, sensual, atualizado e também organizado. Eu poderia me apaixonar por um cara assim. Mas eu estava ficando esperta. Vampiro, lembra?

Vampiro ou não vampiro, o que estávamos fazendo começava a me interessar a ponto de minha cautela ir desaparecendo. Aquilo era realmente fascinante. Desde criança quis bancar a detetive!

Examinei a lista com mais atenção, desta vez lendo os nomes com mais cuidado, procurando alguma informação que pudesse estar escondida ali.

Hã?

Era aquilo mesmo?

— Esse nome aqui... — apontei com o dedo na lista —... é realmente quem estou pensando que é?

— O nome está aí, não está? — respondeu ele, com riso na voz.

— Puxa, quem diria! — eu estava impressionada de verdade. — Quando a gente vê ela na televisão parece tão séria, tão respeitável...

— Uma senhora distinta...

— É...

— Todos nós temos nossos esqueletos escondidos no armário, não é?

— Puxa, mas logo ela!

— E por que não, Clara? Todo mundo tem suas fantasias sexuais. Por que alguém deixaria de tê-las por causa de profissão, idade ou posição que ocupa na sociedade?

Não tive resposta para aquilo, e olhei-o com um novo interesse, maior curiosidade e uma ponta de inusitado respeito. O que ele fazia podia ser uma coisa que na minha opinião era detestável, mas ele parecia mesmo bom no que fazia. Um profissional. Clara, Clara, quem diria, um dia se impressionando com a competência de um vampiro!

Ele sorriu e me derreteu por dentro.

— E você, Clara? Quais são suas fantasias? Me conta, e talvez eu possa realizar algumas. Talvez te inspirar algumas outras...

Estava demorando.

— Daniel, você quer minha ajuda pra resolver teu problema ou eu vou ter de te colocar da porta pra fora usando a enorme cruz de prata que eu guardo naquele armário ali?

Ele jogou a cabeça para trás e deu uma sonora gargalhada. E depois disso aquietou.

Retornando à nossa investigação, resolvemos acrescentar à lista de nomes as informações sobre as datas dos primeiros contatos. Ele ditou e eu digitei. Enquanto eu ia entrando as informações, ele olhava a tela do micro por cima de meu ombro. Pedi que ditasse também as informações sobre as mulheres mortas. Ele sugeriu que

transferíssemos a lista para uma planilha eletrônica, para facilitar a análise. Demoraria um pouco, mas achei que tudo bem, desde que ele fizesse isso. Foi uma boa sugestão. Ele era bem melhor e mais rápido do que eu para fazer isso, e além disso era eu quem estava olhando por cima do ombro dele.

Enquanto fazíamos isso o telefone tocou. Deixei que a secretária eletrônica atendesse. Estevão de novo, "Clara, você está por aí? Atende o telefone", uma pausa, "me liga quando puder. Um beijo. Te amo." Daí a pouco o celular. Meu coração deu um pulo, Daniel arregalou os olhos, mas era Estevão, de novo. Não atendi, de novo. Uma pontada de culpa, misturada a uma leve irritação e uma pitada de indiferença. Como pode?

Daniel me deu uma olhada sacana.

— Problemas com o namorado?

— Não é da sua conta.

— Você cansou dele, não é? Terminou o interesse? Quem sabe ele não conseguiu te dar o que esperava dele? De repente alguém diferente, outras... fantasias...

De novo? Saco.

— Daniel... — rosnei. Meu olhar deve ter saído tão feroz quanto.

— Tá, já sei. Cruz de prata, *etc.* Sem problemas. Onde é que eu estava? Ah, formatar célula... coluna C... data...

Depois de entrar todos os dados, Daniel organizou a lista em ordem cronológica. A cliente mais antiga tinha entrado na lista cinco meses antes. A mais recente, dois dias atrás.

Uma coisa me ocorreu.

— Você tem um dia certo pra pôr o anúncio?

— Sempre ligo na sexta, assim já sai no domingo.

— E quando você começa a receber as respostas?

— No próprio domingo. Em geral são as solteiras que respondem no domingo. As casadas ligam na segunda, ou na terça. Mas eu recebo respostas durante toda a semana, enquanto a caixa postal estiver funcionando.

Arranjei um calendário e checamos os dias da semana para cada telefonema. Ordenamos de novo os nomes. Sem dúvida, a grande maioria tinha ligado no domingo ou na segunda. O número diminuía

na terça e na quarta, voltava a aumentar na quinta, caía na sexta e estava perto de zero no sábado. Duas das mulheres mortas haviam ligado na quinta, a outra na sexta.

Encantada com a perspectiva de estar chegando a algum lugar, eu havia me inclinado para diante, por cima do ombro dele, para olhar mais de perto a tela do computador. Quando me dei conta de que estava perto demais, vi que Daniel me olhava de viés, com um meio sorriso nos lábios. Ao perceber, por sua vez, que eu havia notado seu olhar, ele deixou os olhos escorregarem para meu pescoço, enquanto o sorriso aumentava. Endireitei-me de imediato, alarmada. Ele voltou a olhar para a tela, rindo. Talvez ele nunca desistisse. Lucila também era assim. Jogos, sempre jogos, seria essa a essência de uma vida imortal? Puxa, não era nada fácil conviver com vampiros. Me ocorreu que às vezes eu me distraía, e ficava confiante demais, e que talvez isso fosse perigoso. Pensando bem, nada de talvezes. Eu precisava tomar mais cuidado.

— E aí, o que você acha? — disse ele, apontando a tela com o queixo.

Limpei a garganta antes de responder, para disfarçar o receio que durante aqueles segundos havia me invadido, e tentando evitar que a voz saísse tremida.

— Bom, eu acho que a sua lista mais curta com os nomes mais prováveis pode ser composta pelas mulheres que entraram em contato com você nos últimos três meses e entre as quintas e os sábados.

Nada mau, eu estava até conseguindo raciocinar... Ele digitou alguns comandos e surgiu uma lista com nove nomes. Ele se reclinou na cadeira, cruzando os braços.

— E...?

— Bom, a gente tem uma lista curta, e não sabemos se ela é útil ou não. Mas é um ponto de partida — uma idéia me ocorreu, se ele batesse um papinho com as madames da lista curta, não só poderíamos conseguir informações, como eu me veria livre de sua presença, que estava me dando nos nervos. Consultei meu relógio de pulso. — Dez horas. A que horas você costuma visitar suas clientes?

Ele sorriu. Mais uma vez me maravilhou o fato de não aparecer nem sombra de longos caninos pontudos quando os vampiros sorriam. Quem sabe as presas deles são como as unhas dos gatos?

— Tudo bem, eu consigo perceber quando alguém me quer fora de sua casa — disse com um sorriso divertido, para em seguida ficar sério, de repente. — Mas eu estava mesmo pensando em fazer algumas visitinhas hoje. Bater um papo, deixar bem claro que sou um cara ciumento, que não quero compartilhar minhas mulheres com outros vampiros, essas coisas.

— Quanto da história toda você pretende contar pra elas?

— Contar, nada. Mais que contar, pretendo descobrir. Você sabe, tenho meus meios, e posso conseguir delas o que eu quiser — eu sabia que não era bravata.

Ele se levantou. Em pé à minha frente, ele ergueu a mão e tocou meu rosto com a ponta dos dedos, brevemente.

— Obrigado por estar me ajudando — e se foi. Pela porta. Naquela hora acreditei piamente que era possível ter a amizade de um vampiro. Sou ou não sou uma tonta ingênua? E sem conserto.

Por fim estava sozinha, e aliviada. Agora eu tinha tranqüilidade suficiente para pensar na exigência feita pelo Vampirão. Ele queria que eu fosse mordida por um vampiro antes de que ele próprio me mordesse. Eu não via sentido nisso. A hipótese que mais me atraía ainda era a de que ele não era vampiro coisa nenhuma. Ele era uma espécie de fetichista que se excitava com mulheres que já haviam sido vampirizadas. Se excitava tanto que acabava matando suas amantes. Que iria acontecer dali pra frente? Provavelmente ele me ligaria daí a um ou dois dias, perguntando se eu já tinha... transado com o outro vampiro. Eu diria que sim, marcaríamos um encontro para aquela ou para alguma das noites seguintes, eu iria com meus dois guarda-costas sobrenaturais e, tão logo meu ex-futuro caso se identificasse, eu poderia sair de cena e deixar o resto com eles. Não tinha nenhum interesse em saber o que aconteceria daí por diante.

Levei um susto quando o celular tocou de novo. A essa hora quem podia ser? Não reconheci o número, não era Estevão.

— Alô.

— Já ligou para o outro vampiro?

Ué!

— Vampirão? — minha voz soou incrédula.

— Já ligou?

— Já, deixei recado, ele ainda não respondeu. Por quê?

— O que é que você tem, menina, que não consigo parar de pensar em você?

Merda, ele era do tipo pegajoso. Mas me recuperei rápido da surpresa, e percebi que eu podia aproveitar a oportunidade.

— Aposto que você diz isso para todas — velho chavão, mas sempre útil quando a gente quer jogar um verde.

— Eu não estou brincando, Verônica — o tom dele confirmava. Uma firmeza que me fez pensar em um maníaco.

Tentei de novo.

— Você tem outras... além de mim?

— Você é ciumenta?

— Sou. Tem?

— Tenho.

— Quantas?

— Interessa?

— Duas ou mais que duas? — insisti.

— Mais.

— Mais de dez ou menos?

Um pausa antes que ele respondesse. Podia imaginá-lo contando nos dedos.

— Menos.

Senti uma onda de satisfação comigo própria. Talvez nosso raciocínio estivesse certo e a lista de prováveis estivesse próxima da realidade.

— Como você é? — perguntei.

— Você vai descobrir. Logo, logo, espero. — Esperei por uma pergunta que não veio.

— Você não vai perguntar como eu sou?

— Não. Qualquer que seja sua aparência meu interesse por você vai ser o mesmo, minha querida.

Boa resposta. Levava jeito, esse Vampirão.

— E esse vampiro com quem vou me encontrar? — perguntei.

— Não se preocupe. Você não vai se arrepender.

— O que você quer dizer?

— Que ele sabe muito bem o que faz.

— Como você sabe?

— Já me disseram.

— Quantas?

— Todas.

— Quantas são "todas"?

— Não te interessa, querida.

Droga, ele era escorregadio.

— E o que elas dizem dele? — interesse mais do que profissional.

— Logo você mesma vai me dizer. Quem sabe... amanhã mesmo.

Opa, surpresa, surpresa!

— Como é? Que você quer dizer com isso?

— Segundo minhas... fontes, ele pode ser bem atirado. Que horas são? Dez e meia. Ainda é cedo. É possível que ele ligue essa noite mesmo perguntando se pode fazer uma visitinha pra te conhecer. Se você não tiver nenhum compromisso, querida, muito provavelmente de madrugada você já vai ter muita coisa para me contar. Eu te ligo pela manhã — ele desligou.

Daniel, seu filho da puta profissional. Atirado!

Dez e meia. Eu não tinha sono, não tinha cabeça para trabalhar, não queria pensar sobre vampiros. Nem fome tinha, e isso era sinal seguro de que eu estava nervosa. Eu estava agitada, inquieta, e não havia nada que pudesse fazer para me livrar da ansiedade que me fazia andar de um lado para o outro sem parar. Um banho. Na falta de coisa melhor.

Foi um banho demorado, daqueles que relaxam o corpo, enchem o banheiro de vapor, esvaziam a nossa cabeça e fazem a gente dar um pulo de espanto na hora de pagar as contas de água e de luz. Serviço completo, incluiu lavar a cabeça, e como consequência foi seguido por uma longa sessão com meu secador de cabelos velho, barulhento e ineficiente. Algum dia precisava me lembrar de comprar um novo.

Saí do banheiro vestida com o roupão. Desde que comecei a morar sozinha nunca havia usado tanto o roupão como nesses

últimos tempos em que nunca sabia se ia haver alguém em casa além de mim. Estou me referindo a vampiros que entram e saem e pintam e bordam à vontade, claro.

Uma luzinha vermelha estava piscando na secretária eletrônica. Duas mensagens que não estavam lá antes do banho. A primeira, "Clara, atende, eu sei que você está aí". A segunda "Clara, tá tudo bem? Atende, por favor!". Estevão.

A campainha tocou, me pregando um susto, mas eu não devo ter pulado muito mais do que dois metros de altura.

— Clara! Abre! — gritou Estevão, do outro lado, enquanto batia na porta.

Céus, que acontecia?

Abri a porta, ele me olhou, em seus olhos, do azul mais suave que eu já vira, o alarme rapidamente deu lugar ao alívio e ele me abraçou, e eu respondi ao abraço com uma intensidade que até me surpreendeu. Mas logo entendi. Me compreendi. Aquele cara ali, aquele cuja simples lembrança havia começado a me dar tédio nos últimos dias, era uma âncora de normalidade em meio a tudo o que havia acontecido nas últimas vinte e quatro horas, não, menos que isso, vinte horas. Nada de jogos. Nada de truques. Nenhum plano tortuoso se escondia, ou poderia se esconder, por trás daqueles olhos azuis de anjinho barroco. Daquela cara de menino inocente, que persistia apesar dos quase quarenta e da conspícua falta de cabelos no alto da cabeça, que estranhamente não era acentuada, mas neutralizada pelo fato dele manter extremamente curtos os cabelos loiros que ainda abundavam nas laterais e atrás. Aquele cara seria incapaz de me trair, seria incapaz de me usar como isca, jamais iria morder meu pescoço. No momento era a pessoa mais importante de minha vida.

E o beijo que trocamos foi apaixonado, longo, doce e carinhoso como há muitos dias não era.

Ficamos abraçados, ainda parados na porta, como se nada mais existisse, meus olhos fechados, minha cabeça encostada em seu peito, meu porto seguro, e eu me sentia protegida enquanto sentia o bater surdo e tranqüilizante

de seu coração...

... mas como diabos ele sabia que eu estava precisando daquilo?

## V

Me afastei dele como se ele tivesse me dado um choque elétrico.

— Que que você está fazendo aqui?

— Tô te ligando a tarde toda, você não atende, nem telefone, nem celular. Achei que tinha acontecido algo.

— Como assim, acontecido algo? Que que você imaginou que poderia ter acontecido? — conviver com os vampiros tinha me transformado numa pessoa muito desconfiada, assim meio paranóica, mas acho que você não me culparia por isso, né?

— Que você estivesse brava comigo, que não quisesse falar comigo, sei lá. Depois o tempo foi passando e comecei a pensar em coisas piores, que tivesse acontecido algo... um acidente, que Deus me livre... Eu vim até aqui, o porteiro disse que você estava em casa, eu liguei, duas vezes, você não atendeu... Eu fiquei assustado, ele me deixou subir... Que que aconteceu, Clara?

Eu o abracei de novo, de novo meu refúgio seguro. Realmente, eu que estava ficando paranóica. Eu sabia que ele estava dizendo a verdade. Algumas pessoas não conseguem mentir, e Estevão era uma delas. Ele era uma pessoa doce. Foi o motivo pelo qual eu me havia interessado por ele semanas atrás.

Foi uma noite maravilhosa. Acabamos saindo pra comer algo. Estevão estava tão doce, divertido e cativante quanto tinha sido no começo. O vinho branco, gelado e perfumado, me deixou com a cabeça leve. O peixe, uma truta com amêndoas, estava uma delícia. Depois voltamos pra casa e a noite continuou maravilhosa.

Foi muito melhor do que na noite anterior. Só adormecemos algumas horas depois, exaustos, nos braços um do outro.

Acordei de madrugada, uma sede torturante e a bexiga ordenando que fosse ao banheiro. Nada romântico, hein? Vinho demais, e o efeito do álcool inibindo aquele nosso hormônio chamado ADH, o hormônio antidiurético, aquele que a natureza nos deu quando

nossos ancestrais viviam nas secas savanas africanas e precisavam de algo que evitasse que a escassa água que eles conseguiam no ambiente fosse desperdiçada na pouca nobre tarefa de diluir os restos indesejáveis de nosso metabolismo. Resumindo, você toma todas, o álcool e o ADH começam a se estranhar, enquanto isso toda tua água vai embora no xixi e você fica em um estado muito específico que a maioria das pessoas conhece muito bem e que recebe o nome de ressaca.

Cumprida a etapa do banheiro, faltava resolver o problema da sede. Vesti o roupão e saí com cuidado do quarto, fechando a porta pra não acordar Estevão, que de qualquer forma dormia como uma pedra. Fui em direção à cozinha, no escuro, a familiaridade com o caminho tornando desnecessário acender qualquer luz. Eram quase seis. Ia amanhecer logo. Fiquei alarmada por não haver ninguém na sala. Chequei o quarto de hóspedes, vazio também. E se eles não viessem? E se passassem o dia em seus covis, que eu não sabia onde ficavam? E se o Vampirão ligasse durante o dia? Que faria? Que diria? Nunca pensei que me sentiria tão desamparada sem a companhia dos vampiros.

No meio do segundo copo de água, escutei algo, ou tive a impressão de ouvir algo, e fui até a porta que dava para a sala.

Lucila estava lá. Daniel também. Hum, tinham entrado pela varanda. Droga, por pouco não descubro como é que eles voam.

Me ocorreu, ainda bem que vesti o roupão...

— Clara?! — ahá, desta vez *eu* é que tinha dado um susto neles!

— Shhh, o Estevão tá dormindo — avisei enquanto acendia a luz. Pra eles podia não fazer falta, mas se eu ia ficar com dois vampiros na sala, pelo menos queria ver o que eles faziam, se não estavam, por exemplo, se preparando pra pular no meu pescoço.

O rosto de Daniel se iluminou com um sorriso malicioso. E estonteante, claro, e claro, minha respiração falhou por uma fração de segundo.

— Ah, tivemos uma noite divertida? Quer dizer que brasas ainda ardem debaixo das cinzas, afinal? — disse ele, enquanto se esparramava na minha poltrona e percorria meu roupão com os olhos. Eu sabia que ele sabia que eu não tinha nada por baixo, e

estava deixando que eu imaginasse o que passava por sua cabeça. Merda. Tentei ignorar o comentário, o olhar e a provocação, mas senti meu rosto se incendiando. Completamente sem graça, enfiei as mãos nos bolsos e apertei o roupão mais junto ao corpo.

— Daniel, o atirado, segundo nosso caro Vampirão... — disse eu. Fraca vingança, mas valeu a pena ver a confusão na cara dele, e a curiosidade na de Lucila — Como foi com suas mulheres?

— O quê? Como assim, segundo o Vampirão?

— Ele ligou de novo logo depois que você foi embora, ontem. Foi um papo instrutivo. Parece que ele sabe um bocado sobre você, coisas que ele pergunta para as mulheres.

Uma fúria súbita aflorou na expressão do vampiro bonito, assustando-me.

— Isso explica umas coisinhas — disse ele, baixinho, e a fúria estava também em sua voz.

— E com as suas mulheres, você descobriu alguma coisa? — insisti na pergunta e só então percebi a simetria da situação: as mulheres sendo usadas como fonte de informação por ambos.

— Ah, sim, descobri. Mas foi muito mais difícil do que eu esperava. Pelo visto ele previu a possibilidade de que eu perguntasse a minhas mulheres sobre outros amantes. É claro, se ele tira informações delas, por que eu não faria o mesmo? O fato é que eu visitei cada uma das nove mulheres de nossa lista curta e fiz algumas perguntas bem diretas, usando a Voz. Nada muito complicado, se tinham outro amante além de mim, se também era vampiro, há quanto tempo estavam juntos. Pois bem. Duas delas responderam que não, não tinham mais ninguém além de mim, e por mais perguntas que eu fizesse não mudaram a resposta. Outra respondeu que sim, tinha dois outros caras, peguei nome e endereço e já me assegurei de que nenhum dos dois tem nada a ver com o crime. E pra uma outra eu nem precisei perguntar, porque ela estava na cama com outra mulher, que também chequei, e não era a assassina, e fora ela não tinha mais ninguém.

— Quatro já foram, faltam cinco — disse eu, fazendo a contabilidade.

— Então, foi com essas cinco que aconteceu algo estranho, que só consegui entender quando você disse que o Vampirão se informa sobre mim através das mulheres. A princípio nenhuma das cinco respondeu às minhas perguntas. Quando perguntei a cada uma se tinha outro amante, elas simplesmente não disseram nada. Outras perguntas elas respondiam, mas as que se referissem a outro amante não.

— O Vampirão deu a elas uma instrução de não dizerem nada sobre ele caso alguém perguntasse — disse Lucila.

— Algo como um bloqueio mental, como num filme de ficção científica? Mas dá pra fazer isso?

— Dá sim, Clara. Se você for um vampiro.

— Então no fim das contas esse tal Vampirão é um vampiro de verdade?

Lucila encolheu os ombros.

— Não sei, pode ser, mas de verdade não sei.

— Mas afinal, Daniel, você conseguiu fazer com que elas falassem?

— Sim. Tive de usar muito mais poder do que me lembro de já ter usado antes. E não foi algo gentil. Elas gemiam de dor e estavam aterrorizadas. Provavelmente fui tão fundo em suas mentes que talvez tenha feito algum dano por lá. No final todas admitiram ter outro amante, e contaram alguns detalhes da relação com ele, mas nenhuma conseguiu dizer a palavra "vampiro".

— Ele deve ter bloqueado com mais força essa palavra. Cauteloso, o rapaz — comentou Lucila.

Confesso que fiquei impressionada com a idéia de Daniel ter feito algum dano na mente das mulheres à custa de seu poder psíquico. Anotei na lista mental mais um motivo para temer os vampiros.

Mas então. Cinco mulheres tinham tido contato com o Vampirão. Cinco é um número baixo. Você consegue se lembrar de cinco coisas, ou de cinco... amantes... sem precisar contar nos dedos.

— Cinco é muito pouco. Alguma das outras pode ter mentido? — perguntei a Daniel.

— Não, não mentiram, sem chance. Mas pouco por quê?

— Do jeito como o Vampirão falou, fiquei com a certeza de que ele está em contato com mais mulheres. Talvez umas três ou quatro mais.

— Merda. Elas não estão na nossa lista curta. Teríamos de encontrar outra forma de descobrir quem são.

— Acho que a gente nem vai precisar. A não ser, claro, se for por uma questão de ego ferido, orgulho masculino, de saber quantas e quais estão te traindo...

Os dois vampiros me olharam com curiosidade, e no caso de Daniel também com uma ponta de irritação.

— Fala logo, menina — disse ele.

— O Vampirão vai me ligar pela manhã pra saber se você me mordeu nesta noite ou não. Talvez marquemos de nos encontrar hoje de noite — disse eu, olhando Daniel com ar de quem sabe das coisas.

— Já? Quanta fé no poder de sedução do grande amante aqui! — zombou Lucila.

— Acho que ele sabe do que está falando, Lucila — eu não desgrudava os olhos de Daniel, curiosa pela reação dele.

Que consistiu em abrir mais um daqueles sorrisos maravilhosos, de bambear as pernas da maioria das mulheres e de muitos homens também.

— Belíssima notícia, Clara. Eu poderia lhe dar agora um beijo que você não esqueceria pelo resto de sua vida, minha querida.

Olhei fundo nos olhos dele, meus olhos irremediavelmente presos em seu olhar, e o sorriso dançava em minha visão periférica, e de repente tudo o que eu queria era o beijo, aquele beijo prometido, o beijo de Daniel...

— Não está na hora de você ir andando, Daniel? — quando Lucila queria, sua voz era fria e cortante como o vento de inverno na estepe patagônica. E foi sua voz, fria e cortante, que cortou o transe hipnótico que já quase me fazia sentir os lábios frios de Daniel no pescoço. Merda. Me assustava a facilidade com que ele fazia isso comigo.

O vampiro riu.

— Não, querida, vou ficar por aqui. Não perco o telefonema do Vampirão por nada deste mundo.

Então era isso. Daniel ficava para passar o dia, Lucila, é claro, também. Grande. Assim que as lojas abrissem, eu ia sair e mandar fazer um cartaz pra pôr na minha porta, "Hotel Vampiro Feliz - temos vagas".

Em outras circunstâncias eu não me preocuparia muito. Vampiros são como gatos, têm tendência a dormir o dia todo e não dão trabalho. Também são sedutores, selvagens, traiçoeiros e gostam de brincar com a comida. Bom, as pessoas conseguem conviver com gatos, não conseguem? Conseguem até se afeiçoar a eles...

O problema era Estevão. Ele não ia com a cara de Lucila. Ia levantar e dar de frente com ela ali, e ainda por cima topar com aquele tremendo exemplar de homem... Eu não podia exilá-los no quarto de hóspedes, não ainda, pois aquele também era meu escritório, e apesar de todas as aventuras extraordinárias que estavam despencando em minha vida nos últimos dias, eu ainda tinha uma profissão a honrar e compromissos a cumprir, e a tradução daquele trabalho espantoso sobre a ecologia de ninhos de mentira, ovos de codorna e corujas de plástico ainda tinha de ser entregue hoje. Caçar vampiros assassinos pode ser emocionante, mas não paga as contas do mês.

Daniel estava pondo Lucila a par da lista curta e da forma como a obtivemos, e pela quantidade de sarcasmos e ironias que eu estava ouvindo, a coisa ia longe. Como Lucila não era mesmo de ir cedo pra cama, capaz que eles não fossem dormir antes das onze. Eu ia ter bastante tempo pra trabalhar, mais tarde. Mas não agora. Eu tinha um plano.

Como sempre digo, quando em dúvida dê uma de João-sem-braço. Voltei pra cama, me encostei num Estevão que, mesmo adormecido, me abraçou, e, coisa incrível, acabei caindo no sono de novo. As emoções de minha breve conversa com os vampiros haviam sido tão intensas que foram suficientes para me deixar exausta. O sono foi profundo, intenso e sem sonhos. Passava das sete quando ele me acordou, já vestido e pronto para ir embora.

— Clarinha, que que a Lucila tá fazendo na tua sala, e com um homem?

João-sem-braço, minha especialidade. Hein? O quê? A Lucila aqui? Um homem? Será o namorado, de novo? O sono que tornava minhas palavras quase incompreensíveis era meio fingido, meio verdadeiro.

Me vesti, e quando apareci na sala, Daniel pulou em pé, veio em minha direção, me segurou pelos braços e me estalou um beijo na cara.

— Bom dia, Clara. Você não acredita, a Lucila brigou de novo com aquele sujeito e não sabia pra onde ir, e como eu tava vindo pra cá mesmo resolvi trazer ela junto. Você não liga, né?

Cretino! Tão mais fácil fingir que ele estava de rolo com ela e ele me vem com essa história que fez o Estevão ficar lívido de fúria! Tudo funcionando direitinho e ele faz essa palhaçada?

— Tô indo, Clara — Estevão já estava na porta de saída. Ele estava furioso, eu sabia.

— Não quer tomar café?

— Não. Acho que você está ocupada com seus... amigos — ele bateu a porta detrás de si. Nem um beijinho, nem um tchau.

Cacete.

— Ih, acho que ele levou a mal...

Me virei furiosa. Daniel me olhava com a cara mais lavada do mundo, tamanha inocência no rosto que só podia ser gozação. Lucila também tinha um ar de zombaria. Fiquei ainda mais zangada.

Emputecida.

Tão emputecida que perdi a prudência.

Atravessei a sala, decidida e rápida, e teria aberto de par em par as cortinas que tampavam a porta de vidro da sacada, não fosse por Lucila ter me interceptado e me agarrado, impedindo-me de fazer o que planejava — deixar o sol da manhã entrar, inundar todo o ambiente e acabar com a festa daqueles dois. Churrasco de vampiro.

— Não brinque com fogo, Clara — ela murmurou em meu ouvido, a voz dura e fria, antes de me atirar com violência no sofá.

Levantei-me meio zonzá, recolhendo a meu redor os farrapos de minha dignidade, e me fechei em meu escritório-quarto de hóspedes. Eles que se danassem. E, pensando bem, o que não tem

remédio, remediado está. Estevão estava puto comigo, e talvez eu não o visse nunca mais, mas afinal de contas, não era eu quem, duas noites atrás, estava pedindo pelo amor de Deus praquele homem se decidir e desaparecer de vez de minha vida?

Pra dizer a verdade, eu não estava tão magoada assim com o que havia acabado de acontecer. Prova disso foi que tive ânimo suficiente para trabalhar na tradução. Lá pelas dez da manhã me espreguicei, sem acreditar que havia conseguido terminar tudo. Mandei o material por *e-mail* para a autora principal, a mãe de toda a idéia, como pode, não me conformava que uma professora universitária realmente levasse a sério aquele tipo de trabalho. Conforme combinado, amanhã ou depois o pagamento estaria em minha conta. Grana pouca, mas muito bem vinda.

Eu tinha fome. Não havia tomado café da manhã.

Ao passar pela sala, ignorei solenemente os dois vampiros, apesar de sentir que os olhos curiosos de ambos me seguiram o tempo todo. Preparando um café da manhã bem *light* — mamão-papaia, iogurte, café com leite, pão com queijo de minas — pensei no quão pouco eu sabia sobre eles, e quanta coisa espantosa devia se esconder por trás daquelas faces de aparência tão jovem. Lucila parecia, se vestia e agia como uma pós-adolescente, em nada diferente das centenas que você vê pelas ruas todos os dias. Daniel era um cara atraente, fazendo um tipo *cool*-displícite absolutamente atual. Eu não sabia suas idades reais, e pensava neles como criaturas contemporâneas, mas vai saber se não tinham centenas de anos de idade. Para eles, costumes de séculos atrás, e hábitos que hoje nos causam horror, talvez parecessem mais normais do que, por exemplo, nossos tão prezados direitos do consumidor, ou nossa moral politicamente correta. Onde haviam nascido, onde viveram, como vieram parar aqui, nessa São Paulo do século XXI, que nada tem a ver com os cenários costumeiros, europeus, góticos, das histórias de vampiro? Coisas que para mim existiram durante toda a vida, televisão, carros, a eficiente iluminação das ruas, o que eram para eles? Questões como essas contribuía para reforçar o perigoso fascínio que os vampiros exerciam sobre mim. Perigoso. Irresistível. Um arrepio desceu por

minha espinha abaixo e se espalhou pelo meu corpo quando me ocorreu a hipótese de que àquilo tudo pudesse terminar mal para mim. Não, não pense nisso, Clara, vamos mudar de assunto, ok? Esse queijo de minas está realmente uma delícia, não acha?

Escutei o celular tocando na sala e corri para lá. Daniel já vinha com ele na mão, e o entregou a mim, antes de se afastar, num movimento rápido. Movimento de vampiro. Me pareceu um pouco esquisito, mas não era bem o momento para meditar sobre aquilo. Eu estava ocupada demais entrando em pânico. Se fosse o Vampirão, que que eu ia dizer?

— Alô — atendi, antes de dar um pulo de susto. Sem que eu percebesse, Daniel havia voltado para perto de mim e estava parado à minhas costas, e havia posto as mãos sobre meus ombros. Cruzes! Arregalei os olhos para Lucila, num pedido mudo de ajuda, mas ela continuou imóvel, sentada, com os braços cruzados, me olhando com uma cara impassível. Que significava isso tudo?

— Você está ofegante, Verônica. Aconteceu algo? Algo que eu gostaria de saber? — era ele.

Acho que uma parte de mim entendeu a intenção de Daniel. A outra parte estava tremendo de medo.

— Si...im — respondi com dificuldade. Daniel estava acariciando meu ombro com uma das mãos. A cabeça estava inclinada para que ele pudesse ouvir o que o outro dizia. Seu cabelo roçava minha face.

— Quer falar sobre isso?

— Não-ão. Agora não... — a mão agora acariciava meu pescoço. Fechei os olhos, contra minha vontade.

— Foi bom?

— Foi.

— Do jeito que você esperava?

— Ahã... — com aquela mão que me afagava com leveza o pescoço, e o cabelo macio encostado do lado do meu rosto, não era muito difícil dar o tom adequado à conversa.

— Ele... mordeu você?

— Mordeu... — não tinha mordido, mas como eu desejava que tivesse...

Qualé, Clara, fica fria, são os truquezinhos do Daniel que estão fazendo isso com você!

— Verônica, por favor, eu preciso me encontrar com você. Hoje, por favor, eu preciso...

A mão de Daniel apertou meu ombro, um aviso para ir com calma, agora, e fazer tudo direitinho. Era por aquilo que ele estava esperando!

— Aqui. Esta noite — sussurrou Daniel, com rispidez, em meu ouvido.

— Aqui em casa. Hoje à noite — repeti ao Vampirão.

— Não! — por sua voz percebi que ele estava tentando se conter, controlar algo intenso. A voz podia soar contida, mas não era menos assustadora em sua intensidade, em seu fervor. — Eu quero ir devagar, eu quero aproveitar tudo o que puder, tudo o que pudermos. Eu não sou como ele. Hoje à tarde nós só vamos conversar. Me espera na frente do MASP, às duas.

Ele desligou antes que eu pudesse protestar.

Fiquei parada com o telefone inútil nas mãos, aturdida. Encontrar-me com o assassino. De dia. Sem meus vampiros. Cacilda. E nem vampiro o cara era.

Daniel me virou e me segurou pelos braços. Olhou nos meus olhos. Seu olhar era duro. Suas mãos estavam me machucando. O celular escorregou de meus dedos e caiu. No tapete, ainda bem.

— Você vai.

— Que foi? — Lucila de repente estava parada a nosso lado, tão rápida que não percebi sua aproximação. — Daniel, o que é isso? — acho que eu nunca a tinha visto alarmada.

O vampiro não respondeu. Ele continuava me segurando, e me olhando. Eu estava quase chorando. Comecei a me contorcer, e a tentar me livrar de suas mãos.

— Eu não vou. Ele quer que eu me encontre com ele hoje, durante o dia, Lucila, e não aqui, em outro lugar. Eu não vou sem vocês. Ele não é vampiro, mas ele é assassino. Sozinha eu não vou!

— Ah, mas você vai sim, querida, nem que eu tenha de usar a Voz para isso.

— Não, Daniel, eu não vou! Não vou sozinha me encontrar com um assassino. Me larga!

Eu continuava me debatendo, tentando me soltar das mãos de Daniel, mas elas me seguravam como se fossem um torno, e aquilo doía.

— Larga ela, Daniel — Lucila mostrou os dentes.

— Você não se meta! — Daniel reagiu à altura, e também mostrou os seus.

Jesus Cristo! Eu estava apavorada. Era eu que não queria jamais estar por perto de uma briga de vampiros, lembra?

— Me solta, você tá me machucando!

Ele me soltou, e com dois passos me escondi atrás de Lucila, em busca de proteção. Ele estava furioso. Raios, por que é que ele estava *tão* furioso?

— Daniel, que significa isso? — Lucila perguntou de novo, os longos caninos ainda à mostra. Ela dava a exata impressão de uma gata protegendo a ninhada de gatinhos. A ninhada era eu.

— Sabem de onde ele ligou? — ele gritou, enfurecido. — De um número que está na minha agenda, o celular de uma das minhas mulheres. Eu chequei assim que você atendeu, Clara! Vocês sabem o que isso significa?

— Deus do céu! — eu estava atônita. Não mais assustada. O choque havia dissipado meu medo como num passe de mágica. — Quem?

— Liliane.

— Deus do céu! — repeti. — Ela não está na lista das prováveis — pensei alguns instantes, tentando me lembrar. Olhei ao meu redor, procurando a lista, mas ele, claro, era muito mais rápido do que eu.

— Dois meses... Ela ligou num domingo — ele já tinha a agenda numa mão e o telefone na outra.

Lucila me olhava de um jeito estranho, que eu não conseguia decifrar.

— Por favor, a Liliane...

Passaram-se alguns instantes, durante os quais tentei adivinhar, pela expressão dele, o que estavam dizendo do outro lado da linha, até que por fim ele desligou o telefone sem ter dito uma palavra.

— Ela foi encontrada morta agora há pouco. Tinha marcas de dentes no pescoço. Aquele filho da puta. Eu vou matar aquele filho da puta — ele olhou para mim, e juro que tive vontade de sair correndo, me trancar no quarto e me esconder embaixo da cama. — Você vai lá hoje. Você vai fazer contato com ele. Você vai dar o que ele quer. Você vai fazer ele se apaixonar por você, e você vai atrair ele pra cá. Eu vou estar aqui, pronto pra receber esse filho da puta. Vou arrancar seus braços e pernas, depois vou espalhar as vísceras ao redor dele e depois vou tirar fora o coração e colocar na frente dos olhos dele pra que ele veja as últimas batidas, pra que ele saiba, e veja sua própria morte. E então eu vou arrancar fora a cabeça dele com as minhas mãos.

Bela forma de tentar me convencer a ajudá-lo...

De repente aquilo tudo era demais para mim.

Saí correndo e me tranquei no quarto e me escondi no boxe de meu banheiro, encolhida, tremendo, assustada. Era o mais longe que eu podia chegar dos vampiros sem me atirar pela janela.

Caralho, caralho, caralho, no que é que minha vida tinha se transformado?

## VI

— Clara! — a voz de Lucila me chamou, suave, do outro lado da porta do quarto. — CLARA! — ela repetiu, mais alto, quando não teve resposta.

Mesmo que eu quisesse, não ia conseguir responder. Minha voz tinha sumido, e eu estava chorando.

— *Clara, abre essa porta!* — senti um arrepio. A Voz! Ela estava usando seu poder vampírico, e eu seria incapaz de desobedecer. Eu não queria ir, eu não queria abrir a porta, mas isso não fazia a mínima diferença, e sem conseguir resistir me levantei do piso do boxe onde havia me encolhido, e saí do banheiro, e fui em direção à porta do quarto, e destranquei a porta e de repente Lucila estava ali comigo, e tinha os braços ao meu redor, e havia me levado até a cama, e me feito sentar, e estava sentada a meu lado, me abraçando como se eu fosse uma criança com medo de um pesadelo, e eu a abracei também porque era exatamente assim que eu me sentia, uma criança com medo de um pesadelo, só que não era um pesadelo, era a realidade, puta que o pariu!

Aninhada entre seus braços frios eu continuava chorando, agarrada a ela na esperança de que ela me salvasse de tudo aquilo, mas sabendo que ela também era parte do pesadelo que não era pesadelo mas realidade.

Ela me deixou chorar, e me deixou tremer, e ficou lá me abraçando, esperando que eu me acalmasse, e quando me acalmei ela disse, com voz suave:

— Clara, você vai.

Foi como se eu tivesse levado um choque elétrico. Traidora! Afastei meu corpo do dela e tentei me soltar, mas ela me segurou, e eu não conseguia me mexer.

— Me larga! Traidora! E eu que achei que você fosse minha amiga. Eu sou mesmo uma idiota, como se um vampiro pudesse ser

amigo de alguém...

— Clara, me escuta?

Eu me debatia, mas ela não me largava, e me abraçou de novo. Me prendeu nos seus braços de tal forma que eu mal conseguia me mexer. Era inútil tentar me soltar. Ela era muito mais forte do que eu, a gente poderia continuar naquilo o dia inteiro, e ela não se cansaria, mas eu sim. Sem uma alternativa, fiquei quieta.

— Posso falar, Clara? Você vai me escutar?

Eu me sentia uma criança birrenta.

— Pode, tô escutando. E pode me soltar, viu?

— Posso? Você não ter mais nenhum chique?

— Não.

Ela me soltou.

— Clara, você precisa ir, o Daniel está furioso com essa situação toda, e decidido a dar um fim naquele sujeito. Se você não o ajudar, ele vai se virar contra você, e não tenha dúvida de que ele vai querer uma desforra da qual você não vai gostar nem um pouco.

— Mas você disse que ele não era um assassino. Ele não vai me matar, ele não faria isso... não é?

— Eu não apostaria minha vida nisso, menina. Ele é um vampiro, não se esqueça, e ele só não mata porque prefere viver sem matar, porque é mais tranquilo viver sem fugir da polícia, porque simplifica a vida. Se quiser ele mata, e pode ter certeza de que ele já matou muito mais gente do que você pode imaginar... e de jeitos que você também não pode imaginar. Além do mais, você não precisa matar uma pessoa pra se vingar dela. As melhores vinganças nem sempre terminam em morte, Clara. E você não acreditaria nas coisas que um vampiro pode fazer para ter uma boa vingança...

Cristo do céu! Ela estava me apavorando.

— Mas você vai me proteger, não vai? — choraminguei. Essa era muito boa. Eu ali pedindo pra uma mignonzinha daquela, aquela magrelinha, me proteger... Pareceria muito engraçado pra alguém que estivesse assistindo. Não pra mim. Eu não achava graça nenhuma. E a única pessoa que assistia à cena era Daniel, de braços cruzados na porta do quarto. Ele também não estava rindo.

Devagar, Lucila fez que não com a cabeça.

— Desculpa, Clara, eu não sei se posso... ou se quero te proteger — a voz dela estava seca, dura. — Eu não vou comprar uma briga com o Daniel por um motivo como esse. Clara, me olha — eu olhei. — Eu não quero que você morra. O Daniel não quer que você morra. Nós estamos interessados demais em você pra te colocar em risco. Nós não estamos mandando você para a morte. Você não vai estar correndo perigo. Você acredita em mim?

Interessados... Que tipo de interesse, perguntei-me. Eu queria, com toda minha força, acreditar nela, acreditar que não havia perigo. Estava ficando impossível agüentar aquele medo todo, sem ter nenhuma esperança a que me agarrar. Pela minha sanidade, eu precisava acreditar nela, mas só conseguiria se tivesse um bom motivo.

— Como você pode ter tanta certeza assim, Lucila? Por que é que eu deveria acreditar em você?

— Há coisas que você ainda não sabe, Clarinha. O Daniel e eu conversamos durante toda a manhã. Ele me contou o que suas mulheres lhe disseram quando ele as interrogou.

— E o que tem isso a ver com meu encontro com aquele assassino maníaco? Que que adianta saber como eram os encontros amorosos dele se no fim das contas as mulheres com quem ele transa terminam mortas? Sou eu quem vai estar lá sozinha com ele, Lucila. Esse cara é um desconfiado do cacete, ele não é vampiro porra nenhuma, e marcou o encontro de dia já prevendo que o Daniel pudesse estar na cola dele. Se ele me forçar a ir com ele pra algum lugar isolado não vai ter ninguém pra me salvar, e eu me ferro. Pra sempre, Lucila.

— Ele não vai fazer isso, Clarinha. Pelo que as mulheres contaram a Daniel, ele não mata as vítimas assim logo de cara. Ele as cultiva e as saboreia. Ele gosta de se encontrar com elas várias vezes, e deixar que o desejo e a expectativa se acumulem. Esse sujeito pode não ser um vampiro como eu ou como o Daniel, mas ele age como um de nós. Ele não vai querer matar você logo no primeiro encontro, não enquanto você não tiver experiências suficientes para compartilhar com ele. Ele refreia seus instintos até ter certeza de que poderá obter da vítima o máximo prazer que ela for capaz de

proporcionar. Posso garantir a você, querida, você não vai correr risco algum se for se encontrar com ele hoje. Eu sei bem como isso funciona.

Alguma coisa começou a me incomodar. Algo não estava batendo e eu não conseguia captar exatamente o que era. Experiências suficientes? Eu não tinha experiência nenhuma, não do tipo que ele estava procurando.

Me vi analisando coisas que vinham acontecendo desde ontem, e que eu não havia entendido. Lucila indo embora tranquilamente e me deixando sozinha com Daniel, na noite de ontem. E não interferindo quando ele me segurou e me acariciou, enquanto eu falava ao telefone com o Vampirão, agora há pouco. Como se ela tivesse certeza de que ele não me faria nenhum mal, que aquilo não era a sério. Como se eles tivessem algum trato, em que a parte dele fosse ficar comportadinho.

De repente entendi.

Pu-ta-que-o-pa-riu!

Com um pulo me levantei da cama, e me afastei de Lucila, dando dois passos para trás, sem desgrudar os olhos dela.

Eu tinha convencido o Vampirão de que havia tido minha noite de revelação, minha tão sonhada experiência com um vampiro. E eles iam me obrigar a ir ao encontro dele, mesmo que nenhum dos dois estivesse lá para me proteger. Eu estaria por minha própria conta e risco, e se mentisse, ele descobriria, tão certo como dois e dois são quatro. Portanto, eu não poderia mentir...

Era isso.

Lucila ia me morder.

Minha garganta ficou seca de repente. Medo.

— Vocês têm um trato, não têm? O que é? O Daniel não me faz mal e deixa que você tenha o privilégio de me morder? Essa é a parte dele. E a sua, qual é? Você se encarrega de me convencer a fazer o que vocês querem? Você me convence de que eu não tenho nada a temer? — eu estava começando a gritar, o medo que crescia em mim estava fazendo com que eu perdesse o controle. — Me diz, Lucila. Qual é a sua parte no trato? O que você prometeu em troca dele te deixar me morder?

Ela se levantou devagar da cama onde ainda estava sentada, e deu um passo em minha direção. Seus movimentos eram sinuosos e felinos, de uma leveza que recendia a perigo. Sem pensar dei mais um passo para trás. Ela me olhava fixo, um olhar intenso, ao mesmo tempo frio como o gelo e ardente como o fogo. Perturbador. Falou comigo em tom pausado e sério, mortalmente sério.

— Alguém precisa te morder, Clara, ou a gente vai perder a chance de te usar para pegar o assassino. E você é nossa única chance de acabar com tudo isso sem mais nenhuma morte desnecessária.

— Por que vocês não pedem pra uma das clientes do Daniel ajudar vocês? — em meu desespero, eu procurava qualquer alternativa.

— Clara, por quanto tempo você quer que isto se arraste? Neste momento o Vampirão está obcecado por você, e não vai ser fácil encontrar alguém que tome seu lugar, que possa servir como isca. Quanto mais tempo demorarmos, mais mulheres podem morrer. Vai me dizer que se isso acontecesse você não se sentiria culpada?

Ela estava certa. Além do mais, eu não sabia se teria estômago para deixar que alguém corresse qualquer risco em meu lugar. Se deixasse, e essa pessoa acabasse morta por minha causa, não sei se conseguiria conviver com a culpa.

Ela estendeu uma mão em minha direção, como se fosse tocar meu braço, e dei um passo para trás.

— Não me toca, Lucila!

— Clara, você quer saber qual minha parte no trato que fiz com o Daniel?

— Fala, Lucila.

— Pois bem, eu garanti ao Daniel que não perderia o controle quando te mordesse, e ele não pôde me dar a mesma garantia. Essa é a minha parte no trato: eu mordo, mas não estrago a brincadeira.

— Brincadeira, Lucila?

— Você não é ingênua, Clara. Você sabe do que estou falando.

Sim, eu sabia. O joguinho entre os dois. Quem consegue morder o pescocinho da Clara? Parece que a Lucila estava a ponto de ganhar

a primeira rodada, e garantir que outras viriam. Merda. Daria um belo título de livro: "Eu, brinquedo".

— Eu não vou causar nenhum mal a você. Você confia em mim, Clara?

Confio, lógico. Tanto quanto confio em mim para tomar conta de uma bandeja de brigadeiros. Ainda tinha alguma coisa errada nessa história toda, uma parte de meu cérebro estava me avisando, mas era uma parte que de repente não conseguia se comunicar com o resto, a ligação não completava, talvez o número estivesse errado, sei lá.

Lucila deu mais um passo em minha direção. A visão dela ali na minha frente, absolutamente decidida a me morder, me fazia tremer de medo. Por detrás dela eu via Daniel, imóvel, braços cruzados, encostado no batente da porta. Ele não dava mostras de querer interferir em nossa cena dramática. Claro, ele sabia que mais cedo ou mais tarde eu faria o que Lucila queria. Eu não tinha como evitar.

Percebi que uma parte de mim estava do lado deles. Aquela mesma parte que, quando a gente está numa varanda bem alta, tem o impulso irresistível de se jogar lá pra baixo. Aquela parte de mim que, quando eu era pequena, me fez enfiar o dedo na hélice de um ventilador ligado. Por sorte as pás eram de plástico, e o ventilador bem vagabundo. Me salvei de perder um dedo, mas não da surra que veio em seguida. Era essa parte de mim, mórbida e irresponsável, que queria se entregar e terminar logo com aquilo, e descobrir como, afinal, era ser mordida por um vampiro. Perturbador, saber que existia, dentro de mim, uma cúmplice dos vampiros.

Desisti de resistir, e parei de me preocupar.

Eu havia sido derrotada. Admiti para mim mesma que tudo, afinal, estava decidido antes mesmo de ter começado. Que outros haviam tomado por mim todas as decisões que eu deveria ter tomado. Lucila iria me morder, ali mesmo e daí a pouco. E eu sabia que eu não correria nenhum risco, mas sabia também que tudo ia ser diferente depois disso. E sabia que iria me encontrar com o vampiro que não era vampiro mas era assassino, e que e também não correria riscos,

mas que as coisas mudariam depois daquilo, uma vez mais. E tudo me pareceu irremediável. Eu não tinha mais vontade própria.

E então Lucila estava muito perto de mim, perto demais, e eu devia ter recuado sem perceber, porque ela estava me encostando contra a parede. Não havia mais como me afastar dela.

— Você tem que me deixar fazer isso — ela disse em voz baixa, e eu não estava gostando nem um pouco da expectativa selvagem que já havia visto outras vezes em seus olhos e que agora estava lá outra vez.

Não respondi. Não me pareceu necessário. Eu não tinha alternativa, não tinha como escapar.

Ela tocou meu rosto com a palma da mão.

— Eu preciso que você diga que quer, Clara — ela insistiu, baixinho. Não era aquela voz, a voz de vampiro que ela usava para sugestionar suas vítimas. Era uma voz cuidadosa, a voz de um adulto que tenta convencer uma criança a tomar um remédio ruim mas necessário.

Engoli em seco. Não tinha outro jeito, tinha? Posso desistir, tia, eu cansei da brincadeira. Não, não pode.

E, além do mais, aquela parte de mim que gostava de enfiar o dedo em ventiladores estava cada vez mais inquieta...

— O Daniel precisa mesmo ficar ali? — por alguma razão, me parecia ligeiramente obsceno que ele estivesse ali, observando, participando com os olhos.

— Daniel, se manda... — disse Lucila, sem se voltar e sem deixar de me olhar.

Em silêncio, como um espectro, ele obedeceu, e se foi. Eu não tinha mais desculpas para adiar o que desejava poder adiar para sempre.

— Você promete que só vai me morder? Que não vai tomar o meu sangue?

— Faz alguma diferença?

— Faz, não faz? — eu não sabia por quê, mas tinha a mais absoluta certeza de que sim, fazia.

— Clara, juro que não vou te fazer nenhum mal. Juro que só vou fazer o que é necessário e não... o que gostaria de fazer.

Acho que era o melhor que eu conseguiria dela. Eu não tinha mais forças para resistir.

— Me morde e acaba logo com isso — disse a ela, fechando os olhos e me entregando ao que quer que o destino tivesse reservado para mim.

— Relaxe, Clara. Sinta e... aproveite — sussurrou ela numa voz que me pareceu incrivelmente sedutora.

A mão que ela havia pousado em minha face deslizou para trás de meu pescoço, e Lucila me puxou em sua direção. Com a outra mão ela afastou de meu ombro a alça da camiseta sem mangas que eu estava usando. Senti seus lábios e seus dentes tocando minha pele, em algum lugar entre o pescoço e o ombro, e em seguida a dor breve e aguda da mordida, que me fez sufocar um grito de medo.

Mas no instante seguinte eu já não conseguia sequer me lembrar da dor ou do medo. Eu não consegui pensar. Era como se todas as vias pelas quais os pensamentos pudessem circular estivessem congestionadas, interrompidas, ocupadas pela imensa e intensa sensação de euforia, e pelo prazer, e pela satisfação que me invadiram. Não sei se é certo dizer que eu não conseguia pensar. A verdade é que nem mesmo tentava pensar. Não queria pensar, entregue àquela invasão súbita de minha consciência, de todo o meu corpo, de todos os canais que deveriam servir para que meus sentidos me trouxessem as sensações do mundo exterior. O mundo exterior não importava mais. Tudo o que eu precisava vinha de dentro de mim, daquela invasão que vinha não sei de onde, e que brotava dentro de mim, tomava forma dentro de mim, como se sempre tivesse sido uma parte minha e eu nunca a tivesse percebido. Uma fonte da qual jorravam emoções preciosas, tantas e tão emaranhadas que eu não conseguia separar umas das outras, e que havia surgido do nada e de repente, e cujo surgimento me pegara de surpresa, inesperadamente, num choque prazeroso que se somou à onda que me cobriu de repente, e me arrastou e me carregou, enquanto eu flutuava, entregue, feliz, inerte, dominada por sensações maravilhosas que eu não conseguia identificar. A não ser... Amor, eu senti amor e ao mesmo tempo o fogo da paixão, e a

chama do desejo, tudo de uma vez, apesar de ser tão rara essa combinação, amor e paixão ao mesmo tempo.

Mas ao mesmo tempo eu continuava aterrorizada, e consciente dos dentes de Lucila cravados na base de meu pescoço, uma pequena parte de minha atenção focalizada naquele ponto diminuto, onde já não havia dor, mas uma sensação de calor que se irradiava por meu corpo, por minhas pernas e braços, para dentro de meu cérebro.

E eu senti, eu senti quando Lucila engoliu o que parecia ser o primeiro gole de meu sangue.

No meio daquele redemoinho de emoções, o terror de repente aflorou. Ela não ia cumprir o que tinha prometido!

Nunca antes lutei tanto e tão duro contra algo como lutei naquele instante contra a onda de sensações deliciosas que parecia ser a única coisa que importava no mundo. Eu tentei me libertar dela e reagir contra aquela ameaça, aquele perigo. Um vampiro tomando meu sangue, um predador se alimentando de mim, presas enterradas em mim, sem que eu pudesse me proteger, sem que ao menos tentasse me proteger. Aquilo estava errado! Eu estava errada! Eu tinha de reagir, mas minhas forças não eram suficientes para ir contra aquela sensação de euforia que me arrastava sem que eu tivesse outra reação a não ser pensar *não pare! não pare!* Mas o pânico, o pânico da impotência, o pânico de estar diante de uma fatalidade, diante do fim, foi crescendo, e invadindo novos territórios de minha mente, e tentando assumir o controle de meu corpo, até que ele foi mais forte e o instinto de sobrevivência gritou alto dentro de meu cérebro, mais alto que o canto das sereias que me chamavam para as águas profundas do prazer.

Não confie em um vampiro! Jamais confie em um vampiro!

Resisti. Meu corpo, imobilizado entre a vampira e a parede, rebelou-se e se contorceu, fraca reação perante a força do predador. Cheguei a empurrar Lucila com as mãos, e ela se afastou. Para minha surpresa.

Não foi minha débil oposição que fez com que ela me soltasse, eu sei. Ela me soltou somente porque quis.

Sensação de alívio. Eu estava viva. Lucila havia me mordido e não havia perdido o controle. Mas mesmo assim tinha provado meu sangue.

Eu tinha sido provada por um vampiro.

Quando o corpo dela se afastou do meu, minhas pernas não aguentaram o peso súbito, e os joelhos se vergaram, inúteis, enquanto eu deslizava pela parede. Acabei sentada no chão, as pernas encolhidas, sem ter despregado os olhos da vampira por um instante sequer.

Aquela idéia não saía de minha cabeça: ela tinha tomado meu sangue, ela conhecia o meu sabor, e por algum motivo aquilo me parecia uma coisa horrível, que não poderia ter acontecido.

Abracei meus joelhos com força. Mais uma vez eu me sentia traída. Abandonada. Precisando confiar em alguém, e sem ninguém em quem pudesse confiar.

— Você tinha prometido... você me enganou — protestei, e minha voz saiu insegura, e desamparada, como a de uma criança protestando diante de um adulto.

Ela ficou parada, apenas me olhando, e eu não conseguia ler nada em seus olhos, e nenhuma expressão transparecia em sua face bonita, e por algum motivo isso me incomodava, e me incomodava muito. Lucila acabava de me morder, acabava de fazer o que há meses vinha tentando fazer, e de alguma forma não parecia certo que ela me olhasse daquele jeito, com a mesma falta de sentimento com que a gente assiste aos comerciais da tevê numa tarde entediante de domingo. Não era possível, alguma coisa ela devia ter sentido, e aquela falta de expressão significava algo, e pelo que eu conhecia de Lucila, eu tinha quase certeza que significava que ela estava escondendo algo de mim.

— Não. Eu fiz o que tinha de fazer — a voz dela era fria, cortante, distante — Eu fiz o que prometi. Se fosse minha intenção tomar o seu sangue eu não teria mordido onde mordei, no ombro, onde a circulação é escassa — ela se ajoelhou perto de mim. — Teria mordido aqui... — ela tocou, com a ponta dos dedos, um ponto na lateral de minha garganta —... ou aqui — ela levantou minha mão, a

palma virada para cima, e passou um dedo pela parte de dentro do meu pulso.

O toque dela na minha pele fez meu coração dar um salto.

— Confesso que não resisti à tentação, Clara, e experimentei seu sangue, sim — ela continuou, naquela voz glacial. — Mas eu não havia prometido não tomá-lo, o que prometi foi não lhe causar nenhum mal, e prometi fazer o que fosse necessário. Eu te dei a experiência que o assassino quer... — e de repente ela abriu um sorriso, um sorriso cálido que apagou o frio de sua voz, de seus olhos, como se ele nunca tivesse existido —... o que você vai fazer com ela agora é problema seu.

O mais perturbador foi que, quando ela baixou a guarda para sorrir, algo mais acabou se revelando. Por que é que a última frase acabou saindo tensa, como se ela estivesse preocupada com alguma coisa?

## VII

Como de costume, a avenida Paulista fervia de atividade. As pessoas ocupadas em ganhar dinheiro, ou preocupadas por não ganhar, ou despreocupadas a passear, pareciam estimuladas e revigoradas pela tarde de sol. Sol forte. Sol de espantar vampiro.

Já passava das três. Seguindo as instruções do Vampirão, eu estava na frente do museu fazia mais de uma hora. Se estava nervosa? Rá, que que você acha? Tinha acabado de ser mordida por uma vampira. Ia me encontrar com um doido assassino que achava que era um vampiro. E se não me encontrasse, muito provavelmente ia ter de enfrentar ainda mais um vampiro, esse com quase dois metros de altura e apontando um dedo acusador pra mim, dizendo que a culpa era minha, que no mínimo eu é que devia ter feito alguma besteira.

Meu celular já tinha tocado três vezes e nas três vezes levei um puta dum susto. A primeira vez foi logo depois que cheguei aqui, ao local do encontro, e era o Estevão ligando de seu celular, e não atendi. Das outras vezes era a Lucila, perguntando como estavam as coisas. Mal, como é que iam estar, pára de encher o saco, não adianta nada ligar, se eu morrer do coração aí é que vocês ficam na mão! Nervosa, eu?

Na primeira meia hora, nem sinal do Vampirão. Eu não sabia bem o que pensar. Eu não acreditava que ele tivesse desistido. Naaaá, essa sorte eu não ia ter... A hipótese que me parecia mais provável era que ele estivesse me vigiando de algum lugar ali por perto. A gente já tinha notado que ele era um sujeito desconfiado. Não seria de estranhar se ele estivesse espreitando pra ver se eu dava um passo em falso.

O tempo passava e resolvi tomar uma atitude. Fiz um esforcinho pra me lembrar de umas coisinhas que havia aprendido durante um estágio no zoológico, quando ainda achava que seria uma grande cientista e que passaria o resto dos meus dias estudando o comportamento de macacos - cada coisa que a gente enfia na cabeça, né? O que desenterrei dos empoeirados arquivos-mortos da memória foi uma técnica usada no estudo de bichos que andam em

bandos, chamada amostragem por escaneamento. Quando você quer estudar o comportamento de um monte de bichos de uma vez só, se estiver sozinho não vai conseguir ficar de olho em todos ao mesmo tempo, o tempo todo. Então você faz o seguinte: de tanto em tanto, por exemplo a cada cinco minutos, você olha, um por um, cada bicho do bando que está estudando e vai anotando numa planilha o que ele está fazendo naquele exato instante. Deixa passar mais cinco minutos, e faz tudo de novo, e assim por diante. Você não está vigiando cada bicho o tempo todo, mas é como se tivesse uma coleção de retratos de cada um, e é em cima desse monte de "instantâneos" que você vai fazer seu estudo: de acordo com o número de vezes que um bicho foi flagrado fazendo alguma coisa, tipo comendo, dormindo, se cocando, namorando, você calcula quanto tempo por dia ele gasta naquela atividade. É prático, fácil e muito científico.

Dei uma adaptada à situação em que me encontrava. Claro, nada de planilha, já pensou, eu ali com uma prancheta em plena avenida Paulista? O Vampirão não ia gostar nada, nada. Usei a memória, como às vezes eu fazia no zoológico antes do estudo, só pra ter uma idéia de como estava o humor de meus macacos naquele dia. Então. Plantada ali na frente do MASP, de cinco em cinco minutos eu dava uma olhada ao redor, examinava a multidão na avenida e procurava me lembrar de cada ser humano do sexo masculino que estivesse à vista. Onde estava, o que fazia, será que eu o havia visto nas amostragens anteriores? Na quinta escaneada eu já tinha separado sete suspeitos, os únicos que estavam por ali desde a primeira observação. Um pipoqueiro. Um mendigo sentado em frente do parque do Trianon, do outro lado da avenida. Dois caras no ponto de ônibus. Um rapazinho com pinta de *office-boy*, parado numa esquina. Dois cabeludos sentados na mureta do espelho d'água do museu e batendo papo. Na sexta escaneada, um ônibus já havia carregado um dos caras do ponto de ônibus, e o *office-boy* estava aos beijos com uma *office-girl*. Eu tinha o meu suspeito. O cara de óculos no ponto de ônibus.

Claro, não tinha como ter certeza de nada, nem sabia se o tal do Vampirão não estaria me observando por trás de alguma vidraça em

um dos prédios imensos que me rodeavam, e nem mesmo se de fato minha hipótese estava correta.

Pouco depois das três da tarde o cara de óculos se afastou do ponto. Hum. Ele foi até um orelhão. HUM. Tirou o aparelho do gancho e digitou um número.

Meu celular tocou.

Meu coração quase parou e eu senti algo esquisito na boca do estômago. Talvez seja assim que as pessoas se sentem quando levam um chute, ou um murro bem dado, na barriga.

— A... alô.

— Verônica.

— Vampirão?

— Desculpe o atraso — atraso, sei. — Você ainda está aí? — claro, você está me olhando nesse exato momento, não está?

— Sim, e você, onde está?

— Escuta, você conhece aquela praça aí perto, descendo a rua, do lado do parque?

— Aquela que tem uma coisa que parece um templo grego?

— Essa. Me espera lá.

Deus do céu. Tia, tem certeza de que eu não posso desistir? Dessa brincadeira eu não gosto. Cala a boca e continua nadando.

— Tá, tudo bem, só tenho que dar uma passadinha num lugar antes.

— A troco de quê? — eu sentia a suspeita na voz dele.

— Banheiro. Quer que eu seja mais explícita?

Ele desligou sem se despedir. Enquanto eu cruzava a avenida, ele me olhava, parado ao lado do orelhão. Continuei meu caminho e não tive coragem de olhar para trás para ver se me seguia ou não.

No curto trajeto até a praça achei o que procurava. Entrei numa lanchonete e fui ao banheiro. Liguei para minha casa. Lucila atendeu no primeiro toque.

— Eu já sei como ele é. Não é suficiente? Eu faço uma descrição!  
— minha voz estava ligeiramente histérica.

— Clara! Que que está acontecendo?

— Ele esteve me vigiando na última meia hora. Lucila, eu estou com medo! Eu não quero me encontrar com esse cara!

— Clarinha, meu amor, se eu fosse você eu teria medo de *não* encontrar — a voz dela estava doce o suficiente pra que eu entendesse direitinho o recado.

— Lucila, pelo amor de Deus, esse cara me assusta, eu quero ir embora pra casa.

— Querida, o Daniel está aqui do meu lado pedindo que eu te lembre de que quando você chegar aqui ele vai estar te esperando.

Jesus!

— Merda. Tá legal. O Vampirão mudou o lugar do encontro. Tô indo me encontrar com ele naquela pracinha do lado do parque. Se eu não voltar pra casa, toma conta dos meus peixinhos — era uma citação. Um episódio do Arquivo X. Ela não ia entender.

— Mas você não tem pei...

Desliguei me sentindo como uma condenada à morte. Eu sei, meus vampiros de estimação tinham garantido que eu não corria perigo, mas não era o pescoço *deles* que estava indo se encontrar com aquele maluco. Não tinha jeito, tinha?

Ele não estava na praça quando cheguei. Devia estar escondido nalgum lugar.

Sentei-me num banco vazio. Minhas pernas não tinham muita condição de me manter em pé. Meu coração não batia, esmurrava.

Não demorou muito.

— Verônica.

De onde ele tinha aparecido? Ele se sentou a meu lado. Minha Nossa Senhora Aparecida, que medo! Parecia impossível que ele não estivesse vendo como meu corpo tremia.

Estávamos a pleno sol. Ele definitivamente não era um vampiro. Ele era tão humano quanto eu mesma, ou quanto qualquer pessoa que passeava, descansava ou se distraía naquela praça bonita e normal. Era injusto que o mundo continuasse como sempre foi enquanto eu era obrigada a lidar com aquela situação de pesadelo.

— Eu não vou ficar te chamando de Vampirão... — isso, ataque, quem sabe ele não percebe que você está aterrorizada.

— William. Você é bonita.

— Obrigada — ele não era, e eu não gosto de mentir. William não tinha cara de *serial killer*. Ele poderia ser qualquer coisa bem

certinha, bem chata, tipo professor de matemática, vendedor de plano de saúde, gerente de pessoal de supermercado. Tinha jeitão de c.d.f., a linha do cabelo recuando para dar lugar a um princípio de calvície, olhos castanhos e míopes por trás dos óculos de metal dourado, camisa listadinha e um *jeans* comportado. Parecia super normal, um rosto até agradável de olhar, mas não daqueles que merecem uma segunda olhada na rua. Poderia ser um pai de família. Ou um filho solteirão. Não um amante vampiro. Nem um *serial killer*.

Mas justamente por parecer tão normal ele me apavorava. Eu tinha vontade de sair correndo. Não podia. O Daniel me mataria se eu fizesse isso. E não era modo de dizer. Ele me mataria de verdade. William... isso é nome pra *serial killer*?... pegou minha mão, e a segurou na sua. Sua mão era quente.

— Você está com medo, Verônica?

Podia dizer que não? Fiz que sim com a cabeça.

— Por quê? Por que tem medo?

— Eu... tenho medo de você.

— Acho que não, Verônica. Você tem medo por estar descobrindo o prazer com que tanto sonhou, e por não saber o quanto terá de pagar por ele. Estou certo?

Estranho. De certa forma ele estava. Pelos motivos errados, mas estava. Outra vez acenei com a cabeça, concordando.

Ele deu um pequeno sorriso de satisfação, e nunca em minha vida um sorriso me assustou tanto.

— Posso ver a marca? — perguntou.

— Marca? — eu não tinha entendido.

— Da mordida — ah, essa. Direto, o moço, não?

— Aqui, assim?

— Me mostra — ele apertou minha mão, uma advertência. — Onde é?

Comecei a levar a mão que estava livre até o ombro onde Lucila tinha me mordido. Ele me impediu. Ele mesmo puxou para o lado a alça da camiseta, e inspirou fundo ao ver as duas cicatrizes pequeninas.

Logo depois de ter sido mordida por Lucila, eu tinha olhado no espelho e me surpreendido com o ferimento já fechado, enquanto

ela, atrás de mim, me olhava através da imagem refletida. Perguntei como é que podia, cicatrizar tão rápido? Saliva de vampiro devia ser anticoagulante. Ela riu sua risada cristalina e adorável, e respondeu que, quando menos a gente esperava, a cientista que morava dentro de mim dava as caras. E acrescentou que morcego a gente podia entender através da ciência, mas vampiros eram outra história.

Só aquelas duas marquinhos. Todo o meu terror, a minha resistência e a insistência dela, e aquelas duas marquinhos eram todo o sinal externo de uma experiência que tinha sido... indescritível. Inesquecível.

— Por que aqui, Verônica? — a voz dele era seda, mas eu sentia, por trás da suavidade aparente, a desconfiança e a ameaça. Claro que ele suspeitaria. Por que não no pescoço, no pulso ou, muito mais erótico, na artéria femural?

— Você acha que é só de você que tenho medo? Que foi fácil aceitar a realização de um sonho tão intenso? Daniel foi um cavalheiro, e entendeu meu temor. Não sei o que lhe contaram a respeito dele, mas ele foi gentil. Ele mesmo insistiu num lugar não vital, e provou que eu podia confiar nele.

Teria sido convincente em meu breve discurso? O próprio Daniel havia me instruído a dizer essas coisas. Não fora comigo, mas era como tinha acontecido com outras. Era tudo verdade.

William deu uma risadinha, e relaxou. Senti alívio. Tinha dado certo.

— Sim, querida, Daniel é um cavalheiro. Sempre é. Então ele a seduziu com sua gentileza?

— Sim — admiti num murmúrio.

— Vocês fizeram amor?

— Não é da sua conta — disse eu, ficando vermelha como um pimentão.

— Tem razão, não é — ele sorriu como quem sorri de uma tirada espirituosa de uma criança pequena. — Mas foi bom, não foi?

— Foi — murmurei, lembrando o que senti quando Lucila me mordeu.

— Como você esperava?

— Melhor — algumas coisas são mais fáceis de inventar do que outras.

Ele sorriu de novo.

— Não falei que não se arrependeria? E acredite em mim: eu posso lhe dar muito mais do que ele lhe deu.

Seu olhar se fixou de novo nas cicatrizes, e de novo ele respirou fundo. Era como se as devorasse com os olhos. Elas o excitavam, eu percebia. Sua respiração ficou mais rápida, mais rasa. Ele ergueu de novo a mão e a levou até meu ombro. Quando as pontas de seus dedos tocaram de leve as marquinhas, a minha pele, eu me senti como a superfície de um lago quando você joga uma pedra, em que as ondas concêntricas vão se irradiando até que tomam toda a superfície, e então voltam e se misturam com as que vêm depois delas, e o que era tranquilo se transforma num caos que você não consegue entender, mas que é belo, hipnoticamente belo, e você quer que aquele movimento da água, que parece tão suave, mas que muda tudo e que muda sempre, não termine, e continue, sempre diferente, e diferente, e diferente.

Mas eu não queria que ele fosse aquela pedra. Eu não queria que ele tivesse aquele poder sobre mim. Me afastei no banco, só um pouco, o suficiente para que seus dedos perdessem o contato com minha pele, e eu era de novo o lago tranquilo.

Ele ainda tinha minha mão na dele, ambas pousadas sobre minha perna. A outra mão dele, ainda suspensa no ar, foi até meu rosto, e segurou meu queixo, enquanto ele aproximava seu rosto do meu. Por um instante achei que ele ia tentar me beijar, e por um instante, juro, achei que eu deixaria. A superfície tranquila escondia águas profundas e turbulentas.

Mas ele apenas falou. Apenas... Não, não é uma boa palavra.

— Verônica, você não quer o que eu tenho para lhe dar? — ele disse baixinho. — Você sabe que é o que sempre procurou. É o que você quer, não é? Abandone-se. Entregue-se.

Não era aquela voz vampírica, mas... Deus, como eu podia resistir? Eu sabia que embora não fosse um vampiro ele poderia estar me manipulando, manipulando minha vontade como Daniel havia feito, mas não conseguia lutar contra isso. Não tive forças.

Fechei os olhos. Abandonei-me. Entreguei-me. Pela segunda vez naquele dia.

Ele pôs a palma da mão em cima das marcas da mordida de vampiro.

E o mundo explodiu dentro de mim.

Um ataque maciço de sensações, uma quantidade impossível delas, ocupando de uma só vez, num movimento único, todos os meus sentidos. Me vi cercada por uma nuvem de vermelhos e azuis e roxos de todos os tons, que giravam e me envolviam, às vezes cálidos, às vezes frescos, sempre causando arrepios de prazer sobre a pele, como uma brisa à beira-mar. Senti todos os perfumes de que mais gosto, o cheiro da terra molhada depois da chuva, do jasmim-do-cabo e da camélia, o aroma da manga madura e suculenta, a colônia que minha mãe passava em mim depois do banho quando eu era criança, o cheiro do pão recém-assado. Senti o gosto das jabuticabas colhidas no pé, do pudim de leite-condensado, do tomate bem maduro, do doce de abóbora comido num dia de chuva. Por todo meu corpo sentia aquela coisa exuberante, sensual, que a gente sente quando deita ao sol, e fecha os olhos, e relaxa, e deixa que o calor nos envolva numa carícia que não nos poupa um milímetro de pele. Senti o prazer que temos ao deitar entre os lençóis frescos e limpos, numa noite quente de verão. A sensação de perfeição ao passar ao mão pelo dorso perfeitamente arqueado de um gato, ou por um retalho de cetim. E parecia ouvir uma sinfonia maravilhosa, o som concertado de flautas e oboés, de violinos, violas e violoncelos, e surgindo subitamente, a voz celestial de uma soprano, uma sinfonia que ainda não foi escrita e que nunca será, tão perfeita sua perfeição. E no centro de tudo isso, emoldurado e realçado por esse cenário complexo, o prazer físico, a sensação que se sente com o primeiro beijo, com a primeira carícia, com a primeira intimidade trocada com alguém que é desejado, em segredo, há muito. Aquelas ondas de medo e de prazer, que se alternam e se misturam ao ponto de não poderem mais ser distinguidas, quando percebemos que um sonho se torna realidade, e que aquela pessoa, aquela pela qual cada fibra de seu corpo anseia, está ali e é sua, e que você é dela, que ela será o que você

quiser, e que você fará o que ela pedir, e que não existem limites conhecidos, e que o jogo é descobrir onde estão esses limites e empurrá-los cada vez mais longe.

E de repente eu reconheci tudo aquilo. Era o que eu havia sentido quando Lucila me mordeu, aquela interrupção de todas as vias de pensamento, a maré de prazer que me invadiu, a onda de sensações que me carregou. Mas multiplicado por três, por dez, por mil. Era como se todos aqueles pequenos e grandes prazeres estivessem então latentes, e eu apenas os vislumbrasse, e estivessem adormecidos, esperando para serem descobertos e para se revelarem em toda sua força, em toda sua imensidão. Estavam todos dentro de mim, prontos para serem libertados. Como havia acontecido agora. E então tudo se foi e eu me senti abandonada. A mão dele não estava mais em meu ombro.

Deus do céu, Santíssima Virgem Maria!

Abri os olhos. Com a ponta dos dedos ele tocou meu rosto e traçou o caminho úmido e salgado deixado por minhas lágrimas. Eu estava chorando e não havia percebido.

Ele ofegava, e me olhava completamente perdido em adoração, como se eu fosse uma imagem sagrada, um símbolo digno de veneração. Eu devolvia seu olhar, confusa, abismada, entendendo porque outras mulheres haviam se entregado a esse homem perfeitamente comum, perfeitamente irresistível. Eu teria entregado minha alma a ele, eu teria lhe dado minha vida...

Sim, era isso. Elas tinham dado a ele suas vidas. Por experiências como essa pela qual eu acabava de passar.

Naquele instante eu as compreendi.

Ele falou novamente, e havia em sua voz o fervor de um fanático, de um devoto.

— Você é uma obra de arte, Verônica. Deus, eu nunca imaginei que alguém como você existisse. Eu não podia imaginar... Você é o meu sonho mais doce. Eu... não pensei que pudesse ser assim. Eu quero você hoje, Verônica. Agora. Vamos para algum lugar mais... reservado, e...

Um alarme disparou dentro de mim. Algo não estava certo. Ele estava mudando de planos, eu sentia que ele havia sido tão

surpreendido quanto eu. *Eu não sou como ele*, ele havia dito. Impulsivo, era o que ele queria dizer? Não era o que estava parecendo agora. Eu sentia que estaria correndo perigo, o perigo que não teria corrido se tudo tivesse acontecido como ele pensava. Meu instinto me dizia que aquilo tinha de parar por ali. Que se a coisa fosse além, eu seria incapaz de me opor. Sabendo o que um toque suave dele era capaz de fazer comigo, eu não conseguiria dizer não a... experiências mais extremas.

Águas perigosas. Escuras e traiçoeiras.

Que que eu faço? Resistir, sim, mas como?

— Clara.

Demorei para me lembrar quem era Clara.

Demorei para perceber que não era ele quem estava me chamando.

Estevão estava parado a uns dez passos de nós, imóvel, pálido como se tivesse visto um fantasma. Eu o via por cima do ombro daquele homem que ainda segurava minha mão.

William sorriu, um sorriso puro e cálido, apaixonado e apaixonante, e que me fez pensar que eu havia sido muito cega em achar que aquele rosto era um rosto normal que não mereceria uma segunda olhada. Ele era maravilhoso. Ele se levantou.

E curvou-se, falando perto de mim.

— Você é perfeita — a voz dele era tensa, densa de paixão. — Você é uma sinfonia, um quadro de Botticelli, uma fruta macia, madura e doce no auge do verão. Eu estou perdido por você, perdido em você. Eu te ligo... Clara.

Ele levou minha mão até os lábios, minha mão que ele não havia largado por um segundo, e beijou-a, demorando um pouco mais que o necessário e olhando sempre em meus olhos. Em seguida se foi, e se não tivesse dito meu nome, fazendo-me estremecer de medo e de... expectativa, eu juraria que ele não tinha nem percebido a presença de Estevão, que continuava imóvel e pálido e com cara de susto.

Cacete. Que que eu podia dizer? Que que eu podia fazer?

Me levantei e corri até Estevão e me atirei nos braços dele e quando ele me apertou forte eu chorei e chorei e chorei e chorei. De

alívio. Com raiva. Inconformada. Assustada. Merda!

## VIII

No silêncio da noite escutei um carrilhão, no apartamento de algum vizinho, bater doze vezes. Um cachorro latindo longe. Uns minutos antes, um gato chamando outro para a batalha. A respiração tranqüila do Estevão, que dormia a meu lado, em minha cama, no meu quarto, mas que eu sentia tão longe de mim.

Eu estava nos braços dele. Eu queria continuar ali para sempre. Não havíamos feito amor. Eu sentia que nunca mais faríamos amor, e sentia que ele também sabia disso. Mas eu precisava estar em algum lugar que ao menos me parecesse seguro. Ele havia entendido isso. Ele não sabia o que estava acontecendo, mas ele sabia do que eu precisava. Isso quase me fez sofrer por não amá-lo mais, por ele não me amar mais. Mas ele estava ali, e era um amigo, e nós dois sabíamos, embora de formas diferentes, que o que eu precisava naquela noite era o amor de um amigo, não o amor da paixão, ou da carne, ou do sexo.

O que se seguiu a meu perturbador encontro com William, o assassino e duble de vampiro, foi um jogo irritante de perguntas feitas a quem não queria responder e respostas que não satisfaziam a quem queria saber. O jogo começou já no carro de Estevão.

— Não foi coincidência, não é?

— Não.

— Como você sabia?

— Lucila. Ela me ligou. Disse que talvez você precisasse de mim. Disse onde você estava. Que eu devia ficar na moita a menos que achasse que devia interferir, senão você ia ficar muito brava.

— Quando ela te ligou?

— Logo depois que você saiu.

— Você estava me observando?

— Desde antes das duas.

— Onde?

— Escondido. Por que você não atendeu o celular quando eu liguei?

— Porque não. Por que você ligou?

— Porque sim.

Breve silêncio.

— Por que você estava com aquele cara esquisito?

— A Lucila não disse?

— Não.

— Então também não digo.

— Tá, tudo bem, legal.

Silêncio não tão breve.

— Quem era o cara?

— Interessa?

— Interessa. Quem?

— Não interessa.

Silêncio mais longo.

— Você estava... em perigo?

— Por que você acha que eu estava em perigo?

— Eu perguntei primeiro.

— E eu não quero responder.

— Por quê?

— E você, por que também não quer responder?

Silêncio ainda mais longo.

— Obrigada.

— Por quê?

— Só obrigada.

— De nada. Você... não está brava comigo?

— Não.

Breve pausa.

— Você não vai perguntar...?

— O quê?

— Se eu estou bravo com você...

— Não.

Silêncio incômodo pelo resto do caminho.

De volta ao apartamento, a situação ficou muito esquisita. Pra não dizer ridícula. Estevão parecia uma galinha choca ao meu redor.

Parecia que ele sempre estava entre mim e Lucila, sempre com as penas arrepiadas e pronto para bicá-la se ela se aproximasse. Não era só ele que estava agindo de forma incomum. Eu tentava estar sempre o mais longe possível dos vampiros. Lucila parecia estar tentando ficar longe de mim. O único quase normal era Daniel, que continuava completamente à vontade, escarrapachado em minha poltrona. Mas os olhos dele ficavam pulando de Lucila para mim, de mim para Lucila, o tempo todo.

Era óbvio que todos tinham perguntas. Os vampiros queriam informação. Eu queria explicações. Estevão queria saber o que estava acontecendo. E ninguém perguntava nada.

Eu sabia qual era o problema naquele momento.

Estevão.

Era ele quem estava sobrando. Mas eu não queria que ele fosse embora. Eu não queria ficar sozinha com os vampiros. Eu não confiava neles, mas principalmente eu não confiava em mim. Não depois de tudo que havia descoberto e sentido durante aquele longo dia.

Daniel resolveu o problema.

— *Você está morrendo de sono e vai dormir... agora* — disse para Estevão, que deu dois passos, sentou-se no sofá, bocejou e caiu no sono imediatamente.

Grande proteção, o meu Estevão. Mas eu estava me sentindo nua e vulnerável agora que ele estava adormecido e quase babando ali no meu estofado.

— Tá legal, agora conta tudo. Que que aconteceu? — não sei se Daniel era o mais ansioso, mas foi quem perguntou primeiro.

— Encontrei com ele, ele tocou em mim e eu tive o melhor orgasmo da minha vida. Mais alguma pergunta?

— Uau — Lucila parecia impressionada, não sei se com o fato narrado ou com a minha capacidade de síntese.

— Uau digo eu. Detesto ficar comparando o desempenho de meus, hum, amantes, mas querida, o efeito da sua mordida foi fichinha perto do que aquele cara me fez. Se nosso amante vampiro aqui morde como você, ele está de parabéns, mas, me desculpe a

falta de tato, posso imaginar porque é que a mulherada dele pula o muro com o doce William.

Você está impressionado? Sou ou não sou durona? Viu as coisas que sou capaz de dizer? Até eu me impressionaria com essa frieza, se não soubesse como estava abalada com o que dizia, e como tremia por dentro, e como minhas pernas estavam bambas enquanto eu cantava de galo, e como eu estava tentando passar por aquilo o mais depressa possível pra poder ficar a sós comigo mesma e tentar entender todas as coisas assustadoras que estava aprendendo sobre mim, sobre minha natureza e sobre meus desejos.

— William? — Daniel levantou uma sobrancelha.

— O Vampirão.

— William. Que nome pra um vampiro — menosprezou ele.

— Ele pode não ser um vampiro de verdade, — objetei — mas um cara normal ele também não é. Poderia ser um incubo? — a partir do momento em que me convenci de que, sem sombra de dúvidas, vampiros existiam, nada mais parecia absurdo para mim, nem a idéia de que pudesse existir um demônio especializado em violar mulheres.

— Bobagem, incubos não existem — Daniel deu de ombros.

— Ele é um vampiro, sim, Clara — Lucila disse, com uma voz calma demais pro meu gosto.

— Imagina, naquele puta sol, e o cara não tinha den...

— Vampiro psíquico. Já ouviu falar? — ela estava tão séria que nem me afastei quando ela chegou do meu lado e pôs a mão em meu braço.

Vampiro psíquico, hein? Essa era novidade.

— Não, nunca.

— Ele se alimenta de emoções, não de sangue.

— Mas não faz sentido, ele... ele... — eu não conseguia um jeito de dizer o que eu queria sem, hum, ferir suscetibilidades. Quer dizer, as minhas suscetibilidades —... mas foi ele quem me, hã, alimentou, vamos dizer.

— Não foi, Clara. Foi você quem fez tudo. Ele só te mostrou o caminho. Você fez o resto.

Eu?

Aquilo tudo... era eu? Aquelas sensações avassaladoras? Cacete!

Senti minha cara ficar vermelha. Eu estava com vergonha de mim mesma. O que é uma bobagem, lógico, a gente não pode ter vergonha do que não consegue controlar. Isso não melhorava em nada o que eu estava sentindo.

— Vampiros psíquicos... essa é boa. Parece papo de *new age*. Quer dizer que incubo não pode, mas vampiro psíquico, que come tesão de garfo e faca... — abanei a cabeça, achando aquilo tudo muito absurdo.

E de repente eu soube do que eu precisava. Soltei-me da mão de Lucila, virei as costas aos vampiros e aos problemas e caminhei decidida até a cozinha. Uma boa taça de vinho. Eu estava precisando, de verdade. Em algum lugar por ali tinha uma garrafa de *chianti* quase no fim... ah, achei. Só o perfume do vinho italiano já era suficiente para me tranquilizar. Um pequeno prazer num dia que estava sendo uma grande merda.

Quando voltei, Daniel abriu um sorriso.

— Hum, líquidos vermelhos e perfumados... que idéia!

Mas Lucila continuava séria.

— Clara... — ela hesitou, e fiquei espantada, ora ora, minha amiga vampira parecia não saber o que dizer. Cada coisa que a gente vê, se consegue viver o suficiente...

Ela de novo veio até mim, e então me fez sentar no sofá, ao lado do Estevão, que agora roncava baixinho, e se ajoelhou no chão à minha frente. Parece que ia ser um papo sério.

— Me diz. Como foi? Como ele reagiu?

Por que eu tive a impressão, de novo, que as coisas não tinham transcorrido exatamente como todo mundo — menos eu, claro — esperava que tivessem acontecido? Por que me parecia que a Lucila havia sido surpreendida, e por que achava que ela estava assustada? Eu queria saber coisas, e não as mesmas coisas que os vampiros queriam saber, e minha paciência estava no fim porque eu não estava suportando me sentir um brinquedinho de um monte de vampiros que não tinham o menor interesse pela forma como eu me sentia.

— Não, Lucila, me diz você. Por que é que o Estevão apareceu lá? Por que você o mandou? Antes, quando me convenceu a ir me encontrar com esse cara, você disse que eu não estaria em perigo. Por que mudou de idéia de repente? E me diz, eu estava em perigo?

Ela me olhava sem dizer nada. Isso dizia muito. Me assustava muito.

— Eu estava, não estava? Por quê? O que deu errado? — quase gritando.

— Você acha que algo deu errado, Clara? — ela ainda tinha aquela voz mansa que me assustava mais do que qualquer outra coisa. Engoli em seco e abaixei meu tom de voz, tentando me acalmar. Meu coração socava minha caixa torácica como se quisesse sair dali e ir para algum lugar bem longe. Um lugar onde não houvesse vampiros.

— Acho. Quer dizer, não errado. Mas algo aconteceu que não estava nos planos dele. Eu senti. Ele mudou, no meio da coisa, e ele não esperava por aquilo. E por que será que eu tenho certeza de que você sabia que isso podia acontecer? Foi por isso que você mandou o Estevão pra lá, não foi? Ele aparecendo de repente no meio da ceninha romântica com o Vampirão podia foder com nosso plano, mas você mandou mesmo assim. Você estava achando que algo *muito* ruim podia me acontecer. Como você sabia, e o Vampirão não?

Lucila deu a impressão de que ia dizer algo, mas não fiquei sabendo o quê, pois Daniel falou, num tom que não permitia que o ignorássemos.

— E agora, Clara, qual o próximo passo?

— Ele vai ligar de novo — *e se ele não ligar, eu ligo*, pensei, para logo em seguida me horrorizar com aquele pensamento.

— Certeza?

— Tão certo quanto o sol vai nascer amanhã. Mas não tentem desviar a minha atenção. Eu conheço os joguinhos de vocês. Primeiro, que merda é essa de vampiro psíquico? Segundo, o que é que vocês descobriram que fez vocês acharem que a coisa podia ficar feia pro meu lado?

Lucila apoiou a mão em meu joelho para se levantar, e enquanto se erguia aproximou o rosto do meu e sorriu.

— Me deixa te morder que eu conto.

Mandei-a à merda e ela deu uma gargalhada. Aquilo significava que eu não ia ter mais informação nenhuma.

Merda.

Daniel acordou Estevão e lhe sugeriu que tomasse conta de mim, que me levasse pra comer fora, que me mimasse muito porque meu dia tinha sido horrível, e que não me enchesse o saco com perguntas porque eu era uma boa menina e não tinha culpa de nada, e não merecia que ninguém ficasse me pentelhando quando o que eu precisava era que alguém cuidasse de mim. Ele não usou sua voz especial de vampiro mas o tempo todo deu a entender que ele achava que tudo de ruim que estava acontecendo a mim era culpa dele, Estevão. Daniel não perdia uma oportunidade de ser cruel.

Os dois vampiros se foram para meu quarto de hóspedes, e eu não os vi mais. Deviam estar só esperando a noite cair para se mandarem. Lucila estava me evitando tanto quanto eu a evitava, dava pra perceber, e eu fiquei agradecida por poder andar por minha casa sem tropeçar em vampiros a toda hora.

Estevão fez o que Daniel havia sugerido. Tomou conta de mim. Preparou um suco de laranja, e quando eu disse que preferia vinho, abriu uma nova garrafa sabendo que eu adoraria isso, uma vez que saca-rolhas são, para mim, aparelhos absolutamente incompreensíveis. Me abraçou enquanto estávamos na varanda olhando a cidade toda iluminada pelo sol que ia descendo no horizonte. Ele até escolheu uma trilha sonora para o pôr-do-sol. O concerto para oboé em ré menor, de Albinoni. Para variar, o segundo movimento encheu meus olhos de lágrimas. Eu duvido que alguém consiga resistir àquele oboé que penetra na alma da gente como um punhal afiado e certeiro. Como diz uma amiga minha, é de fazer um ateu acreditar em Deus. Claro que eu chorei, e não foi só por causa da música. Eu estava precisando. E Estevão sabia. Ele me abraçou enquanto eu chorava, olhando as cores do sol que ia embora.

Antes da escuridão da noite cair por completo, Estevão me levou para comer fora.

No restaurante ele foi perfeitamente charmoso. Eu estava em dúvida entre a salada de rúcula com gorgonzola e a de mussarela de búfala com tomate seco, e ele pediu uma pra mim e a outra pra ele, e dividimos as duas, embora eu soubesse que ele estava morrendo por uma picanha bem suculenta. Ele até conseguiu disfarçar, com grande habilidade, a angústia extrema que eu sabia que a dieta *light* lhe provocava, e atacou as saladas com um entusiasmo tão bem encenado que qualquer um se enganaria. *Por que eu não posso estar feliz com um cara atencioso como esse?* me perguntei pela centésima trigésima nona vez naquela noite.

E ele o tempo todo me olhando com cuidado. Ele queria perguntar coisas, estava evidente.

Finalmente o interrogatório inevitável começou.

— Clara...

Eu o olhei enquanto colocava na boca um pedaço de mussarela um pouco maior do que a boa educação permitiria. É feio falar de boca cheia, não é? Fiz um "hm" com a garganta, daqueles que querem dizer, "vai, fala".

— Não é que eu esteja te cobrando nada, eu não tenho esse direito, você é quem sabe da sua vida, mas... — ele parou. Eu o encorajei a continuar, acenando de leve com a cabeça enquanto levantava as sobrancelhas por uma fração de segundo —... eu não entendi nada. Aquele cara... não é o tipo de coisa que você faria, quer dizer, sei que não te conheço muito bem, mas você simplesmente não faz isso, e... foi a Lucila, não foi? Foi ela quem armou aquilo, não foi, e depois se arrependeu, e me mandou ir lá e livrar a sua cara... não foi?

Senti minha cara ficando vermelha. Eu não queria confessar que ela estava me manipulando. Sei lá o que ele podia pensar. Terminei de engolir a mussarela.

— Estevão, esquece. Não tem nada a ver com você — fraca tentativa de convencê-lo.

— Foi ela, sim — ele se inclinou mais para a frente. — Me diz, Clara, juro que não vou fazer julgamento nenhum, eu te respeito o suficiente pra respeitar tudo o que você faz porque acha que é certo

fazer, mas... qual é a dessa menina? Ela não é legal. Vocês estão tendo um caso, Clara?

Eu me engasguei de susto. Idiota, porque estava surpreendida? Lógico que ele ia pensar algo assim. Coloquei minha mão em cima da dele, que estava sobre a mesa.

— Estevão, eu não tenho porque mentir pra você. Pela primeira e última vez: não, não estou tendo caso nenhum. Nem com ela, nem com o Daniel, nem com o cara da praça. É tudo muito complicado, e não adianta pedir porque eu não vou te contar nada, não tem nada a ver com você, e não se preocupe. Eu sei o que estou fazendo. Eu já te pedi, esquece.

Mesmo enquanto eu falava, eu imaginava até que ponto o que eu dizia era verdade, e até onde eu mentia, não para ele, mas para mim. Será que eu sabia mesmo o que estava fazendo?

Enquanto enfiava na boca um tomate seco, ele não parecia nada disposto a deixar aquilo daquele jeito. Ele ia voltar à carga, dava pra ver isso na forma impiedosa como movia as mandíbulas, trucidando com os dentes o inocente legume desidratado.

E voltou.

— Essa Lucila é muito estranha, não?

— Por quê?

— Sei lá, ela é esquisita, o comportamento dela, a forma como ela sempre está atrás de você...

— Como assim, atrás de mim? Ela é minha amiga, é normal que a gente passe muito tempo com os amigos.

— Mas você não acha que ela é um pouco estranha?

— Não, Estevão, eu não acho a Lucila estranha. Não mais estranha do que o resto da humanidade. Você está é implicando com ela, como sempre.

— Onde foi que você conheceu a Lucila, Clara?

— Interessada?

— Não — ele deu de ombros. — Só curiosidade.

Sei. Continuamos a comer em silêncio. Eu olhava Estevão de rabo de olho, com uma sensação de quase culpa. Seus olhos tão claros, tão inocentes, tão puros. Ele se preocupava comigo, e eu sendo tão mal-educada com ele.

— Você ficou feliz em me ver, lá na praça, não foi? — ele disse de repente, olhando para seu prato enquanto remexia as rúculas com o garfo. Eu sei que ele detesta rúcula.

— Você tem alguma dúvida? — não me contive. — Eu não acreditava, foi como... um milagre que eu estava esperando e não tinha coragem nem de imaginar que pudesse acontecer. Era estranho, eu torcia pra que alguém aparecesse e me tirasse dali, mas ao mesmo tempo eu estava apavorada pensando que ninguém ia aparecer porque ninguém sabia que eu estava ali... — estiquei o braço e rocei com as pontas dos dedos, de leve, as costas da mão dele, um agradecimento sem palavras. Tive o impulso de segurar-lhe a mão, mas recolhi a minha sem fazê-lo. Não tive coragem. Não, não foi isso. Não tinha vontade. Não tinha motivo.

Ele me olhou, e eu vi a angústia aparecer nos seus olhos, talvez lhe tivesse ocorrido que se por acaso ele não tivesse aparecido, eu... vai saber o que ele estava imaginando, mas devia ser ruim, pois eu via em seus olhos a dor que lhe causava pensar no que poderia ter acontecido comigo.

— Aquele cara de óculos... ele ia fazer algo ruim?

Abaixei os olhos para meu prato, já quase vazio enquanto o dele ainda estava cheio. Eu ainda estava morrendo de fome. E não sabia bem o que responder.

— Não sei. Mas foi bom você aparecer.

— Eu fiquei lá parado como um idiota. Eu devia era ter dado uma surra nele.

Não consegui evitar um sorriso. Estevão dando uma surra em alguém?

— Qual é a graça?

— Nada, fiquei imaginando você socando alguém. Não combina.

— Você não me conhece, Clara — disse ele, enquanto desviava a atenção para capturar o último pedaço de mussarela de seu prato. Não sei se gostei muito do tom da voz dele.

Notei que ele não ia comer mais, e antes que conseguisse me controlar perguntei se podia comer o que ele tinha deixado. Sim, claro, ele sorriu, devia ter achado divertido, e eu terminei de comer as rúculas que ele nem havia tocado. Mas ainda tinha fome. Sugeri

que a gente pedisse uma bela picanha com batatas fritas, danem-se as calorias, e pela primeira vez naquele dia eu vi um sorriso verdadeiramente feliz em seu rosto.

Enquanto a picanha não vinha, ele insistiu, e eu comecei a desconfiar de que ele não era, afinal, tão totalmente inocente, suave e honesto como eu sempre pensara.

— Você sabe mesmo o que está fazendo, Clara? Você não está mexendo com coisas que não entende, está?

Aquele alarme disparou de novo em minha cabeça.

— Que que você quer dizer?

— Que tudo isso é muito esquisito, Clara. De repente eu vejo você com um monte de gente estranha...

— Esse papo de novo, Estevão? Agora todo mundo é estranho pra você?

— Presta atenção no que eu digo: eles são perigosos. Se afasta deles. Procura ajuda. Te digo mais uma vez, você não sabe com quem, e com o quê, está se metendo. Se você confiasse em mim talvez eu pudesse te ajudar, mas você não confia. *Eu* sou amigo seu. *Eu* me preocupo com você. Não eles.

Amigo, não namorado? Foi aí que eu percebi como as coisas haviam mudado, e fiquei satisfeita com isso, e tranqüila porque ele também sabia. Mas o que mais ele sabia? Que que era todo aquele discurso... paternal? Bancando meu dono a troco de quê?

— Estevão, você já parou pra pensar que isso tudo pode não ser da sua conta?

— Pode não ser, mas eu não vou deixar você se meter numa fria por causa disso.

— E como você sabe que eu vou me meter numa fria?

Ele desconversou.

— Ueba, a picanha.

— Estevão, você está escondendo algo de mim?

— O que me preocupa é que *você* está. Não é um monte de amante dentro do armário, isso você já disse e eu acredito em você. Fico imaginando o que poderia ser e não chego a uma conclusão. Droga não é, eu já passei tempo suficiente com você pra perceber

que você é mais careta até do que eu. Qual é o teu segredo macabro, Clara?

— E por que ele seria macabro?

— E é?

— A picanha tá esfriando.

— Rá, agora quem está desconversando é você. Qual é seu segredo, Clara?

— Come, que frio é ruim.

— Tem a ver com a Lucila, não é? Quem sabe ela não é quem parece ser.

— Estevão, quer parar com isso?

— Quem é a Lucila, Clara? Que segredo terrível ela tá escondendo?

Estranho. Por que é que de repente eu tinha a impressão de que ele estava... brincando comigo? Por um instante me pareceu perfeitamente claro que ele, de alguma forma, *sabia* o que Lucila era, mas que queria me ouvir admitindo, confessando.

Afinal parecia que aqueles olhos azuis podiam esconder algo. O que seria?

Pelo resto da refeição guardamos nossos segredos e dissemos banalidades. Interessante, agora que estava claro que cada um sabia de coisas que não queria contar ao outro, aquilo parecia quase um jogo, e nós nos sentíamos mais próximos um do outro. Amigos.

Quando chegamos em casas os vampiros não estavam à vista. A porta do escritório-quarto de hóspedes estava fechada. Pelo menos um deles estava em casa. E estava tentando ficar fora do caminho. Quanta consideração.

Não pedi para Estevão ir embora. Ele não perguntou se eu queria que ele ficasse. Simplesmente ficou. Me abraçou quando eu estava quase dormindo. E quando acordei, a tempo de ouvir o carrilhão anunciando a meia-noite, ainda estava me abraçando. Fantasiei que ele sabia como se livrar de um vampiro, e que eu estaria a salvo deles enquanto estivesse ali, entre seus braços. Era bom. Me fazia sentir segura.

Era uma bobagem.

Eu não conseguia dormir porque sentia a proximidade do perigo.

O perigo era eu. O perigo morava dentro de mim. Eu era o meu maior inimigo.

Depois do que senti quando Lucila me mordeu, e depois da experiência ainda mais estranha com o Vampirão, eu sabia que minha resistência aos vampiros estava praticamente destruída. Eu tinha provado o fruto proibido, não tinha? Não era isso que eu havia feito? Agora eu sabia, não sabia? Eu sabia quais os prazeres proibidos que me esperavam.

A tentação acenava, e seu chamado era poderoso.

Eu queria os prazeres proibidos, nisso você poderia apostar, mas... que preço teria de pagar por eles? Eu estava confusa. Um professor de Ecologia Teórica, na faculdade, escreveu uma vez no quadro-negro uma frase em latim: *Nullum gratuitum prandum*. Era uma espécie de piada, queria dizer "não existe almoço de graça". Nada na natureza é gratuito. Tudo tem um preço. Qual seria o preço desse prazer que agora me tentava?

Lembrei-me do que o Vampirão dissera: não era dele que eu tinha medo, mas sim de descobrir que o prazer pelo qual eu ansiava tinha um preço. Na hora achei que ele estivesse certo. Mas não estava. Não era esse o medo maior.

O que mais me amedrontava era pensar que, por mais caro que custasse, eu talvez estivesse disposta a pagar qualquer preço pelo prazer que apenas tinha começado a descobrir. Isso sim me causava o verdadeiro terror.

## IX

Eu devo ter dormido porque me lembro de ter acordado. Mas me sentia cansada e esgotada. Talvez só o corpo tivesse dormido. Essas coisas acontecem, você sabe, o corpo desliga mas a mente não, você pensa que está descansando mas a cabeça está lá funcionando, contra a sua vontade, e depois quando você acorda de manhã, crente de que teve uma noite relaxante, você não consegue acertar nem o número de colheres de açúcar que tem de colocar no café.

Não era de manhã, ainda estava escuro, e pelo gosto eu devia ter colocado pelo menos três colheres de açúcar a mais no meu chocolate quente. Bom, em vez de pôr café solúvel no leite eu pus um achocolatado, mas não percebi, e depois adocei com a mesma quantidade de açúcar que costumo colocar no café, e agora não tinha ânimo pra começar tudo de novo. Por isso estava lá, sentada no sofá, tomando aos poucos aquele melado e fingindo que estava prestando atenção na caneca enquanto na verdade observava Lucila.

Sentada em minha poltrona preferida — no brechó não tinham me avisado que esse era também o modelo preferido dos vampiros, será que eu devia voltar lá e reclamar? — ela me observava sem disfarçar.

Ela tinha aparecido na cozinha assim que comecei a mexer em canecas e talheres e panelas. Ficou me olhando, quieta, enquanto eu preparava essa catástrofe que estava tomando agora. Eu também não falei nada, e quando fui para a sala, ela foi atrás. Estava pálida, não havia se alimentado nesta noite. Não tinha saído de meu apartamento. Ela estava montando guarda. O fato de que ela achasse necessário montar guarda me perturbava.

— O que é que deu errado nos planos de vocês? — perguntei de repente. Eu ia retomar a conversa do dia anterior no ponto exato em

que ela havia parado. — Por que é que de repente vocês começaram a achar que eu estava correndo perigo?

Eu esperava que ela desse sua risada irresistível, e que fizesse sua proposta costumeira, me deixa te morder e eu conto, mas não. Ela estava séria.

— Não se encontre com ele a sós de novo... — ela pediu, e depois de uma breve pausa acrescentou —... por favor.

A Lucila pedindo por favor. E eu que achava que já tinha visto tudo o que tinha pra ser visto nessa vida!

— Do que é que você tem medo, Lucila? O que é que você sabe que antes não sabia? Você me disse que não havia perigo. Que você não me mandaria fazer algo que me pusesse em perigo. Quando foi que você mudou de idéia? Foi quando me mordeu?

— Clara, eu não confio nele.

Por que isso de repente?

— Você nem o conhece, Lucila. Você mesma disse que ele tem um... *modus operandi*, é como dizem nos filmes policiais? Palavras textuais suas: ele não é um vampiro, mas age como um. Ele cultiva suas vítimas, ele as saboreia, e deixa que desejo e expectativa se acumulem. Ele fez assim com todas as outras, por que comigo seria diferente? Você tem algum motivo concreto para achar que seria, Lucila? — eu a olhava fixamente nos olhos castanhos, tão inexpressivos nesse momento.

Ela devolveu meu olhar fixo, num confronto de vontades. Acabei baixando o olhos primeiro, mas não abandonei minha linha de interrogatório.

— Como é que você sabe que não pode confiar nele? Foi algo que você descobriu... dentro de você? — e encontrei forças para voltar a olhá-la nos olhos.

Surpresa! Surpresa! Lucila baixou os olhos, essa também era nova... e não respondeu.

— Sou eu, não é? — continuei. — Eu prestei atenção em sua reação depois que me mordeu, e não foi a que eu estava esperando. Algo aconteceu. E depois a reação do Vampirão também foi inesperada. O que é que eu fiz com você e que voltei a fazer com o Vampirão, Lucila?

Ela voltou a me olhar, e ainda não respondeu. Só me olhou fixo de novo, mas dessa vez agüentei firme.

De repente ela falou, e sua voz estava estranha.

— Vou pedir mais uma vez, Clara: não se encontre com ele a sós de novo. Por favor. Você me entendeu? Eu estou pedindo, e não mandando. Eu não quero usar a Voz com você.

Se eu achava que tinha visto Lucila séria antes, agora eu via que estava enganada. *Isso é que era sério.*

E ela não ia me dar mais nenhuma explicação.

Escutei baterem à porta, uma batida leve, mas que fez meu coração pular e meus olhos se cravarem na porta. A essa hora só podia ser vampiro.

Olhei para Lucila.

— Daniel saiu para dar uma voltinha, deve ter ido comer alguém...  
— ela disse.

— Vocês planejam passar o dia aqui, certo?

— Certo.

— Vocês acham que o Vampirão pode aparecer por aqui?

— Na verdade não.

— Do que vocês têm medo?

Ela não respondeu. Novas batidas na porta.

— Você pode atender? Não estou com vontade de ver a cara dele agora — disse eu à vampira enquanto me levantava e ia para o escritório.

Fechei a porta atrás de mim. Eu podia ouvir os dois vampiros conversando alguma coisa na sala. Não parecia uma conversa amigável. Não gritavam, mas pareciam estar batendo boca. Problema deles.

Droga.

Um ex-namorado dormindo em minha cama. Dois vampiros discutindo em minha sala de estar. Sério, devia ser contra a lei que você não tivesse liberdade dentro de sua própria casa.

Deitei no sofá-cama, não com a intenção de dormir, mas sim de pensar. Não ouvia mais o som de vozes discutindo. Qualquer que tivesse sido o desentendimento, parece que tinham chegado a um acordo.

Que horas eram? Cinco e meia da manhã.

Tão cedo... O resto do mundo dormia. As pessoas normais dormiam. E a minha vida já estava um caos, desde cedo. Sempre fui de levantar cedo. Sempre estive acostumada a ter problemas imensos para resolver, e a enfrentar o caos, e a pensar nas contas a pagar durante o dia, nas classes difíceis que encararia, nas reuniões complicadas, e a procurar soluções antes que o resto da cidade tivesse condição de dar um bom-dia para suas caras amassadas no espelho. Mas nunca tinha encontrado uma encrenca dessas.

Na falta do que fazer, liguei o computador e chequei os *e-mails*. Correntes, *spams*, piadas. Mensagem de meu meio-irmão. Um trabalho novo. Dois ou três amigos contando como é que ia a vida, e... demônios galopantes!

Merda, merda, merda.

Uma mensagem da professora dos tais ninhos artificiais, ovos de codorna e corujas de plástico. Ela não concordava com a redação da discussão do artigo. Ela estava brava. Dizia que mudava todo o sentido que ela queria dar, e que isso era inadmissível. Que por favor eu refizesse o texto e enquanto isso ela estava segurando o cheque. Merda.

Sentido? E por acaso a discussão fazia algum sentido em português? Eu tinha tentado dar algum sentido no texto caótico e mal-escrito que havia recebido, para que pelo menos em inglês ele pudesse ser entendido, e pelo visto tinha conseguido, mas para minha infelicidade era o sentido errado.

Merda. Bom, não tinha jeito, ia ter de tentar de novo se quisesse ter na conta bancária aquele suado dinheirinho. Vejamos, que outro sentido eu poderia dar àquilo?

Lá pelas oito da manhã eu já tinha conseguido reescrever a discussão de três formas diferentes, com três sentidos diferentes, e estava mandando as três para a professora, para que ela decidisse qual ela preferiria, quando Estevão bateu na porta.

— Eu preciso ir, tenho que pegar o meu filho — eu tinha esquecido de que hoje era sábado. Então era o final de semana em que ele ficava com o filho, Francisco, um garoto simpático de doze anos.

— Dá um beijo no Francisco por mim, e diz que eu tô morrendo de saudades.

— Ele gosta muito de você, Clara.

— É, eu sei, eu também gosto muito dele — respondi, pensando *e ele vai sofrer pra cacete quando souber que a gente terminou*. Não disse nada. Eu sabia que isso tinha passado pela cabeça do Estevão também.

Ele olhou para o chão, sem jeito.

— Eu não vou embora largando você sozinha com esses dois aí na sala.

Hum. De repente todo mundo estava decidido a cuidar de mim.

— Estevão, tá limpo. Não tem problema nenhum com eles.

— Clara... vem comigo, você pode passar o dia lá em casa. Pode passar uns dias lá, você fica com o meu quarto, eu vou pro quarto do Francisco, ele não vai ligar...

— Estevão... obrigada, você é um amor, mas... — apontei com a mão o computador ligado —... eu não posso, eu tenho trabalho pra fazer, chegou coisa nova... E além do mais, não vai acontecer nada. Eu tô bem, tá tudo bem, juro.

Ele quis insistir, percebi isso, mas desistiu. Ele pôs uma mão em meu braço e estendeu a outra, me entregando meu celular.

— Não se separa do celular, Clarinha. Qualquer coisa me liga. Eu venho pra cá no mesmo minuto.

Ele me abraçou, carinhoso, me deu um beijo no rosto, um beijo de amigo, de irmão mais velho, e foi embora. Escutei a porta da sala batendo, e depois alguém passando a chave. Me lembrei de meus vampiros. Eu tinha a cama de volta, mas a sala ainda estava cheia de intrusos.

Fechei a porta do escritório e voltei ao trabalho. Pelo menos servia pra me distrair.

Havia chegado um roteiro de documentário para traduzir. Oba, dinossauros sul-americanos, fantástico! Me apaixonei pelo trabalho logo na primeira linha. Era sobre um enorme dinossauro predador da Patagônia, o giganotossauro, maior e bem mais interessante que o tiranossauro norte-americano. Nada como um bom texto de

paleontologia pra me fazer esquecer dos vampiros e... de mim mesma. Ei, eu nunca disse que era normal, disse?

Eu estava parada em frente da minha estante, consultando um livro sobre pterossauros (que não são dinossauros de verdade) quando o telefone tocou. Meu coração quase saiu pela boca, mas não era o celular, era extensão do telefone fixo.

Quando atendi descobri que algum vampiro tinha atendido antes na sala.

—... ar com a Clara...

— Alô, dá pra desligar aí na sala?

Desligaram.

— Quem é?

— Oi, Clara, é a Carolina. Hum, quem é o cara que atendeu, a essa hora da manhã? Não era o Estevão...

Hum, Daniel tinha sido mais rápido que Lucila. E o tom de Carol insinuava pensamentos pecaminosos.

— Não me fala do Estevão, Carol, a gente terminou, quero dizer, acho que terminou.

— E aí você já arranja outro? Uau, Clarinha, preciso ter umas aulas com você! Ele é bonito?

— Sim, Carol, ele é um espetáculo, mas infelizmente é apenas um hóspede pentelho. Ou felizmente, sei lá. É um sujeito tão complicado que é melhor manter distância.

— Hum, quer dizer que tá sobrando, é? Se você não vai querer, me apresenta.

— De jeito nenhum, Carolina, esse sujeito é encrenca da grossa — me arrepiei com a idéia de que Carol e Daniel chegassem a se conhecer. Ela é uma cientista superinteligente, e uma das maiores especialistas brasileiras em morcegos, mas suas escolhas de namorados estão longe de ser sensatas. Ela certamente se envolveria com o vampiro, e certamente nada de bom sairia daí. Era melhor que os dois nem passassem perto um do outro. — Mas e aí, quais as novidades?

Ela tinha ligado para saber se estava tudo bem. Eu havia faltado à nataçãõ na sexta. Céus, tinha me esquecido da nataçãõ. Dei a desculpa padrão, excesso de trabalho. A Carol foi minha colega

durante a faculdade, e agora era professora na universidade. Tínhamos passado juntas por algumas situações difíceis. Ela era legal. Era também amiga da Lucila, mas ela não sabia bem quem a Lucila era. Eu não queria que ela soubesse. Não queria ver Carolina metida até o pescoço em assuntos vampirescos.

Depois de quinze minutos de conversa, durante os quais ela quis saber *tudo* sobre o fim de meu namoro, e eu obviamente tentei esconder *tudo* o que tivesse a ver com Daniel, Lucila e William, prometi que ligaria outra hora pra conversarmos mais sobre o assunto e desliguei. Eu não estava muito a fim de conversar com ela, por mais minha amiga que fosse.

Eu estava preocupada. E irritada. Esses vampiros abusados agora iam controlar meus telefonemas, é?

Esse pensamento me atirou de volta ao mundo real, do qual os dinossauros e minha amiga tinham me afastado por algum tempo.

Mundo real... estranho dizer isso de um mundo onde, de uns tempos pra cá, os vampiros tinham passado a ser minhas companhias mais constantes. Não dá pra acreditar nisso, né? Vampiros existem. De verdade. Doideira. Se alguém tivesse dito isso pra mim uns dois meses antes, eu o teria chamado de maluco.

E de repente me peguei de olhos fechados, revivendo as sensações que havia experimentado no dia anterior, e respirei fundo. Senti uma pontada ao lembrar, com um prazer físico, as delícias que havia sentido. Um sentimento de urgência me invadiu, e eu senti uma necessidade, absoluta e premente, de voltar a me encontrar com William, o Vampirão. Uma necessidade incontrolável. Eu precisava falar com ele. Eu precisava sentir de novo o contato dele em minha pele...

Olhei ao meu redor. O jornal de quinta-feira. O celular.

Não cheguei a ligar para o número do anúncio. O celular tocou antes.

— Alô?

— Você ia me ligar agora, não ia? — disse o Vampirão.

Aquilo me arrepiou inteira.

— Como você sabe?

— Você acabou de lembrar como foi bom o que sentiu ontem.

— Como você sabe? — eu estava me repetindo. Eu estava apavorada.

— E de repente você descobriu que *precisava* me ligar, não é?

— Como você sabe? — eu estava quase gritando.

— Que que você acha?

— Você... você... sabe o que eu penso? Você lê meus pensamentos?

— Não, Clara, minha querida, infelizmente não, eu adoraria se pudesse. Saber todos seus segredos, as coisas pequeninas que fazem com que seu prazer seja mais completo... Seria um sonho. Mas eu posso controlar alguns de seus sentimentos, alguns impulsos... alguns desejos...

— Não, isso não é possível!

— Você sabe que é.

Eu sabia. Tinha acabado de ter uma prova. Não disse nada.

— Fala. Fala o que você quer dizer e não tem coragem — ele estava quase sussurrando.

Hesitei pelo mais breve dos momentos.

— Eu quero me encontrar com você... — e era verdade. Não era necessário que ele ficasse brincando com meus sentimentos. Eu queria. Havia pensado muito sobre isso durante a noite, e queria descobrir o que estava acontecendo comigo. Tinha medo de acabar cedendo a algo que não conhecia, algo perigoso e sem volta, mas eu precisava descobrir. Tinha de encontrar alguma maneira de voltar a ter controle sobre minha vida, sobre minhas emoções — Eu quero me encontrar com você... hoje.

— Eu vou até sua casa...

Jesus! Tudo o que Daniel havia pedido a Papai Noel, entregue no domicílio, embrulhado e com um lindo e vistoso laço vermelho em cima. Mas não era isso o que eu queria. Eu não queria o Vampirão morto, com braços e pernas e vísceras espalhados por todo lado. Eu o queria vivo. Eu queria respostas.

— Não. Aqui não. Eu quero conversar. Eu... só quero entender. Num lugar com bastante gente...

— Clara, você está me enlouquecendo...

— Num *shopping*. Num restaurante. Num café. Ou senão nada feito.

— Tá bom, tá bom...

— Hoje às três, naquele restaurante da Augusta com a Santos, conhece?

— Qual?

Dei as indicações necessárias.

— Se prefere assim... Mas você não tem idéia do que está recusando, minha querida

— Eu prefiro assim, William.

— Clara, quem era aquele cara?

A pergunta me pegou de surpresa.

— Interessa?

— Interessa, sim.

— Não, não interessa. Um amigo. Esquece.

— Não, não esqueço. Por que você ligou pra ele? Por que você mentiu dizendo que ia ao banheiro? Você foi ligar pra ele, não foi? Por quê?

Respirei fundo. Merda. Que que eu falo agora?

— Eu não sou idiota, William. Você acha que eu não percebi que você esteve me vigiando por uma hora no ponto de ônibus? Aquilo me assustou, mas não o suficiente para que eu abrisse mão de me encontrar com você. Apenas tomei algumas precauções. Você não tomaria se estivesse no meu lugar?

Ele demorou um pouco para responder. Quando falou, sua voz soava como quem teve uma surpresa agradável.

— Clara, você não pára de me surpreender. Você é uma obra de arte. Quem era o cara?

— Um amigo, não interessa. Escuta, se eu estivesse tramando algo, você não acha que eu pediria pra ele me chamar de Verônica?

— Hoje, às três. Estou esperando — eu havia sido convincente.

Ele desligou.

Eu tinha um encontro com ele. Era o que *eu* queria.

Mas não era o que Lucila queria. Não era o que Daniel queria.

Daniel. Pensar nele era suficiente para desviar de minha mente o terror de ter um vampiro controlando à distância meus desejos.

William estava longe. Daniel não. Ele estava logo ali, em minha sala de estar. O pior vampiro é o vampiro que está perto.

Se ele descobrisse que eu não tinha aproveitado uma oportunidade única de atrair o assassino para uma armadilha perfeita, de jogar o vampiro psíquico em seus braços... Se ele descobrisse, eu estava fudida e mal paga. Vingança de vampiro, as palavras de Lucila dançaram diante dos meus olhos, em letras vermelhas gotejantes de sangue.

A verdade era que Daniel estava começando a me dar nos nervos. Eu estava ficando apavorada com o vampiro moreno, alto, bonito, sensual e que parecia não ter nenhum tipo de escrúpulo.

E o que aconteceu a seguir só serviu para piorar o que eu sentia com relação a ele. Piorar  *muito*.

Resolvi ir até a cozinha tomar um copo de suco de laranja.

Na sala, os dois vampiros, sentados no sofá, me olharam. Daniel, com olhos inocentes, abriu um sorriso radiante que lhe iluminava toda a face. Lucila, com olhos absolutamente neutros. Hum. Algo havia.

Na cozinha, tomando meu suco, perguntei-me, intrigada, o que significava aquilo tudo, e o que poderia estar rolando entre os vampiros. Um ventinho frio entrou de repente pela porta da área de serviço e me fez tremer dos pés à cabeça. Ué, a porta estava entreaberta. Mas ela sempre está fechada, trancada a chave para não ficar batendo com a ventania constante de oitavo andar...

Estranho.

Fui ver que diabos...

Caralho!

Havia um cara morto, lívido e exangue, atochado entre a lavadora de roupas e o tanque.

Sufoquei com as duas mãos um grito de terror.

Não era a primeira vez que eu via um cadáver chupado por vampiros, mas... puta que o pariu, na minha lavanderia! Ainda tive o sangue-frio de olhar bem a cara do sujeito para ver se era alguém que eu conhecia. Não. Era um perfeito estranho. O corpo de um perfeito estranho, na minha lavanderia. O suco de laranja que eu tinha acabado de tomar de repente sentiu uma vontade irresistível

de voltar a ver a luz do dia. Respirei fundo e engoli em seco tentando dissuadi-lo.

Dei as costas ao defunto e voltei para a sala, o horror dando lugar ao ódio. Aquilo era coisa de Daniel...

Quando me viu, ele olhou para Lucila, ainda sorrindo.

— Ela achou a embalagem descartável do seu lanchinho, minha querida...

Hein?

— Eu tinha esperança de me livrar dele antes que você descobrisse — disse-me Lucila, num tom de irritação contida.

— Que merda é aquilo, Lucila?

Ela olhou de lado para Daniel.

— Idéia dele, trazer um lanche pra viagem...

— Bem que você gostou, queridinha... — sempre sorridente, o filho da puta.

Reparei que o rosto de Lucila estava rosado. Sim, ela devia ter aproveitado até a última gota do falecido.

— Desculpa, Clarinha. Eu teria dado um sumiço no corpo, se esse filho da puta não tivesse calculado direitinho a hora do sol nascer. E ele já trouxe o cara sangrando, só de sacanagem, não deu pra agüentar, eu tava com fome, me desculpa...

A menção do cara sangrando, olhei automaticamente para o tapete. O olhar de Lucila acompanhou o meu.

— Fica tranqüila, eu limpei. Tenho prática em tirar manchas de sangue.

Olhei bem para ela e ela me devolveu a olhada. Preocupação e pena em seu rosto bonito. Ela realmente sentia muito pelo que havia acontecido, dava pra perceber. Lucila envergonhada, essa era boa. Meus Deus, quantas revelações nas últimas horas. Eu estava começando a achar que, no fundo, ela ainda tinha alguma coisa de humana.

Mas não Daniel. Ele estava se divertindo. Humor de vampiro, e eu não via a mínima graça na piada.

Peguei Lucila pelo braço e a puxei pelo corredor até a porta do escritório.

— Lucila, o Daniel está me assustando — disse-lhe em voz baixa.

Ela segurou minha mão, que ainda estava em seu braço.

— Eu sei, Clarinha, mas agüenta firme. Eu não vou deixar ele fazer nada de ruim pra você.

— E esse cara morto na minha lavanderia?

— Fica fria, Clara.

— Mas ele tá morto, vai falar lá pra família dele ficar fria. *Você* matou ele, Lucila. O Daniel fez você matar esse cara. E ele agora tá lá, um presuntão decorando minha área de serviço.

— Clara... — e então foi ela quem me segurou pelos braços, e me olhou olho no olho —... fica calma. Aconteceu, pronto, não tem como desfazer. Você sabe que a coisa é assim, que é assim que a gente é, e você não pode fazer nada quanto a isso. Eu mato, o Daniel mata, é o que vampiros fazem, o tempo todo, desde o início dos tempos. Mortais morrem o tempo todo, esse aí não foi o primeiro e nem vai ser o último. Esquece que ele tá lá. Hoje de noite não vai mais estar, eu te prometo.

Ela tinha razão. Eu estava sendo muito ingênua. O que eu não queria era ver destruída minha ilusão de que Lucila era uma vampira boazinha, só porque ela se dizia minha amiga, e eu queria acreditar nela, e ela tinha aquela aparência frágil de menina desamparada. Mas era uma perigosa ingenuidade minha. Lucila não era frágil, não era desamparada. Lucila não era boazinha. Não existem vampiros bonzinhos, convença-se disso, Clara! E eu não sabia sequer se Lucila era de fato, minha amiga. Mas no momento eu teria de acreditar nisso. No momento eu precisava ter alguma esperança de que alguém pudesse me ajudar.

— Lucila, estou com medo do Daniel. Ele tá me apavorando.

— Relaxa, Clarinha. Ele só está brincando com você. Ele gosta disso, divertir-se à custa das pessoas. Ele não vai te fazer mal de verdade porque não vai querer me enfrentar, e além do mais você está nos ajudando a resolver um problema sério. Você está fazendo tudo direitinho, por que ele iria querer te machucar?

Ui, se ela estava tentando me acalmar, conseguiu exatamente o contrário. Pois é, eu *não* estava fazendo tudo direitinho, e se Daniel descobrisse...

Algo deve ter aparecido em meu rosto.

— Clara, que foi?

— Nada, Lucila.

Ela apertou os olhos e olhou bem para a minha cara.

— Clarinha, você... tá escondendo algo?

Uma desculpa, rápido!

— Não, eu não estou escondendo nada. É que me ocorreu... eu estava pensando... e depois, Lucila, como é que vai ser? Depois que eu já tiver terminado de ajudar, o que que ele vai querer fazer comigo? Ele tá doido pra me morder, eu sei, dá para ver isso em cada brincadeira que ele faz. Eu percebo a fome que ele tem pelo meu sangue. Será que ele vai desistir de mim sem mais nem menos? Ou será que vou ter que agüentar ele na minha cola pelo resto da vida?

Foi apenas um instante, mas eu vi no rosto dela que essa era uma possibilidade real. Merda. Então era isso: se por uma sorte ele não me matasse por eu ter deixado de entregar o vampirão em domicílio, era capaz que perseguisse

meu pescoço pelo resto da minha vida...

E tem gente que ainda reclama porque não acontece nada de empolgante na sua vida! Raios, se essas pessoas soubessem que horrível é ter uma vida repleta emoções do tipo assassinatos, cadáveres chupados e vampiros obsessivos dos quais a gente não consegue se livrar! Cruzes!

Cruzes? Hum...

— Lucila, dá licença, vou tomar um banho... Cruzes...

## X

Tomei um banho, enquanto pensava na temeridade do que faria a seguir. Existe lugar melhor pra pensar do que embaixo de um chuveiro quente? O barulhinho monótono, a carícia morna da água...

Eu tinha tomado minha decisão, e era a primeira vez que eu iria desafiar a vontade de um vampiro. Era a primeira vez que eu estava realmente apavorada com os vampiros. Era a primeira vez que eu encarava a possibilidade de um confronto com um vampiro, ou com dois, ou com três...

Debaixo do chuveiro, enquanto me ensaboava sem de fato pensar nos movimentos que fazia, numa espécie de piloto automático, fiquei pensando se existia alguma probabilidade de que eu saísse viva dessa encrenca toda. Sim, cheguei à conclusão de que havia, mas da mesma forma eu desconfiava, não, eu *sabia* que qualquer que fosse o desfecho dessa aventura vampiresca minha vida não seria mais o que havia sido no passado. Isso me dava um medo danado. Mais um pra se somar à lista de medos que estavam se acumulando mais rápido que contas a pagar.

Saí do banho, me sequei e me vesti o mais rápido que pude, tentando não pensar muito, para não correr o risco de dar para trás e desistir. Eu já ia saindo sem dizer nada aos dois vampiros quando, passando pela sala, vi que eles estavam... eieiei!... enrodilhados um no outro, dormindo no sofá!

Lucila e Daniel?! Naaaá...

Lucila foi rápida e quando percebi já não estava mais enrascada em Daniel, mas parada à minha frente, bloqueando meu caminho até a porta. Daniel se virou no sofá, acomodando-se em outra posição, e continuou dormindo.

— Que significa isso, Lucila? — perguntei, sem acreditar nos meus olhos.

— Absolutamente nada. É só... efeito da comida. Vai saber o que é que o finado tinha tomado, fumado, cheirado, sei lá. Às vezes acontece, tem alguma coisa diferente no sangue e... — ela encolheu os ombros, como dizendo "deixa pra lá".

A despeito de minhas preocupações, achei aquilo fascinante. Como é que isso não tinha me ocorrido antes? A função do sangue é carregar gases, nutrientes e outros compostos de um lado pra outro no corpo da gente. Boa parte das substâncias contidas nos alimentos que a gente ingere, nas bebidas, nos cigarros e em *outras cositas*, vai parar direto no nosso sangue, e daí é distribuída a seus lugares de destino, onde vai ter efeito que a gente espera que tenha, ou outros efeitos que a gente gostaria que não tivesse. É claro que se um vampiro chega, te dá uma mordida e chupa teu sangue, ele vai estar compartilhando com você o álcool da última garrafa de vinho que você acabou de secar, o colesterol do torresminho à pururuca e até os compostos canabínicos daquele cigarrinho-que-passarinho-não-fuma-mas-você-sim. Hum. Eu nunca tinha pensado na coisa por esse ângulo. Essa idéia abria possibilidades...

Lucila me olhou de alto a baixo, reparando que eu estava vestida para sair.

— Onde você vai? — perguntou, desconfiada, e me arrancou de meus devaneios científicos.

Eu a encarei, um pouco indignada, mas também com certo temor de que ela descobrisse que eu estava fazendo arte.

— Interessas? — eu andava usando tanto essa pergunta, por que será que tanta gente tinha começado a se meter em minha vida ultimamente?

— Você vai se encontrar com o Vampirão — não era uma pergunta, e ela parecia pronta para me segurar em casa a força.

— E por que eu iria? Lucila, cai na real, minha vida não é só vampiros e assassinatos. Eu ainda preciso comer, sabia? Só pra sua informação, tô indo à feira. Já são quase onze e meia, daqui a pouco está acabando e eu não sou muito chegada numa xepa. Dá pra dar uma licença ou tá difícil?

Duvido que um vampiro saiba o que é xepa, mas acho que ela entendeu o recado. Eu tinha uma vida normal a manter e estava a fim de fazê-lo, e entre outras coisas isso queria dizer nada de xepa, o que quer que isso fosse.

Ela saiu do caminho.

Quando abri a porta ela me chamou.

— Clara...

Parei na soleira, sem me virar.

— Fala.

— Que que é xepa?

Achei isso engraçado, e naquela hora voltei a sentir toda a estranha afeição que sentia por aquela estranha amiga. Não pude evitar, e estava sorrindo quando me virei. Ela retribuiu com um sorriso tímido.

— Xepa é resto de comida. *Hora da xepa* é o fim da feira, quando os feirantes às vezes vendem mais barato as coisas só pra não ter de carregar de volta pra casa.

— Te cuida, Clarinha...

Por que é que, enquanto descia com o elevador, eu estava me sentindo tão culpada por ter mentido para ela?

Tinha ainda algumas horas antes de meu encontro com o Vampirão. Fiz minhas compras como havia planejado. Nem tudo o que eu queria foi fácil de conseguir. Alguns dos itens que comprei me fizeram sentir uma idiota. Mas tudo bem, já fiz tantas coisas na vida que me fizeram sentir uma idiota que já nem ligo muito.

Fazer compras costuma ser um relaxante e tanto pra mim, mas dessa vez eu não conseguia tirar da cabeça a temeridade que estava a ponto de cometer. Lá pelas duas e meia já estava no lugar que havia combinado com o Vampirão. Pedi um café expresso. Não tinha almoçado, mas não tinha fome. A expectativa estava me matando.

O celular tocou e me fez dar um pulo na cadeira. A bunda quase não doeu, o não-sei-o-quê na ponta do cóccix já devia estar sarando.

O número no visor era o do meu telefone fixo. Eles de novo. Quarta ou quinta vez desde que eu havia saído de casa? Quinta, acho. Eles deviam estar malucos de preocupação, presos em meu

apartamento sem saber por onde eu andava. E aí? Atendo ou não atendo?

— Dá pra parar de encher?

— Clara, tudo bem com você?

— Não amola, Lucila, estou fazendo compras — e desliguei.

— Clara.

Os cabelinhos da minha nuca se arrepiaram todos. Não era só eu quem tinha chegado mais cedo.

William veio como para me dar um beijo. Afastei o corpo num gesto tão brusco que quase caí da cadeira. Duas ou três pessoas em mesas próximas se viraram para olhar.

— Não me toca! — sussurrei quase com violência.

Lentamente ele abriu um sorriso enquanto se sentava na cadeira em frente minha, me olhando fixo como se pudesse ler-me a alma por trás de meus olhos. O arrepio me desceu pela coluna abaixo, como se fosse um cubo de gelo deslizando pelas minhas costas.

— Com medo?

— Por que eu estaria?

— Me diz você. Você está com medo, dá para ver nos seus olhos. Por que você está com medo? Do que você tem medo?

— Eu... — eu estava me perdendo naqueles olhos que me olhavam por trás dos óculos absolutamente comuns. Olhos comuns, que de comum não tinham nada. Os olhos castanhos dele eram dois poços profundos e misteriosos de águas escuras, e eu mergulhava neles mesmo sem saber o que me esperava abaixo da superfície. Onde é que eu estava mesmo?

— Clara, do que é que você tem medo? — ele repetiu. Ele sabia que eu estava perdida em seus olhos.

— Eu tenho medo do que eu não entendo.

— E o que é que você não entende?

Se ele continuasse assim, se eu continuasse assim, eu ia contar tudo para ele. Daniel ia me matar se eu contasse tudo. Fechei os olhos, respirei fundo, imaginei Daniel vindo para cima de mim com as presas à mostra. Ótimo remédio. Eu já podia pensar.

— Você não quer pedir um café pra nós? — perguntei, com voz quase tranqüila.

Não era impressão, não é? Ele estava mesmo contrariado quando pediu dois cafés expressos ao garçom, não estava? Talvez ele tivesse tentado algum lance meio mágico, e não tenha dado certo. Essa possibilidade me acalmou um pouco.

Mas não o suficiente para que eu levantasse os olhos daquela mancha de gordura na toalha da mesa, enquanto eu sentia o olhar dele, intenso e incansável, me esquadrinhando o rosto, o pescoço, o decote... Diabos, porque é que eu tinha escolhido justo aquela blusinha mais decotada? Não foi de propósito... ou foi?

Os cafés chegaram.

Eu tinha tido tempo de organizar um pouco meus pensamentos.

— O que é que eu tenho? — perguntei enquanto remexia o café com a colher, olhando para a xícara como se ela pudesse me ensinar como dar um jeito em minha vida.

— O que você quer dizer com isso, exatamente? — devolveu ele?

— Tem algo diferente em mim, não tem?

— Por que você pergunta isso?

— Sua reação, ontem. Você ficou surpreso com algo.

— E daí?

— O outro vampiro...

— Daniel, sei, que tem ele?

— Ele também.

— Ele também o quê?

— Ele pareceu surpreso depois que me mordeu. Como se tivesse acontecido algo inesperado.

Ele não disse nada, ficou me olhando, como se me atravessasse com o olhar e visse algo muito interessante do lado de dentro da minha nuca.

Hum. Ele tinha se interessado por aquela informação.

Eu continuava mexendo o café, e olhando para a xícara. A outra mão estava esquecida em cima da toalha. Vi a mão dele se aproximando para tocá-la, e rápida escondi minhas mãos embaixo da mesa.

— Me diz do que é que você tem medo, Clara — ele insistiu. O celular tocou. Agradei mentalmente a quem quer que tivesse tido a idéia maravilhosa de me ligar nesse momento exato. Não cheguei

quem era, não queria que William soubesse que eu tinha esse hábito. Ponto para mim, um pouco pelo menos eu ainda conseguia pensar.

— Alô.

— Clara, onde é que você está? — não eram meus vampiros. Era Estevão, e sua voz soava preocupada.

— Oi, tô aqui naquele restaurante na Augusta, onde a gente sempre vinha... — eu tinha resolvido que queria que alguém soubesse onde eu estava. Percebi que William me olhava alarmado —... com uma amiga.

Quando eu disse isso ele relaxou. Acho que ele ficava muito mais à vontade com mentiras do que com verdades.

— Tá tudo bem? — perguntou Estevão.

— Por que não estaria?

— A Lucila me ligou pra perguntar se eu sabia de você.

— Às vezes ela se mete um pouquinho demais no que não é da conta dela, só isso.

— Mas da última vez ela estava certa, não é?

— Não sei.

— Você está precisando da minha ajuda, Clara?

— Não se preocupa. Curte o Francisco. Manda um beijo pra ele.

Ele falou algo fora do aparelho.

— Ele manda outro pra você.

— Qualquer coisa te ligo, tchau — nem esperei ele se despedir. Fiquei imaginando quanto tempo demoraria para ele aparecer por aqui. Eu tinha certeza de que ele viria. Era só questão de arranjar alguém para ficar com o Francisco. Eu não devia ter feito aquilo. Não devia ter dito onde estava, sabendo que ele morderia a isca. Mas eu tinha certeza de que ia precisar de alguém para me salvar. Me salvar de mim mesma.

William comia com os olhos cada movimento meu.

— Responde Clara. Do que você tem medo? — como se não tivéssemos sido interrompidos pelo celular.

Daniel me atacando com as presas pontiagudas. Os dentes de Daniel no meu pescoço. O cadáver na minha lavanderia, só por

farra. Visões que me davam coragem. Eu tinha mais medo daquele outro vampiro do que deste.

— Não, você me responde o que eu quero saber. Eu tenho algo diferente, algo que outras pessoas não têm? — finalmente eu o olhei nos olhos e pela primeira vez foi ele quem desviou antes os seus.

Ele ficou por um longo tempo com os olhos perdidos na distância. Imóvel. Pensando. Eu quase podia vê-lo pesando prós e contras. E ainda estava olhando para o infinito quando respondeu.

— Tem.

Eu já sabia, mas a confirmação de um temor sempre tira o fôlego da gente.

— E o que é? — perguntei. A pergunta saiu num sussurro ansioso e assustado. Foi o máximo que o nó que trancava minha garganta permitiu.

Ele me encarou antes de responder, e cravou os olhos em mim com uma intensidade assustadora. Respondeu com uma voz pausada de professor, acentuando cada palavra, como se o que me dizia fosse uma aula muito importante, que eu não devesse esquecer. Hum, como se fosse possível que eu esquecesse o que ele me disse a seguir. Jesus!

— Vida, Clara. Você tem vida. Vitalidade. Energia. Você é especial por causa disso. O que um vampiro tira de uma pessoa com o sangue são a vida e a energia. Você é um verdadeiro ímã para os vampiros — ele inspirou fundo. — Há muitas mulheres mais novas e mais bonitas do que você, mais gostosas e mais sensuais do que você. Mas muitas delas estão mortas, e não sabem. Mortas por dentro. A maioria não tem nos olhos o brilho da vida como você tem. Você é uma obra de arte, Clara. Você não imagina o quanto. Eu consegui perceber isso em sua voz, na primeira vez que nos falamos pelo telefone.

Ele se inclinou mais para a frente, sobre a mesa, e eu inconscientemente me afastei, o espaldar da cadeira comprimindo minhas costas quase a ponto de causar dor.

— Você é uma tentação para um vampiro — ele continuou, falando baixo, de forma quase violenta. — Beber de sua vida, drenar seu espírito, seu ânimo, sua energia... — eu não gostei de como isso

soou, e ele continuou, os olhos brilhando, febris como os de um fanático religioso ou de um viciado sonhando com a próxima dose. — Agora que você já provou do fruto proibido, você não imagina o que posso sentir se irradiando de sua alma. Você jamais conseguiria se livrar do Daniel, de outros vampiros, mesmo que conseguisse se livrar de mim. Mas não há por que você se livrar de mim, Clara, e você sabe que não há. Você sabe que eu posso te dar muito mais que qualquer vampiro como o Daniel pode te dar, e você quer o que eu posso te dar — ele se inclinou para trás na cadeira e soltou o ar dos pulmões com violência. O movimento foi tão repentino que eu levei um susto. Ele passou as duas mãos pelo cabelo, como quem está desesperado e perdido e não sabe o que fazer, e continuou. — Deus, você não faz idéia, não é? Você precisou apenas de uma mordida, e foi uma mordidinha apenas, pra se transformar... Deus, não sei como o Daniel conseguiu resistir, pelo visto ele é capaz de se controlar muito mais do que eu pensava...

As revelações dele apertaram meu coração como se fossem mãos, mãos cruéis e geladas, mãos poderosas de vampiro. O medo paralisou todos os meus músculos. Era como se eu tivesse recebido o diagnóstico de uma doença terminal. O que ele estava dizendo, na verdade, era que pelo resto da vida eu jamais teria um momento de descanso de novo. Para sempre isca de vampiro. Isso era um pesadelo. Isso era horrível. Isso era realidade.

De repente percebi que era isso o que eu não tinha entendido no trato de Lucila e Daniel. Lucila havia dito que Daniel não garantiria poder se controlar ao me morder. Por que isso, se ele se controlava com todas suas setenta e tantas mulheres, essa era a pergunta que meu cérebro havia tentado me fazer então. Daniel não teria se controlado, eles haviam intuído isso, assim como o Vampirão havia intuído. Mas... e Lucila? Como ela podia ter de antemão tanta certeza de poder se controlar? E como é que ela *tinha* se controlado? Cacete, o risco que eu tinha corrido!

Eu não havia percebido, mas em meu nervosismo tinha as duas mãos, apertadas em punhos, em cima da mesa. Com um movimento rápido, William estendeu um braço e agarrou uma delas, puxando-a mais para o centro da mesa, onde a reteve.

Uma pedra no lago tranqüilo. Ondas concêntricas que se formavam e se afastavam, atingiam as margens, voltavam e entrecruzavam-se com as ondas novas, que nasciam sem cessar. A superfície do lago agitava-se sem controle.

Puxei minha mão, alarmada.

— Não me toca! — repeti.

Ele respirou fundo e soltou o ar numa risada curta.

— Clara, eu não preciso te tocar...

Seus olhos pareciam atravessar os meus.

Senti então um calor, uma pressão em meu baixo ventre, que se irradiou aos poucos por todo o meu corpo, como as ondas concêntricas do lago, até que me dominou por completo, e de repente eu não tinha mais o mínimo interesse pelo que acontecia ao meu redor, e só procurava entender o que estava se passando dentro de mim, dentro daquele universo vasto de sensações que eu não conseguia controlar ou mesmo entender.

Senti o que pareceu uma carícia, uma carícia que parecia tocar a uma só vez todo meu corpo, e toda minha pele, e toda minha mente, uma carícia íntima que tocava toda minha alma, um prazer indizível e ao mesmo tempo uma violação, inominável por independender de minha permissão. Eu não queria, mas ao mesmo tempo pedia, torcia para que não terminasse, e que fosse cada vez mais íntima, mais completa, mais...

Comecei a respirar mais pesado quando reconheci que o que eu estava sentindo não era exatamente platônico. O que eu sentia era de um erotismo assustador, era físico, e o que eu sentia em meus seios, em minhas partes baixas, era muito mais excitante e satisfatório do que qualquer coisa que eu já houvesse sentido no auge de jogos amorosos.

Meu corpo todo se enrijeceu. Uma sensação de pânico percorreu-me

inteira quando percebi que o que estava por acontecer nada mais era do que um bom e velho... orgasmo.

Ah, não! Isso não! Lutei contra aquela onda de prazer que se avolumava e se erguia e se preparava para quebrar, que eu queria tanto, tanto, tanto...

... mas não! Não ali, não assim em público. Não na vista de todos. E não com aquele monstro, aquele assassino! Maldito!

— Não! — gritei, e bati na mesa com as duas mãos. O restaurante inteiro pareceu ficar em silêncio por um instante, e tive a nítida impressão de que todos os rostos se voltaram para mim.

William piscou os olhos, assustado, como se arrancado de um transe profundo. Ele arquejava, pois estivera sentindo, tanto quanto eu, todo aquele bizarro prazer que tão contra minha vontade tinha se apossado de mim. Parasita asqueroso!

— Clara, por que...

— Cala a boca — disse eu, baixinho, mas com uma raiva tão grande como não me lembro de haver sentido antes em minha vida.

— Eu te odeio.

— Clara, eu... por que você parou?

— Você não tem o direito...

— Não tenho o direito do quê? — ele me atalhou, no mesmo tom, com a mesma ferocidade na voz. — De te mostrar do que você é capaz? De revelar o prazer que está te esperando, que durante toda tua vida você ignorou que pudesse existir? De te ajudar a encontrar o que a maioria das pessoas nem sonha que ser possível? Eu não estou fazendo nada, Clara, tudo o que você sente está guardado dentro de você, adormecido, eu apenas estou te mostrando o caminho, e a única coisa que peço em troca é que você me deixe acompanhá-la em sua descoberta...

— Chega, não fala mais nada. Sai daqui, some da minha frente...

— Clara...

— Vai embora, senão eu chamo o gerente e digo que você está me importunando, e ele te põe daqui pra fora a pontapés.

Para meu espanto ele obedeceu, e se levantou.

— Você está confusa, doce Clara. Nós fomos depressa demais, e você precisa de algum tempo — ele se inclinou em minha direção, enquanto eu me encolhia de medo. — Quando estiver pronta, me liga. Você tem meu número na memória do seu celular, do telefonema que lhe dei hoje de manhã. Vou esperar sonhando com você.

Então ele se virou e foi embora.

Putá que o pariu.

Com mão trêmula, e sem pensar, tomei o café frio que estava no fundo da xícara. Argh! Café frio é horrível, mas aquele pelo menos me ajudou a pensar.

Cruzes, eu estava assustada com tudo aquilo que ele me revelara. No que é que eu tinha me metido? No que minha vida tinha se transformado? Eu, um ímã de vampiro... Deus do céu!

Fiquei imaginando como seria minha vida dali pra frente. Como eu provavelmente teria de fugir dos vampiros o tempo todo. Pensei em Lucila. Que tipo de relacionamento teríamos daí por diante? Será que ela me protegeria? Ou seria a primeira da fila pra tirar uma lasquinha do petisco aqui? E no caso de me proteger, que será que ela ia pedir em troca, ser a primeira da fila pra tirar uma lasquinha? Lembrei-me de uma coisa que William havia dito: uma mordidinha fora suficiente para que eu me transformasse. Uma mordidinha de Lucila havia libertado tanta coisa dentro de mim, e o Vampirão potencializara isso de uma maneira quase inacreditável. Eu não queria nem imaginar o que seria se algum dia eu realmente cedesse e me entregasse por completo aos dentes de um vampiro e aos prazeres de uma mordida daquelas bem dadas...

Que merda, eu sempre tinha curtido tanto todo esse entusiasmo que sentia pela vida, a forma como eu sempre me apaixonava pelas coisas, como mergulhava de corpo e alma nas atividades que me empolgavam... sem saber que essa minha faceta acabaria se transformando no ingrediente principal de meu inferno particular.

Vitalidade, tá bom! Por que diabos eu não tinha nascido uma mosca morta, um pé de alface, uma... ostra amnésica? Uma daquelas pessoas apáticas que atravessam a vida com um tédio doentio, uma indiferença patológica?

Pedi outro café, e esse eu consegui tomar enquanto ainda estava quente. Estava terminando quando vi Estevão parado na porta do salão, me procurando com os olhos. Ergui o braço e acenei. Ele me viu e veio apressado.

— Clara, desculpe eu ter vindo, mas eu tava preocupado... — ele esperava que eu desse uma bronca por ele ter aparecido. Tadinho, eu deveria ser maluquinha por um cara como esse. Mas não era.

— Tudo bem, Estevão, legal que você veio. E aposto como foi a Lucila que pediu pra você vir. Quantas vezes ela te ligou?

Ele deu uma risadinha sem graça.

— Parei de contar depois da sexta — ele ficou sério de repente. — Clara, que que está acontecendo? Cadê a "amiga" que estava com você?

Fiz que não com a cabeça. Por que eu estava ficando tão constrangida?

— Hum — fez ele. — Não tinha amiga nenhuma, né? Aquele cara de novo?

Minha cara ficou vermelha quando acenei com a cabeça, admitindo que sim, aquele cara de novo. Não consegui olhar Estevão na cara. Podia imaginá-lo pensando, por que cargas d'água essa tonta tinha de insistir com aquele doido varrido?

— Que que tá rolando? — perguntou ele. — Dessa vez a Lucila não teve nada a ver com isso, pelo que entendi ela não fazia a mínima idéia de onde você estava...

Olhei para ele, finalmente.

— E vai continuar sem saber, você não vai contar nada pra ela, né?

Isso o pegou de surpresa. Afinal, eu estava pedindo sua cumplicidade, e que ele me ajudasse a enganar justo quem, dona Lucila, a pedra no sapato dele. Seus olhos se estreitaram numa expressão de desconfiança extrema.

— Clara... — lá vinha sermão.

Interrompi-o com um gesto decidido.

— Pode parar por aí mesmo. Chega. Não quero ouvir um *a* do senhor. Eu já te disse que eu sei o que tô fazendo, e não quero nem conselho nem sermão pro meu lado.

Ele fechou a boca e ficou me olhando sem saber o que dizer.

Chamei o garçom e pedi a conta.

— Eu te levo pra casa — ofereceu Estevão.

— Tô com o meu carro — disse eu.

— Então eu te acompanho no meu — insistiu ele.

Abri a boca pra reclamar, e foi a vez dele levantar a mão me mandando parar.

— Não. Nem tenta — disse ele, irritado. — Eu vou e ponto final.

Fiz com os ombros um gesto de tanto faz. Paguei a conta e saímos. Nossos carros estavam no mesmo estacionamento.

Enquanto ia para casa, eu via seu carro pelo retrovisor, me seguindo. Meus pensamentos eram incrivelmente sombrios.

Agora era eu quem queria o Vampirão morto. Ele me aterrorizava com o efeito que tinha sobre mim. Por mais excitantes que fossem as sensações que ele conseguia desencadear dentro de mim, era insuportável saber que ele podia fazê-lo quisesse eu ou não. Além disso, eu sabia que, se eu não pusesse um basta nisso, mais cedo ou mais tarde eu não conseguiria mais manter o controle, e a história toda terminaria comigo muito bem vestida e maquiada, cercada de belas flores, muitas velas e parentes tristes, e esticada dentro de um caixão de excelente qualidade, mortinha da silva.

Mas o que mais me assustava agora não era William, e nem mesmo Daniel.

O que me assustava era o fato de eu estar arquitetando a morte de alguém só porque eu tinha medo dessa pessoa. E que a origem de meu medo estava no fato de que essa pessoa conseguia revelar um lado meu que me assustava.

Eu não conseguia me livrar da incômoda impressão de que alguém ia morrer só para que eu não tivesse que me confrontar com o meu medo. Meu medo de mim mesma. Eu me sentia tão assassina quanto Lucila.

E não tinha a mínima intenção de voltar atrás.

## XI

Entrei em casa com as sacolinhas de compras na mão e o Estevão em meus calcanhares, e fui imediatamente cercada por vampiros preocupados, ansiosos e cheios de perguntas incômodas.

— Dona Maria Clara, onde é que a senhora estava? Precisava sumir e assustar a gente desse jeito? — bronqueou Lucila.

O Estevão às minhas costas me dava coragem para mentir e inspiração para mentir bem.

— Ué, eu não disse que ia fazer compras?

— Tá, na feira, que segundo a senhorita mesma terminou faz umas quatro horas. E toda aquela história de hora da xepa? Cadê as sacolas? Essas aí não são sacolas de feira.

— Ah, desisti da feira e fui dar uma volta no *shopping*...

— O Estevão disse que você estava num restaurante com uma amiga.

—... e depois fui a um restaurante com uma amiga. Satisfeita?

— Que amiga?

— Interessada?

— Que amiga, Clara?

— A... Selminha. Você não conhece.

— Clara...

— Qué isso, Lucila? — Estevão veio em meu socorro. — Que interrogatório é esse agora? Você não acha que está passando um pouco dos limites?

— Estevão querido, quer fazer um grande favor e não se meter?

— Lucila estava com as mãos na cintura, estilo açucareiro.

— Lucila querida, eu acho que quem está se metendo é você, na vida da nossa Clarinha — retrucou Estevão, imitando a pose e a entonação dela.

— "Nossa" Clarinha? — intervim indignada.

— Isso é um papo entre ela e eu, Estevão querido. Papo de mulher, tá? Os homens não entendem nada dessas coisas. Quem é a Selminha, Clara?

— Lucila querida, você está é com ciúmes da Clarinha ter outra amiga além de você.

— O que você entende de ciúmes, Estevão querido?

— Mais do que você pode imaginar, Lucila querida.

— Eu tenho uma imaginação muito boa, Estevão querido.

— E eu tive excelentes professores, Lucila querida, que me ensinaram muito sobre ciúmes.

— E o que você quer dizer com isso, Estevão querido?

— Você sabe muito bem, Lucila querida.

De repente quem estava sobrando ali era eu. Os dois estavam se encarando, e pareciam ter entrado em um mundo todo deles. Parecia que o que estava rolando era a continuação de algum papo inacabado que tinha começado em outra ocasião. Lucila e Estevão já tinham trocado farpas pelas minhas costas, estava mais do que óbvio, e estava óbvio também já tinham batido boca a meu respeito antes, discutindo quem tinha e quem não tinha o direito de meter o bedelho nos meus assuntos. Senti uma irritação súbita. "Nossa" Clarinha, pois sim! Como se eles tivessem uma escritura, uma certidão de posse. Aproveitei que eles estavam tão entretidos um com o outro e tentei sair de fininho.

— Onde você está indo, Clarinha? Cansou desta conversa tão interessante? — disse Daniel, um pouco mais alto do que o necessário. Filho da puta!

— Clarinha, você ainda não me disse quem é a Selminha com quem você disse que estava — Lucila voltou à carga.

Abri a boca para dizer um desaforo, mas Estevão me interrompeu.

— Não se preocupa, Lucila querida, não precisa ficar com ciúmes porque a Selminha é um espanto, magrela, dentuça com cabelo pintado de vermelho e com um tique de ficar estalando as juntas dos dedos — cruz credo, de onde o Estevão tinha tirado isso? — Além do mais, é antipática. A Clarinha não sabe mesmo escolher as amigas. Bom, fora a Carol, que é jeitosinha...

— Estevão... — disse eu, quase rosnando. Precisava meter a Carol na história?

— Quem é a Carol? — perguntou Daniel, interessado.

— Não interessa! — respondemos Lucila, Estevão e eu ao mesmo tempo. Entreolhamo-nos espantados, enquanto Daniel cruzava os braços e se empertigava. O sorriso satisfeito em seu rosto dizia claramente "ah, mas interessa, sim".

— E ela estava com essa tal Selminha, Estevão?

— Não é da sua conta, Lucilinha, meu amor, mas ela estava, sim. E posso saber porque tanto interesse assim na vida da Clara?

— Estevinho, meu amor, você mesmo disse, a Clarinha às vezes não sabe escolher as amigas. Eu me preocupo com isso, sabe? Agora, eu me preocupo ainda mais com os namorados que ela escolhe, sabe? Ultimamente só tem aparecido traste na vida dela... Uns caras que não respeitam ela, que ficam desconfiando dela...

Estevão estava ficando vermelho como um tomate. Ele ia explodir. Eu nunca tinha visto ele zangado daquele jeito.

Percebi de repente que Daniel tinha aos pouquinhos chegado perto de mim.

— E nas sacolinhas, que que você tem? — perguntou, curioso, esticando o pescoço.

Ahhhhh, chega!

— Ah, mas que encheção de saco, isso sim é que não é da sua conta! — disse eu virando as costas a todos. Saí pisando duro em direção ao meu quarto. Eu não tinha que agüentar aquele barraco todo na minha própria casa.

Tranquei a porta atrás de mim, encostei-me nela e respirei aliviada, no reconfortante silêncio da solidão, mas de imediato as lembranças do papo com o Vampirão começaram a me assaltar. Seu controle sobre mim, suas previsões para minha vida daqui pra frente, minha ânsia por sua morte. Percebi que não queria pensar naquilo. Aquele bando de pentelhos que estava na minha sala era insuportável, mas pelo menos eles me distraíam, não me davam chance de remoer pensamentos lúgubres. Gastei alguns minutos esvaziando as sacolinhas e colocando seu conteúdo nos lugares mais convenientes, e então voltei à sala.

Lucila e Estevão ainda estavam discutindo, mas interromperam a troca de insultos assim que entrei, e me olharam com ar de quem foi pego com a boca na botija. Daniel acompanhava a discussão com um deleite óbvio, acomodado e perfeitamente à vontade em minha poltrona. Ele desviou os olhos para mim, varreu meu corpo inteiro com um único olhar e a mudança sutil em seu sorriso me fez perceber que na sua imaginação ele acabava de me deixar nua.

Mudei de idéia. Aqueles três, juntos, na minha sala, eram piores do que minhas lembranças mais macabras. Eu ia ter de conviver com eles pelo menos até o pôr-do-sol. Saco!

Olhei-os e disse:

— Meu Deus, estou farta de vocês! — e procurei refúgio na cozinha.

Merda. A porta da lavanderia estava aberta, e da cozinha eu tinha uma bela vista das canelas esticadas do defunto.

Encostei a porta pra não ter de ficar olhando o falecido.

— Lucila, vem cá um instantinho? — gritei para a sala, repentinamente imersa em silêncio profundo.

Ela veio voando. Voando modo de dizer, né?

— Lucila, pelo amor de Deus, tira esse cadáver daqui assim que escurecer. Já não basta tudo o que está acontecendo, ainda tenho que ter um defunto na minha lavanderia!

— Não se preocupa, Clarinha, faço isso assim que o sol sumir — ela hesitou e continuou — Clara, você tá bem? Que aconteceu?

— Que aconteceu? Que que você acha que aconteceu? Só pra te refrescar a memória, amiguinha, tudo começou com você me jogando nos braços de um vampiro bonito, sensual e inescrupuloso, que me jogou nos braços de um outro vampirão não tão bonito, nada sensual mas também inescrupuloso e agora eu só estou tratando de continuar viva enquanto um séquito de vampiros e admiradores ciumentos e possessivos se dedica a transformar minha vida num inferno. Gostou do resumo?

— Clara, não se preocupa, você sabe que eu e o Daniel vamos te proteger do Vampirão...

— Não estou falando do Vampirão, minha querida. Estou falando do Daniel. Estou falando de você. Depois que a gente se livrar do

Vampirão, por quanto tempo o Daniel vai se comportar antes de começar a querer o meu pescoço? Eu sei que depois que tudo isso acabar ele não vai me deixar em paz. E você, Lucila, que já faz tempo que está querendo, eu sei, até quando vai se comportar?

— Clara, você sabe que quanto a mim não precisa se preocupar. Já não te dei uma prova de que você pode confiar em mim? Eu te mordi, Clara, e não te fiz mais nada... nada do que gostaria de fazer. Consegui me controlar mesmo sentindo o sabor de seu sangue em minha boca, mesmo tendo provado uma amostra tão pequena, e tão deliciosa, dele. Você confia em mim, Clara?

— Lucila, em você eu até confio... pelo menos um pouquinho. Mas o Daniel me assusta, e você sabe disso.

— Por que você acha que o Daniel ficaria assim tão obcecado por você?

Eu já ia respondendo mas pensei um pouco e fechei a boca a tempo. Que que eu ia dizer, repetir o que o Vampirão tinha dito, que com uma provadinha qualquer vampiro ficaria viciado em mim, e que eu estava irradiando isso como se fosse um alto-falante? Tá, e revelar o encontro que tínhamos tido contra a vontade dela?

— Intuição — improvisei. — Tô certa?

— Tá — respondeu ela a contragosto, mas sem hesitar. Parecia que ela tinha resolvido ser franca.

— E o que que eu faço? Que que a gente faz? — perguntei.

— Não sei, mas vou pensar em algo, fica tranqüila — a Lucila fazendo planos pra mim, poderia haver algo que me deixasse *menos* tranqüila do que isso? — Mas é bom não esquecer que a gente tem um outro problema pra resolver antes. O Vampirão...

Ela tinha razão. Eu já tinha tomado a decisão de que iríamos resolver esse problema naquela mesma noite. Naquela noite eu queria ir para a cama com a certeza de que o Vampirão estava morto. Bom, eu não sabia se conseguiria dormir sabendo que ele teria morrido por minha culpa, mas estava disposta a correr o risco. E pra dizer a verdade, eu não tinha tanto medo de minha consciência como tinha dos instintos que vinha descobrindo nos últimos dias.

— A gente vai resolver isso hoje... — afirmei, decidida, e percebi que isso a surpreendeu um pouco —... assim que o Estevão for embora.

— Se ele for embora... — disse ela com uma voz cheia de insinuações.

— Ele vai sim, Lucila. Ele tem que ficar com o Francisco hoje de noite, e além do mais, como a gente terminou tudo, não tem...

— Hein? Como é? Vocês terminaram? — ela estava surpresa. — E você não me contou nada?

— E você deu chance, Lucila?

— Que coisa, vocês terminaram — ela ainda parecia admirada.

— Você sabe que a coisa já não ia bem, né? Acho que a gota d'água foi ele me ver de mãozinha dada com o Vampirão lá na praça...

Aquilo nos trouxe de volta ao assunto.

— Como é que você pretende resolver tudo hoje, Clarinha?

— Assim que o Estevão for embora... e você se livrar dos restos do seu jantar de ontem... eu ligo pro Vampirão e...

Ela me olhou desconfiada.

— Como assim... liga pro Vampirão? Desde quando você tem o número dele?

Caralho. Ela tinha me pegado no pulo. Fiquei vermelha de vergonha.

— O número... do jornal, Lucila.

Até que a mentira teria colado, se meu rosto não estivesse pegando fogo e eu não ficasse com aquela expressão de pânico.

— Clara... — disse ela, me olhando com dureza, e veio em minha direção.

Dei um passo para trás e me encostei contra a pia da cozinha. Não tinha mais como me afastar e ela se aproximou ainda mais de mim. A centímetros de distância, seu rosto bonito começava a mudar, de desconfiado para irritado.

Cacete.

— Clara... você tá escondendo algo de mim? Comecei a gaguejar.

— E-eu... e-esqueci de dizer... ontem ele me ligou... quando eu tava na frente do MASP... ele ligou do celular dele... eu e-esqueci de

contar...

— Clara, minha querida, você está nervosinha demais, por que será que eu acho que você está mentindo?

Engoli em seco.

— Clara... *fala a verdade.*

A Voz. Putaqueopariu.

— Ele me ligou hoje de manhã. Eu me encontrei com ele de tarde.

Rápida como um raio, a mão dela me agarrou pela garganta. Dei um gemido de terror. Era só ela apertar um pouquinho e... Mas ela não apertou.

Era só uma advertência.

— Clara, você é uma idiota. Eu disse pra você não se encontrar com ele, e não era só porque eu gosto de dar ordens, era para o teu próprio bem. Você sabe o risco que correu indo sozinha?

Fiz que sim com a cabeça, incapaz de falar.

— O que foi que ele te contou? — perguntou Lucila.

— Me solta e eu digo — pedi, com uma certa dificuldade. Ela soltou.

Ufa! Fiz um teste e descobri que eu ainda conseguia engolir.

— Fala.

Eu a olhei sem esconder meu ressentimento.

— Ele me contou o que você devia ter me contado. Que eu sou um prato refinadíssimo pros vampiros. Que eu não vou conseguir me livrar de nenhum vampiro que por algum acaso tire uma lasquinha de mim.

— Foi por isso que você de repente ficou tão apavorada com o Daniel e comigo, e com a possibilidade de que nós não te deixemos em paz...

— Não é "possibilidade", é certeza — cortei. — Pelo menos no caso do Daniel. E falando nisso, o que eu não consigo entender é como *você* conseguiu se controlar quando estava com a faca e o queijo na mão. Como é que vocês sabiam, sem ter me mordido, que eu era uma iguaria irresistível, Lucila? E como é que *você* sabia, de antemão, que seria capaz de manter o controle, mas o Daniel não?

— Não sabia, foi intuição — respondeu ela, lacônica, e mudou de assunto. — Clara, o que foi que aconteceu nesse seu encontro com

o Vampirão, que te deixou tão ansiosa para que ele morra?

Eu a olhei por um momento sem responder, apenas me lembrando do pânico que senti ao descobrir as coisas que William podia fazer comigo, com meu corpo e com meus desejos. E como eu era incapaz de resistir a ele.

— Eu tenho medo dele, Lucila — sussurrei, sentindo as lágrimas que tentavam sair de meus olhos. — Eu não consigo resistir, ele faz coisas comigo que eu não quero, mas eu não consigo resistir... Ele nem precisa me tocar, ele consegue me controlar à distância, Lucila, você consegue imaginar como é isso? A sensação de impotência, de não poder fazer nada?

Ela me olhou com algo estranho nos olhos, talvez fosse piedade, não sei bem pois essa não é uma coisa que se veja com frequência nos olhos de Lucila, e se afastou um pouco de mim.

Ainda impressionada com a intensidade do que acabava de acontecer, levei a mão à garganta, que doía no ponto onde a vampira tinha segurado, e meus dedos tocaram a correntinha dourada que tinha ao redor do pescoço. Sem pensar no que estava fazendo, puxei-a um pouco e comecei a brincar com ela, um daqueles comportamentos involuntários que a gente faz quando está imerso em preocupações. Com o movimento, uma cruz pequenina, folheada a ouro, saiu de dentro de meu decote.

A consequência desse pequeno evento foi incrível. Assim que viu a cruz, Lucila deu um salto espetacular para longe de mim.

— Clara! — gemeu ela, apavorada.

Caramba, que reação!

Eu já sabia da, hum, aversão da Lucila por cruzes, por conta de umas experienciuzinhas, mas aquilo! Talvez tivesse a ver com o fato daquela cruz haver sido benzida numa igreja, naquela manhã mesmo. Eu tinha achado que ela poderia ficar mais eficiente. Ficou.

— Clara, inferno, mulher, esconde essa coisa.

— Lucila! Desculpa, foi sem querer — disse eu, preocupada, enquanto escondia a cruz dentro da blusa de novo.

— Clara, que que é isso? — ela estava encostada na parede da cozinha, o mais longe que podia. — Desde quando você tá usando... isso?

— Comprei hoje. Desculpa — repeti. — Você tá bem?

Ela fez que sim com a cabeça, ainda encostada à parede, e respirando pesado.

— Por que isso, Clara?

— Por causa do Daniel, Lucila — uma indagação muda no olhar dela, combinada com um estúpido senso de honestidade, me obrigou a ser franca. — Tá, por sua causa também. Mas eu juro que não pretendia usar contra você. Eu só decidi tomar algumas precauções, só isso.

— E tomou pra valer, pelo visto — ela deu um sorrisinho incerto.

— Lucila, isto aqui... — toquei a corrente com a ponta dos dedos, sem tirá-la de dentro do decote —... funciona com o Daniel do jeito que funcionou com você?

— Eu... acho que sim — hum, não era a resposta que eu esperava. Eu esperava um *sim* enfático. Essa resposta não me tranqüilizava.

— Acha?

— O efeito dessas coisas depende do vampiro, Clara. Se ele tinha uma fé quando era vivo, se acreditava no poder dos símbolos religiosos, sim. Você acreditaria se eu te dissesse que quase virei freira pouco antes de ser transformada? — ela deu uma risadinha. Lucila, freira, ora vejam só, mas eu não tinha vontade de rir. Talvez mais tarde.

— E você não sabe se o Daniel...

Ela deu de ombros.

— Não sei. Mas provavelmente sim. Na época que ele viveu, no lugar onde ele viveu, era todo mundo muito católico.

— E onde... — naquele momento escutei o telefone tocando na sala.

Me interrompi, e por força do hábito fiquei em silêncio enquanto alguém atendia. Lucila também ficou em silêncio, mas acho que mais por conveniência que por hábito. Não era de seu feitio dar muitos detalhes sobre o passado, e por hoje talvez já tivesse falado mais do que julgaria conveniente.

— Alô — era Estevão quem tinha atendido. Uma pausa. — Oi, dona Silvana, como está a senhora?

Merda. Mãe escolhe cada hora pra ligar...

Tive de atender. Tive de escutar as histórias dela.

Ei, não me entenda errado. Eu *adoro* minha mãe. Normalmente eu não reclamaria por ela ter ligado. Eu estava morrendo de saudades. As histórias dela são sempre sensacionais. Só que não naquele momento!

Não dava pra pedir pra ela ligar depois. Não é o tipo de coisa que você faz quando tua mãe te liga de algum povoado perdido no interior do Piauí e te diz que este é o primeiro telefone que ela encontra em duas semanas, e que amanhã ela vai estar de novo a cinqüenta e cinco quilômetros de distância dele.

Minha mãe é arqueóloga, e passa mais tempo no meio de gente morta do que com os vivos. Rá, olha só o rasgado falando do esfarrapado! Bom, talvez seja uma tendência hereditária...

De forma que me enfiei no meu escritório e por mais de meia hora ouvi relatos entusiasmados, e fascinantes, sobre Toyotas quebradas, rastros frescos de pintadas — onças, quero dizer — maravilhosas pinturas rupestres zoomórficas policrômicas em paredões areníticos, a mais de cinco metros de altura e as mil e uma maneiras de preparar carne-seca. Eu adoraria ter ouvido essas histórias em outra ocasião. Sei que sou uma privilegiada por ter a mãe que tenho.

Mas enquanto metade de meu cérebro se esbaldava com as aventuras dela, a outra metade não conseguia ignorar que o dia lá fora ia terminando. Aproximava-se a hora em que as coisas iam começar a acontecer. Estevão iria embora e poderíamos agir livremente. Lucila se livraria do cadáver da lavanderia. Montaríamos nossa armadilha. Atrairíamos William, o vampiro psíquico, para algum lugar sossegado. E o mataríamos. Bela programação, hein? Mas me desculpem se ela não me entusiasmava nem um pouco.

Finalmente a arqueóloga Silvana M. Bonatti-Baumgarten, Ph.D., desligou, prometendo ligar de novo daí a uns dez dias. Hum, eu realmente esperava ainda estar viva daí a dez dias...

Quando apareci na sala, estavam todos em silêncio. Um clima verdadeiramente azedo. Estevão se levantou.

— Preciso ir ficar com o Francisco — ele estava contrariado. — Vem comigo, Clara — e decidido.

— Não vou, Estevão.  
— Clara, vem comigo... por favor.  
— Estevão, não começa.  
— Mas Clara...  
— Nem mas nem meio mas. Já disse que não.  
— Clara, eu quero ficar com você, mas...  
— Estevão, vai lá que teu filho tá te esperando, e ele precisa mais de você do que eu. Eu vou ficar numa boa, não se preocupe. Amanhã te ligo.

No final ele foi embora. Com uma tromba deste tamanho, mas foi. Me deu um beijo na testa antes de lançar um olhar mortífero em direção aos dois vampiros e sair. Fiz tchauzinho enquanto ele entrava no elevador, e voltei apressada a meu apartamento assim que ele se foi.

— Ele não gosta nada da gente — comentou Daniel.

Ignorei-o.

— Tá legal, Lucila, se livra do presunto e volta pra cá o mais rápido possível. Eu não ligo pro Vampirão sem ter você por perto.

— O quê? Ligar pro Vampirão??? — Daniel deu um pulo da poltrona.

— Sossega, menino, eu e a Clara temos tudo sob controle — disse Lucila enquanto entrava na cozinha.

— Que que vocês estão tramando? — ele veio pro meu lado com os olhos brilhando e eu resisti à tentação de tirar a cruz de dentro da blusa. Ele não estava me ameaçando, só estava curioso.

— Vamos montar uma armadilha praquele filho da puta... hoje — respondi.

Ele deu um sorriso selvagem, e antes que eu pudesse reagir, me agarrou pelos braços, me puxou contra si e me deu um beijo na boca, longo e nada vampiresco. Hummmm. Cacilda, prum morto até que ele beijava bem! Confesso que, passado o primeiro susto, não pensei muito em resistir.

— Quando terminar a cena romântica, me avisem — a voz de Lucila soou seca e mal-humorada. — Você vem comigo, Daniel. Do jeito que estão se entendendo, se deixo vocês sozinhos, quando eu voltar vamos ser três vampiros felizes nesta sala.

Quando Daniel me largou, ele estava sorrindo e eu não sabia onde enfiar a cara. Merda, e ele nem tinha me hipnotizado. Eu estava começando a fazer um péssimo conceito de mim mesma.

Lucila estava parada no meio da sala, olhando-nos com a severidade de uma governanta inglesa. Bom, eu nunca vi uma governanta inglesa, e muito menos uma governanta inglesa carregando um cadáver enrijecido no ombro, mas imagino que deva ser muito parecida com a Lucila que estava a minha frente.

Daniel deu uma de suas risadas maravilhosas e sedutoras.

— Não se preocupe, querida, eu não vou fazer nada contra a vontade da nossa Clarinha, e você sabe disso.

Ui, era essa parte do "contra a minha vontade" que estava me assustando agora. E, claro, o fato de que eu não acreditava numa palavra do que ele dizia.

— Tá, tudo bem, então você vai bonzinho com a Lucila porque eu não quero você aqui comigo, certo?

Ele deu de ombros.

— Se você não quer que eu fique, tudo bem, mas a Lucila também não precisa de ajuda com a louça suja — ele consultou seu relógio. — Acho que vou fazer alguma coisa mais útil... pro meu estômago.

Ele saiu com um "até daqui a pouco, garotas", enquanto Lucila e eu nos entreolhávamos.

— Clara... — começou Lucila, ainda equilibrando no ombro o cadáver duro que nem pedra.

— Eu tô ferrada, Lucila — disse eu com um nó na garganta. — Ele não vai sossegar até me chupar todo o sangue ou sei lá, me transformar numa vampira.

— Não se preocupa, Clarinha. Eu te coloquei nessa encrenca, eu vou te tirar dela.

Por que é que eu não acreditava nela? Talvez porque eu achasse que ela era parte do problema, e não da solução. Merda. Mas essas considerações profundas iam ficar para depois. A prioridade agora era o Vampirão.

— Tá legal, Lucila, se livra desse cara logo, antes que ele comece a cheirar mal, e volta o mais rápido que você puder. Ai a gente

continua a discutir isso. E vai logo, pelo amor de Deus. Trata de voltar antes do Daniel, tá bem?

Ela se foi. Não perguntei como é que ela ia sair do prédio carregando o morto e nem como ia se livrar dele. Curiosidade mórbida tem limites. Pra mim, a arte da ocultação de cadáveres por vampiros estava para além deles.

Eu estava sozinha no meu apartamento. Há quanto tempo isso não acontecia?

Sozinha com meus medos, cada vez maiores e cada vez mais numerosos.

Pensei de novo nas coisas que o William havia dito. Que mesmo que me livrasse dele eu jamais conseguiria me livrar do Daniel. Jesus, ele sabia do que estava falando. No momento em que Daniel me pegou e me deu aquele beijo, eu senti o quanto isso era verdade. Ele não ia desistir, e eu não ia resistir. Que aconteceria? Eu tinha certeza de que a Lucila não ia conseguir me proteger de Daniel. Ou de mim...

Lucila. Ela não tinha perdido a cabeça ao me morder, mas... Algo ela estava escondendo, eu tinha certeza, mas não conseguia imaginar o que podia ser. Nada me tirava da cabeça que não era só de Daniel que eu deveria ter medo.

Percebi que a mágoa que eu tinha de Lucila era grande, e que eu estava começando a jogar nos ombros dela a culpa por tudo o que estava acontecendo, todos meus medos, meus terrores, minhas descobertas perturbadoras.

Me encostei na porta de vidro e fiquei olhando as luzes da cidade, até que me passou pela cabeça que aquela podia ser minha última noite no mundo dos vivos, e uma sensação horrível se instalou na boca do meu estômago, e uma onda de angústia trouxe lágrimas a meus olhos.

Merda, merda, merda.

Então o interfone tocou e eu dei um pulo de susto. Era o porteiro. Tinha um moço lá na portaria com umas flores que alguém tinha mandado entregar. Flores? Pedi para perguntar quem tinha mandado. Disse o porteiro que o entregador não sabia o nome mas

tinha dito que um moço clarinho, loiro, tinha acabado de comprar e pedido pra entregar.

Estevão, um cavalheiro em todas as ocasiões. Suspirei e pedi para o entregador subir. Não ia resolver meus problemas, mas flores são flores, sempre é bom recebê-las.

Quando a campainha tocou, eu, num momento de desatenção, e de estupidez incrível, abri a porta sem olhar pelo olho mágico.

Não era um entregador quem imediatamente escancarou a porta, calçando-a com o pé de modo que eu não conseguisse fechá-la.

Quem estava ali, tendo nos braços um imenso buquê de tulipas, vermelhas como sangue, era o William.

O Vampirão em pessoa.

## XII

— Boa noite, querida e doce Clara — disse ele, entrando em meu apartamento.

Cacilda! Pelo visto, vampiro psíquico não precisa de convite para entrar na tua casa.

Ainda paralisada de susto, vi-o trancar a porta e depois guardar a chave no bolso da camisa. Merda. Eu não tinha como escapar.

— Espero que não se importe por eu aparecer assim sem ser convidado, minha querida, mas receei que demorasse a me convidar, e ficar longe de você tornou-se algo inaceitável.

— Que é que você está fazendo aqui, William? Como descobriu onde eu morava?

— Não é a primeira vez que você me subestima, não é, doce Clara? Você acha que teve algum mistério seguir você e seu amigo depois que vocês saíram do restaurante? E convencer o porteiro de que estas belas flores deveriam ser entregues a uma bela dama?

— Você sabe que seguir uma mulher, forçar a entrada e se trancar no apartamento dela não é o meio mais eficiente de conquistar o amor dela, né? — eu estava conseguindo me recompor do choque, e comecei a pensar em como ganhar tempo até que algum de meus vampiros de estimação voltasse pra casa.

— Amor? Quem falou em amor, Clara? Eu só quero você.

Merda. Eu sabia o que ele queria dizer com isso.

— O que você quer dizer com isso? — João-sem-braço, essa sou eu.

Ele riu.

— Quero dizer, minha cara, que eu quero o que você está me negando desde ontem...

— Por que tanta pressa, William?

— E por que não, Clara querida?

— Você me disse que não era impulsivo como o Daniel...

— E não sou, Clara. É você que me enlouquece.

Ele veio em minha direção e eu rapidamente dei a volta ao sofá, colocando-o entre nós como se pudesse me dar alguma proteção.

— Clara, por que você tem tanto medo de mim? Você sabe que o que nós dois podemos fazer juntos é... é... Deus, é algo tão magnífico que não há como descrever.

— Mas qual o preço que vou ter de pagar, William? Você vai ter o seu prazer, mas e eu?

Ele me olhou de um jeito estranho.

— O que você quer dizer, Clara? Você sabe que seu prazer é tão intenso quanto o meu, talvez até maior. Você já não teve prova disso?

— Já, William, já tive, e é por saber como esse prazer é imenso que eu tenho tanto medo, porque eu sei que não vou conseguir voltar atrás quando... — me interrompi, percebendo que estava a ponto de falar demais. Seja não tivesse falado.

— Quando o quê, Clara? — oh-oh.

— Nada, William, eu só tenho medo e não sei bem do quê.

— Você está mentindo, Clara. Quando o quê? Voltar atrás por quê?

Ele deu a volta ao sofá e eu recuei. Caralho, caralho, caralho, que que eu faço agora?

— Me deixa em paz, William. Vai embora.

— O que você sabe, Clara? O que está escondendo de mim?

Ele continuou vindo, e eu recuando.

— William, se afasta de mim — o pânico estava deixando trêmula minha voz.

— O que você sabe, Clara? — insistiu ele.

Me virei e corri para a cozinha. Talvez eu conseguisse me trancar lá e resistir até que Lucila ou Daniel voltassem.

Entrei na cozinha e fechei a porta, mas ele foi rápido, e dando um empurrão abriu-a com violência e me mandou de encontro à pia. Ui! Respirei fundo e senti uma dor aguda, talvez tivesse trincado alguma costela, merda. Mas me ocorreu então que se aquela fosse a pior coisa a me acontecer naquela noite eu poderia me considerar uma pessoa muito sortuda.

— Você sabe de alguma coisa que não deveria saber, Clara, posso ver isso no seu olhar — de repente a expressão dele mudou. Ele havia compreendido. — Clara, você está tramando algo com o Daniel? Ele lhe contou algo?

Já não havia porque esconder. Quem sabe se eu contasse tudo ele se assustaria e sairia correndo. É, eu sei, não me olhe assim, mas não dizem que a esperança é a última que morre?

— Eu sei de tudo, William, você está matando as mulheres dele. Você procura as mulheres que ele tenha mordido e suga delas o prazer que sentiram. Você se alimenta disso, e sua fome é tanta que você acaba matando a sua vítima. E é isso que você quer fazer comigo, me sugar, sugar meu prazer até a última gota, até que eu morra.

Ele ficou imóvel por uns instantes, provavelmente enquanto absorvia e tentava entender a situação.

Eu olhava para além dele, para a porta da cozinha, e tentava calcular as chances que tinha de escapar para a sala e dali quem sabe para um dos quartos. Eu poderia gritar por socorro em uma das janelas.

— Clara, não posso acreditar que você fez isso comigo — o tom de voz dele era de sofrimento. — Você foi um sonho maravilhoso, Clara, tão breve mas tão intenso. Talvez ele tivesse se prolongado por muito tempo. Eu não queria matar você, Clara, não tão cedo. Você seria diferente das outras. Nós teríamos muito prazer juntos. Mas você estragou tudo, minha querida. Agora vou ter de matá-la, e só posso esperar que sua morte nos traga muito, muito prazer.

— William, me deixa em paz, vai embora, ele vai chegar a qualquer momento! — gemi, apavorada.

— Você não está só tentando me assustar, não é? Não, acho que está falando a verdade. Pois bem, se temos pouco tempo então vamos ter de ser rápidos, não é? — disse ele com uma voz prática, assustadora.

E aí ele fez *aquilo*. Sem que me tocasse, aquela onda imensa de sensações que eu já experimentara me invadiu de novo. Arquejei e me apoiei na pia enquanto a massa fenomenal de sensações deliciosas se apossava de mim.

— Isso é bom, não é, doce Clara? — sussurrou ele, olhos fechados, saboreando a tempestade que rugia dentro de mim.

Não! Eu não ia dar isso a ele!

Acabei me dobrando toda, e me agachando no chão da cozinha enquanto tentava impedir que aquilo acontecesse. Me dava nojo saber que ele estava se esbaldando com aquilo que era meu, minhas posses mais íntimas e mais valiosas. E se eu deixasse que ele me dominasse, e me controlasse, não ia haver volta.

Ele sabia que eu sabia sobre seus crimes. Além de uma refeição apetitosa, agora eu era um perigo a ser eliminado. Duplo motivo para ele tomar minha vida até o fim e depois ainda lamber os dedos.

Apavorada, eu sentia a invasão irresistível, mas desta vez eu estava decidida a não deixar que o turbilhão de emoções, sensações e prazeres me dominasse. Eu sabia que minha vida estava em jogo, e lutava com toda minha vontade contra a avalanche que ameaçava me soterrar completamente. Fiz frente a ela, e tentei resistir. Era como nadar contra uma corrente, e ao mesmo tempo tentar chegar à margem e manter a cabeça fora d'água.

Ele veio até mim, e me levantou e me segurou contra si.

— Clara, Clara, não resista, entregue-se, sinta o que você quer sentir, dê-me o que eu vim buscar — murmurou ele em meu ouvido, provocando arrepios que me desceram pelas costas como se dedos gelados tocassem piano na minha coluna.

E os arrepios só pioraram quando ele, em seguida, começou a beijar meu pescoço. Estremeci, e ele deve ter notado, pois passou a me beijar com maior intensidade. Estava ficando difícil manter a resistência. Eu estava começando perder o pouco controle que tinha sobre mim. Eu não ia conseguir me manter à tona.

— Você gosta disso, você gosta que mordam seu pescoço, não é? — perguntou-me ele, entre beijos insistentes. — Você se excita com isso, e não vai resistir, não é? Se eu te morder, que acontece, Clara?

— Se você morder ela, eu te mato.

William me largou como se tivesse levado um choque elétrico. Me afastei dele, e me apoiei na pia. Jesus! Eu mal conseguia respirar, e não acreditava em meus olhos.

— Daniel! — exclamei.

Ele estava parado na porta da cozinha, tão alto que sua cabeça quase alcançava o batente. Havia uma expressão selvagem em seu rosto. E seus caninos estavam expostos. Brancos, afiados e assustadores.

Ele estava bravo.

Vi William empalidecer. Oh-oh, acho que ele não esperava por aquilo.

Com dois passos largos, Daniel chegou até William e agarrou-o pelo pescoço, erguendo-o no ar como se ele fosse um boneco inflável, sem nenhum esforço.

— Então este é o famoso Vampirão, assassino destemido de mulheres indefesas.

William esperneava e tentava, com as mãos, afrouxar os dedos que lhe apertavam a garganta. Ele produzia sons ininteligíveis, sem dúvida tentando protestar contra aquele estrangulamento tão eficiente.

— Clara, você tá bem? — perguntou Daniel, olhando-me de alto a baixo como para se certificar com seus próprios olhos de que eu estava.

— Tô... tô sim, você chegou bem na hora...

— Quer dizer que vocês tinham planejado uma festinha particular sem me convidar?

Um pânico instantâneo se apoderou de mim.

— Não, Daniel! Ele me seguiu e... — interrompi-me. Raios, não havia nenhuma explicação que não provocasse a ira de Daniel contra mim.

— Ele te seguiu desde onde? — perguntou ele, com dureza. — O que vocês andaram fazendo pelas minhas costas, Clara? Por que será que isto está me cheirando a traição?

— Eu não traí ninguém, Daniel. Eu só queria entender umas coisas...

Num gesto fácil, Daniel arremessou William através da porta. William bateu de encontro ao encosto de meu sofá e se esparramou pelo chão. Ui, aquilo devia ter doído. O duble de vampiro tentou se arrastar em direção à porta de saída. Em seu esforço, ele passou por cima do maço de tulipas, esmagando-o, destruindo as flores que

tinham sido tão bonitas, espalhando pétalas à medida que prosseguia em sua tentativa de fuga.

— E entendeu? — perguntou-me Daniel, enquanto me puxava pelo braço até a sala.

Ele me jogou em minha poltrona, e eu me encolhi de medo.

Respondi fazendo que sim com a cabeça.

Num gesto casual ele esticou o braço, voltou a segurar William pelo pescoço, interrompendo-o em sua tímida tentativa de fuga, e se abaixou à minha frente, apoiando-se em um joelho. Nossos olhos estavam no mesmo nível.

— O que você entendeu, Clara?

Eu o olhei, incapaz de responder. Que podia eu dizer? Que tinha entendido o que *eu* era? Que por medo de mim mesma eu queria que William morresse? Que ele, Daniel, era agora a ameaça que eu mais temia no mundo?

— Eu sei o que você entendeu, Clara... — murmurou ele, e ainda segurando o William, que em vão se debatia e se esforçava por se libertar, aproximou seu rosto do meu. Sua boca apenas se encostou na minha, num beijo quase tímido, e então, sem nenhum aviso, ele mordeu meu lábio inferior, uma mordida pequena, leve, suficiente para que o sangue brotasse. Ele teve tempo de passar a língua sobre a grande gota que se formava, antes que eu tentasse me afastar, num safanão assustado. Ui, havia doído. Senti meu próprio gosto metálico na ponta de minha língua. Meu coração começou a bater mais acelerado, mas não era só pelo susto. Um espasmo delicioso percorrera meu corpo, seguido pelo desejo de mais, mais...

Daniel riu, enquanto me fazia perceber que estava degustando a pequenina dose de meu sangue.

— Você entendeu que quer o que um vampiro pode te oferecer... — continuou ele, pondo-se em pé, e concluiu, olhando para William, que ele tinha levantado junto consigo —... mas não este aqui. Este você quer morto, não é, Clarinha?

Nessa altura do campeonato eu já não sabia se queria. Uma coisa era pensar na morte como uma coisa hipotética, outra era tê-la de fato à sua frente. Droga, eu já tinha passado por isso antes. Certa vez eu arquitetei com cuidado uma vingança terrível, mas na hora

agá vacilei, e não quis levar o plano adiante. O que não fez a mínima diferença, uma vez que por essa altura Lucila já havia assumido o controle da situação, seguindo nossos planos originais muito mais ao pé da letra do que eu gostaria.

Mas agora... o fato é que desta vez, a iminência da morte do Vampirão não me trazia a repulsa total. Apenas a dúvida. Cacete. Eu estava mudando? Parecia que sim, e eu não estava gostando muito do rumo por onde as coisas estavam indo.

Não respondi nada, apenas olhei Daniel com olhos arregalados.

Ele deu uma risada e olhou para o estrebuchante Vampirão. Credo em cruz, Ave Maria!

— Que foi, valente William? Não é você o cara destemido que não recua diante da morte? Ou a coisa é diferente quando é da *sua* morte que a gente está falando? Do preço que você vai pagar por suas horas de prazer com *minhas* mulheres?

Outra vez ele arremessou William, que foi bater na parede, errando por pouco meu televisor.

Daniel deu um passo em direção a ele, e ele ergueu uma mão, num protesto não muito convincente.

— Não, pára, você não precisa fazer isso! — gritou o Vampirão. — Por que tanta raiva? Elas não tinham importância pra você. Elas eram só comida pra você, eu sei. Você também mata! Você já matou muito, muito mais do que eu, eu sei, e não existem vampiros inocentes!

Daniel lhe bateu na cara com as costas da mão, tão forte que eu senti a dor nos meus próprios dentes. Jesus! William caiu no chão, gemendo, e o sangue escorreu de sua boca. Os óculos dele tinham voado longe.

— Você é um idiota, não é? — Daniel o agarrou pela camisa e o levantou, de forma a olhá-lo olho no olho. — Eu não gosto que se metam com o que é meu. Elas eram as *minhas* mulheres. E eu vou ensinar você a não se meter com o que é dos outros — e o jogou novamente pelos ares.

William caiu em cima de uma mesinha de tampo de vidro da qual eu gostava muito, destruindo-a e de lambuja transformando em cacos minha coleção de patos de cerâmica. Ai, Jesus!

Daniel atravessou a sala e agarrou-o de novo. William sangrava por uma infinidade de cortes feitos pelo vidro da mesa. Deu um berro de terror, e Daniel lhe apertou a garganta.

— Shhh, você vai acordar os vizinhos!

William agora só conseguia fazer uns ruídos meio gorgolejantes, insuficientes para acordar qualquer vizinho.

— Como você quer que eu o mate, Clara?

— Sem dor — respondi quase sem pensar.

Daniel me olhou com ar decepcionado.

— Clara, que falta de imaginação!

— Imaginação eu tenho, Daniel, o que eu não tenho é estômago.

— Sem dor não vai ter graça, menina.

— Eu não acho graça na morte, Daniel.

— Pois eu acho, Clarinha, principalmente na deste sujeito.

— Tá, então pelo menos que seja rápido... e eu não quero ver! — de um pulo levantei-me da poltrona e fiz menção de correr para o quarto.

— *Parada aí, mocinha!* — ele usou a Voz de vampiro, e eu parei no ato — O cara tem o desprazimento de te atacar na tua própria casa, eu venho aqui te proteger e te salvar e você não tem educação nem pra me fazer companhia enquanto eu te presto esse favor? — ele abanou a cabeça, como se estivesse desolado. — Clarinha, Clarinha, daqui a pouco vamos ter uma conversa séria, mas primeiro... *fique aí, e assista!*

Não tive como evitar. Impossível desobedecer a uma ordem direta dada com a Voz. Fiquei e assisti. E me horrorizei.

Daniel levantou William do chão, e virou-se num movimento ligeiro, atirando-o sobre minha poltrona favorita e segurando-o contra ela. William esperneava e tentava se soltar da mão de Daniel.

— A Clarinha pediu que fosse rápido. Eu acho uma pena, mas quem sou eu pra contrariar o pedido de uma dama...

Num gesto fácil e impiedoso, Daniel enterrou a mão dentro do corpo de William, logo abaixo do diafragma, moveu-a para cima, para dentro da caixa torácica, e com a mesma facilidade tirou-a, rasgando carne e pulmões, e quebrando costelas e o esterno.

Quando a mão emergiu, vermelha e gotejante de sangue, trazia, seguro entre dedos e ainda batendo, o coração de William.

Os olhos de William se arregalaram de pavor e ele se debateu pela última vez, já incapaz de gritar, enquanto Daniel lhe lançava um olhar selvagem e lentamente passava a língua pelo coração coberto de sangue.

— Você morreu, William — disse ele, casualmente. E colocando o coração à altura dos olhos de William, fechou os dedos com força e o esmigalhou. Não sei se o Vampirão chegou a ver seu coração sendo despedaçado. Nessa hora ele já não esperneava. Acho que já tinha morrido.

Daniel soltou o corpo do homem que havia vindo a minha casa para me sugar a vida, virou-se e me olhou sorrindo.

— Pode haver algo mais delicioso do que uma vingança exemplar? Eu estava completamente paralisada.

Aterrorizada. A facilidade de toda aquela violência, o espetáculo da morte se desenrolando bem na frente de meus olhos, o cadáver estripado no meio de minha sala, minha poltrona favorita coberta de sangue...

Era meio demais pra mim.

Tudo foi ficando preto. Desmaiei.

\*

---

Não sei quanto tempo demorou para que eu voltasse a mim, mas o fato é que, quando voltei, estava num lugar muito confortável.

Eu estava deitada em minha cama.

Com Daniel a meu lado.

Ah, não, não é o que você entendeu: *eu* estava deitada. Ele estava sentado.

Tentei me levantar. Ele me impediu, segurando-me pelos braços. Continuou segurando depois que parei de tentar.

— Daniel... — protestei.

— Tá tudo bem, Clara?

— Me solta!

Ele me soltou. Eu me sentei.

— Calma, Clara, eu só quero saber se você está bem.

— Tô sim. Tô bem — mentira, não estava. Você estaria acordando de um desmaio e se lembrando de repente porque é que tinha desmaiado? Lembrando que tinha acabado de ver um assassinato horripilante na sua sala de estar? Um cadáver em sua poltrona favorita? E encontrando o assassino na cama com você?

Olhei para ele, cheia de desconfiança e receio.

— Por que você voltou? — perguntei ressabiada.

— Agora vai ficar bravinha comigo porque te salvei, é?

— Que falta de educação a minha, não? Obrigada por me salvar — disse eu sem conseguir disfarçar o sarcasmo. — Agora explica. Por que é que você voltou? O que é que você estava pensando fazer, aproveitando que a Lucila não estava por aqui?

— Que conceito terrível você faz de mim, querida menina... — disse ele, fazendo-se de ofendido, e se inclinou em minha direção, apoiando as duas mãos no colchão. Me encolhi de medo. — Por que você não quer ficar a sós comigo? Medo? Do quê? Ou... de quem?

Foi aí que eu caí na asneira de olhar bem nos olhos dele, naqueles olhos escuros como uma noite de lua nova, e me perdi naquela noite, e não consegui achar o caminho de volta.

Eu era dele.

Ele estendeu a mão e acariciou meu rosto. A palma de sua mão era tão macia, e estava tão quente... ele tivera tempo de se alimentar antes de voltar ao apartamento. Às vezes era tão difícil acreditar que ele não era humano!

— Você quer saber por que eu voltei para você? — ele sussurrou.

Não. Eu não queria saber. Quer dizer, uma parte de mim não queria. A outra sim. Aquela mesma que gostava de enfiar o dedo em ventiladores. Contra a vontade da primeira fechei os olhos enquanto ele continuava acariciando minha face. Tão bom, tão bom... Lá bem no fundo de minha consciência o alarme soava, e eu ouvia *cuidado com os truques dele! cuidado com os truques dele! cuid...*

De repente senti seus lábios macios sobre os meus, beijos cuidadosos e suaves, apenas um roçar de lábios, coisa boa, tão boa, e eu me senti segura, medo pra quê se era tão bom? Num instante

seus beijos ficaram mais ousados, e eu correspon-di, e sua língua passou por meus lábios, e no instante seguinte eram as línguas que se tocavam, e o beijo ficou profundo e muito molhado. Ele me puxou para si, e me apertou contra seu peito, e meus braços também o enlaçaram e se apertaram a seu redor.

Uma parte de mim continuava insistindo que aquilo não estava certo, que eu estava correndo perigo, mas ela foi voto vencido diante do motim organizado por meus desejos, apoiado por meus hormônios, e certamente insuflado por aquele misterioso poder vampírico que Daniel tinha sobre mim.

Toda a atração que eu havia sentido por Daniel desde o primeiro momento em que o vi veio à luz. A atração física que eu não podia negar, o tesão que a gente sente por alguém que nos parece muito atraente, e que independe de sentimentos como amor, carinho, afeto, confiança.

Então nos beijamos com ferocidade, como se um fosse virar o outro do avesso apenas à custa de línguas e bocas. Os beijos de Daniel eram excitantes, e era excitante beijá-lo. Ele sabia o que fazer, e sabia como fazer e... fazia!

Ele foi se reclinando aos poucos — em minha cama! — mudando de posição e puxando-me junto, até que acabei estendida por cima dele, e em nenhum momento nossos lábios se separaram. Meu corpo estava colado ao dele em toda sua extensão e, bom, eu conseguia perceber todo seu desejo através de, vamos dizer, algo muito semelhante ao método braile, só que executado por outras partes de minha anatomia. Ele expressava seu... hum... interesse exatamente da mesma forma que qualquer outro homem, e eu podia perceber que naquele momento o interesse dele era, de fato, *bem* grande. E firme, bem firme.

Subitamente sua boca abandonou a minha e seus lábios e sua língua deslizaram por meu pescoço. Com a mão ele fez com que minha blusa deslizasse junto com a alça do sutiã, expondo-me um dos ombros. Ele acariciou com a ponta dos dedos a pele nua do ombro.

Um arrepio me percorreu inteira, e meu corpo se arqueou sem que eu pensasse em fazê-lo, indo com mais força de encontro ao

corpo dele. Inspirei fundo enquanto ele roçava de leve seus lábios por meu pescoço, formando uma trilha de beijos que ia da base da garganta até o ombro nu, e percorria o caminho de volta apenas para repetir tudo de novo, e repetir, e repetir. Até que de repente em vez de seu beijo o que senti na base da garganta foi uma pressão, leve, de seus dentes.

— Você quer, Clara? — sussurrou ele.

Deus meu! Agora sim ele ia me morder, e eu ia descobrir como era ser mordida quando a gente está completamente disposta a isso.

— Quero... — murmurei, incapaz de resistir a meus desejos mais secretos. Vitória total da Clara que quer enfiar o dedo em ventiladores.

Quase num movimento único, sensual, sinuoso e cheio de prática, ele moveu nossos corpos de forma que no fim me vi por baixo dele. Passando uma mão por baixo de minha cabeça, de repente ele a puxou para trás, pelos cabelos, expondo totalmente minha garganta e me fazendo arquejar de susto. Eu estava respirando pesado, em total expectativa, quando ele começou a morder de leve a pele delicada e esticada, no ponto exato que ficava sobre os grandes vasos sanguíneos da base do pescoço.

E então ele me mordeu, uma dor breve e brilhante que foi como a porta de entrada para aquele mundo novo, complexo e arrebatador, aquela mesma amálgama inacreditável de emoções que era eu, e que eu havia descoberto havia tão pouco tempo, mas da qual eu já era tão completamente dependente, pela qual eu já ansiava com uma intensidade que eu não conseguia sequer imaginar, e que me fazia esquecer de qualquer prudência, qualquer cuidado, qualquer receio. Eu estava me entregando da forma mais completa e irresponsável possível.

De novo fui inundada por todas as emoções e sensações que senti quando Lucila me mordeu, e quando William me mostrou o universo que existia, adormecido e insuspeito, dentro de mim. De novo aquela onda gigantesca de prazer, de prazeres entremeados, de prazeres desejados.

E quando finalmente Daniel bebeu de meu sangue, a coisa mais extraordinária aconteceu. Porque eu continuava sentindo, dentro de

mim, todo aquele vasto oceano de maravilhosas sensações entrelaçadas, mas no momento em que ele se alimentou de mim, junto com meu sangue ele carregou esse mesmo oceano para dentro de si, e eu senti quando ele foi invadido pela onda de prazer, e senti quando essa onda refluiu, como se fosse um eco, novamente para mim, e se sobrepôs ao que eu já sentia, e novamente fluiu em direção a ele, e de novo para mim, e assim por diante, e o prazer se multiplicou ao infinito, como se ele e eu fôssemos dois espelhos de frente um para o outro, transformando um objeto único em cópias incontáveis e infinitas.

Era inacreditável.

Então era *isso* que era ser mordida por vontade própria

Eu não queria que terminasse, nunca.

E pelo visto Daniel também não. Ele bebia com sofreguidão, gole após gole de meu sangue, prolongando aquele prazer glorioso, aquele orgasmo interminável que não era um orgasmo, mas algo muito melhor, e indescritível, estendendo-o, não deixando que terminasse.

Mas subitamente o oceano de sensações começou a retroceder. A intensidade do prazer foi diminuindo, e eu sentia tudo escorrendo de mim. Escorrendo... em direção a Daniel. As ondas de prazer já não voltavam para mim. Daniel continuava tomando meu sangue, mas eu já não sentia o que ansiava sentir.

Algo acontecia.

Aos poucos emergi daquela massa de emoções, e mais e mais senti que me afastava dela. Eu já não conseguia sentir nada com clareza, e aos poucos um estranho torpor foi tomando conta de mim, de meu corpo, e avançando por minha mente.

Nesse instante entendi. Daniel estava drenando minha vida. Já não estávamos juntos em nossa viagem alucinante. Ele ia continuar sozinho. Eu ia ficar pelo meio do caminho, vítima de um acidente de percurso. Ele ia se alimentar de mim até a última gota.

Com esforço esbocei uma reação. Tentei empurrá-lo para longe de mim, puxar sua cabeça para longe de meu pescoço. Teria tido mais sucesso tentando mover o obelisco do Ibirapuera. O vampiro continuava atracado nas minhas veias e artérias.

— Daniel! — tentei gritar, mas só um gemido saiu. Em resposta, ele me apertou com mais força, e afundou ainda mais a cara em meu pescoço.

Ele estava se preparando para a investida final.

Ele ia sugar minha energia e minha vida até o fim.

Eu tinha poucos segundos de vida.

Minha vista começava a ficar escura. Eu quase não conseguia me mexer.

E de repente me lembrei.

Com um esforço que me pareceu gigantesco enfiei uma das mãos entre nossos corpos, e tateando meu peito desesperadamente encontrei, com a ponta dos dedos, a correntinha dourada. Reunindo as últimas forças, puxei para fora da blusa a cruz folheada a ouro.

No mesmo instante, Daniel jogou a cabeça para trás como se ela tivesse sido puxada por uma mão invisível e poderosa, e soltou um urro de gelar o sangue. Com certeza desta vez os vizinhos acordaram!

Ele se afastou de mim com tanta rapidez que nem vi seu movimento. Quando percebi, ele já estava do outro lado do quarto, de pé junto à porta, arquejante e com olhos alucinados.

— *Tira essa cruz do pescoço, Clara* — ordenou ele, com sua Voz de vampiro, os olhos faiscando, talvez de desejo, talvez de ira.

Obedecendo ao comando, cheguei a esboçar um puxão na corrente, mas não consegui arrebatá-la.

— *Se livra dessa cruz, Clara!* — insistiu ele.

Eu não conseguia. Eu não queria, mas não dava para resistir à ordem. Respirei fundo. Enquanto com uma das mãos eu continuava puxando a corrente, rolei o corpo para ficar de lado e enfiei a mão livre por baixo de meus travesseiros. Cadê, merda?

— *Clara, se livra da cruz!* — Daniel começava a soar impaciente.

Finalmente! Meus dedos se fecharam ao redor do que eu buscava. Tirei o objeto de debaixo dos travesseiros ao mesmo tempo em que a corrente se partia e eu, obedecendo à ordem irrecusável de Daniel, jogava-a longe, do outro lado da cama.

Daniel chegou a dar um passo em minha direção, mas estacou, alarmado, ao ver a garrafinha azul que eu segurava.

— Clara, que é isso?

Aproveitei, sem perda de tempo, seu breve momento de hesitação. Tirei a tampa da garrafa e despejei parte de seu conteúdo em cima de mim mesma. Pescoço, ombros, peito. Deixei-me cair deitada de novo, dando um suspiro de alívio.

— Posso até ter obedecido e arrancado fora a cruz, Daniel, mas a água benta não tem como tirar — disse eu, numa voz cansada. Eu me sentia exausta, sem forças. Jesus, como eu queria poder fechar os olhos e dormir!

— Maldita...

— Clara! — como num sonho, ouvi a voz de Lucila chamando na sala.

Nunca senti um alívio tão grande.

— Socorro, Lucila! Me ajuda! — tentei gritar, mas minha voz saiu fraca e tremida.

Suficiente, porém, para que ela ouvisse.

Ela apareceu na porta do quarto e ao primeiro olhar entendeu o que acontecia. Não era difícil adivinhar, eu estava toda lambrecada com aquela mistura de água benta e do sangue que continuava minando de meu pescoço.

— Clara!

— Ele ia me secar, Lucila. Ele ia tomar meu sangue até me matar.

Ela entrou, puxou Daniel pela camiseta e o atirou para fora do quarto. Magricela mas forte, minha amiga!

— Fica longe dela, Daniel! — disse ela, dentes à vista. Depois de lançar uma olhada rápida em minha direção, e assegurar-se de que eu estava bem, saiu atrás dele.

Eu os escutava no corredor.

— Não me enfrenta, Lucila, você não ganha de mim numa briga.

— Isso a gente vai ver. Eu não vou deixar que você a mate.

— Lucila, você sempre teve o coração mole com esses mortais. Eu sempre te disse que essa ia ser sua perdição...

Pela barulheira que se seguiu os dois devem ser se pegado no tapa.

Fiz um esforço tremendo pra me levantar e consegui, embora o mundo todo começasse a girar ao meu redor.

Ouvi um barulho vindo da sala que só podia ser de meu televisor se despedaçando no chão.

Merda.

Apoiando-me na cama, abri a gaveta do criado mudo e tirei de lá de dentro outras de minhas aquisições de hoje de manhã, um bonito terço de contas imitando pérolas e um forte e rijo pedaço de cabo de vassoura, com uma bela ponta afiada. O marceneiro que fez essa estaca para mim não tinha entendido bem pra que é que eu ia querer aquilo.

Mas eu sabia pra quê. Para matar vampiros, claro. Quer dizer, pelo menos nos livros e filmes funcionava. Eu esperava que funcionasse na vida real também.

O quarto continuava dançando à minha volta, mas com passos incertos consegui chegar à porta. Apoiando-me nas paredes cheguei até o final do corredor, e arrisquei uma olhada à sala.

Era um campo de batalha. A sangueira e o corpo do falecido William continuavam lá, mas agora os destroços eram muito mais numerosos. E minha teoria sobre o televisor estava correta. Merda.

Daniel acabava de dar um murro nada cavalheiresco na cara de Lucila, que a mandou de encontro à parede. Sem perder tempo, ele se atirou na direção dela e a agarrou pelo pescoço. Mas ele se aproximou mais do que devia e, mesmo zozna, ela ergueu uma perna e lhe aplicou uma puta duma joelhada... lá. Parece que isso dá certo até com vampiros. Daniel se dobrou em dois e ela não perdeu tempo para descer-lhe uma cotovelada na nuca enquanto ele estava desequilibrado. Ele desabou no chão, mas aproveitou para agarrá-la por um do pés e derrubá-la também.

Ele estava caído de bruços, indefeso, e me ocorreu que eu poderia encharcá-lo com água benta ou enfiar-lhe a estaca no meio das costas, mas em meu estado de anemia súbita, nem meu cérebro nem minha musculatura colaboraram. Eu sequer tinha me mexido e ele já tinha rolado para longe de Lucila e se levantado.

— Lucila, eu não quero te matar. Ela não vale isso...

— Vale sim. E eu tenho uma dívida, que vou pagar... — disse Lucila, também já de pé. Ela passou a mão em um abajur de pé do

qual eu gostava muito e, livrando-se da cúpula num gesto rápido, desferiu com ele um golpe em direção a Daniel.

O vampiro aparou a paulada com um braço, enquanto com o outro tentava agarrar Lucila pelo pescoço de novo, só que desta vez mantendo uma distância cautelosa. A pequenina e ágil Lucila largou o abajur e se abaixou, e a mão de Daniel agarrou apenas o ar acima da cabeça dela, enquanto ela arremetia contra ele usando o impulso e o peso do corpo para aumentar a força da cotovelada que lhe aplicou no estômago. O golpe fez com que ele perdesse equilíbrio e desse um passo para trás, mas o pé dele enrascou no tapete e ele caiu. Em cima do finado William, e de minha já tão maltratada poltrona, que não resistiu, e arriou as pernas, e despencou com tudo no chão, com estardalhaço. O vizinho do andar de baixo certamente não havia gostado daquilo!

Lucila pegou, rápida, um dos pés quebrados da poltrona e com um golpe decidido tentou enfiá-lo no peito de Daniel — rá, pensei, estacas funcionam. Mas Daniel afastou com uma mão a mão dela e com a outra esmurrou-lhe a cara e a mandou cambaleando para trás. A estaca improvisada caiu a seus pés.

— Lucila, isto está passando das medidas — rosnou ele.

— Já passou faz tempo, Daniel. *Você* veio pedir nossa ajuda, e desde o início soube que a Clara era minha, mas nada disso contou, não é? O tempo todo você estava decidido a bebê-la, não é? Aproveitá-la até a última gota e de quebra se impor e me provar que é mais forte do que eu.

— E sou, Lucila. Sempre fui mais forte que você.

— O que não é garantia alguma de que você possa me vencer. A força bruta não é tudo, Daniel.

— Você tem que acreditar nisso, não é, pequena Lucila? A alguma esperança você tem de se agarrar.

Enquanto falavam ele havia se movido lentamente, aproximando-se de Lucila, que não recuou.

Admirei a coragem dela. Se fosse eu, teria saído voando pela janela. Ela não saiu. Ela não me abandonaria. Eu era... dela. Ela estava se arriscando a morrer por mim.

Antes que ele se aproximasse demais, ela girou sobre si mesma com rapidez, ergueu a perna e, aproveitando a força proporcionada pelo impulso do giro, aplicou um chute tremendo na cabeça de Daniel, que caiu para o lado. Uau, eu já tinha visto isso na televisão!

Apoiando-se no chão para evitar a queda, a mão de Daniel encontrou o pé quebrado da poltrona. De sua posição meio agachada, Daniel saltou como uma mola em direção a Lucila, tentando atingi-la com a estaca que segurava como se fosse um punhal. Outra vez a vampira pequenina girou o corpo com agilidade, saindo da mira de Daniel, e ao mesmo tempo ganhando impulso para atingi-lo na nuca com um golpe fortíssimo dado pela lateral do pé. A força do golpe, somada ao impulso do próprio vampiro, lançou-o de encontro à minha cristaleira, e o resultado foi uma catástrofe. Não vou descrever. Não gosto nem de pensar naquilo. Só vou dizer três palavras: coleção, patinhos, cristal. Deu pra entender?

Daniel ficou caído, imóvel, meio soterrado por uma pilha de pedaços de madeira e cacos de vidro... e de cristal.

Lucila se aproximou dele, acho que com a intenção de tirar-lhe a estaca da mão e usá-la nele próprio. Mas ela deve ter cometido um erro de cálculo. Ou o golpe na nuca dele não tinha sido tão forte assim ou a cabeça de Daniel era mais dura do que ela imaginava. Assim que ela chegou a seu alcance, ele ergueu um pouco o corpo e, mesmo sem se virar, estendeu com violência o braço.

E enterrou profundamente a estaca no corpo de Lucila.

Lucila parou, espantada com aquele pedaço de madeira espetado nela. A posição de Daniel não tinha permitido que sua pontaria fosse perfeita, e ele tinha enfiado a estaca pouco abaixo do esterno. Para matar um vampiro é necessário que a estaca de madeira lhe trespasse o coração, é o que a gente lê nos livros e é como funciona na realidade. Daniel tinha errado o golpe. Ele não havia matado Lucila.

Mas aquilo devia doer pra caralho. E era um espetáculo impressionante, aquele espeto fincado em minha amiga, e sua cara de absoluto espanto, e o sangue começando a encharcar sua roupa, e escorrendo abundante, e gotejando no meu tapete.

Aproveitando a momentânea falta de ação de Lucila, Daniel agarrou-a e a derrubou de costas no chão. Com uma mão na garganta dela e um joelho na barriga, ele impediu que ela se levantasse. Um puxão violento, e ele removeu do corpo dela a estaca. Ui!

— Eu não queria isso, mas já que você insiste... Vou sentir sua falta, querida — disse, enquanto se preparava para enfiar a estaca de novo, desta vez no lugar certo. — A Clara também... mas não por muito tempo — e ele deu sua risada sedutora, maravilhosa e, naquela circunstância, quase obscena.

Mas a Clara aqui não ia deixar aquele vampiro malvado matar a vampira que estava tentando salvá-la, assim sem mais nem menos. Na-na-ni-nanão, nada disso! Embora ainda grogue com a perda de sangue, eu havia começado uma aproximação lenta e vacilante na hora em que ele derrubou Lucila. Ele estava tão entretido na batalha que não percebeu.

Daniel estava de costas para mim, e eu o via erguendo o braço, e preparando-se para abaixá-lo, e com esse gesto atravessar com a estaca o coração de Lucila.

Mas eu já estava a um passo dele.

E antes que ele enfiasse o pé da poltrona no coração da vampira, eu é que cravei nele meu mortífero pedaço de cabo de vassoura.

Bem no meio das costas.

Bem onde o coração *não* estava.

Eu tinha errado.

Merda.

Mas também, que que eu podia fazer? Era a primeira vez que eu estaqueava um vampiro, ia querer que saísse perfeito? Falta de prática, cacete!

Daniel se levantou e virou, dando um urro de arrepiar, com os olhos esbugalhados e os braços estendidos em minha direção, bem coisa de vampiro canastrão de filme B.

Que que eu faço agora, ca-ra-lho???

Torcendo para não acertar em Lucila, lancei no rosto do vampiro o que restava de água benta na minha garrafinha.

Meu, aí sim que ele berrou de verdade. E começou a fumar. Acho que a água benta devia estar dissolvendo ele, como um ácido na pele de gente... gente normal, quero dizer. A cara dele estava ficando toda vermelha, e se enchendo de bolhas, e as bolhas começaram a estourar, e ele estava ficando todo desfigurado. Medonho.

— Sua filha da puta, eu te mato — rugiu ele, ainda avançando em minha direção, os dentes à mostra. Uma cena de pesadelo. De meus pesadelos mais horríveis.

Então ergui o terço à minha frente.

— Vade retro, Satanás! — não resisti à chance tão adequada de dizer aquilo.

Renovando seus urros, ele recuou.

— Clara, esconde essa coisa, rápido! — era Lucila que havia se levantado. Ela segurava o pé de poltrona que Daniel havia largado na hora em que o encharquei com água benta.

Não pensei duas vezes e escondi a mão com o terço atrás das costas.

Lucila enfiou a estaca no peito do fumegante Daniel, e desta vez não houve erro. Direto no coração. Daniel arregalou os olhos e desabou no chão que nem um saco vazio.

Morto.

Definitivamente.

## XIII

Olhei ao redor. A sala parecia um matadouro.

Meus joelhos cederam, e lentamente se dobraram, e terminei ajoelhada no meio do sangue e dos destroços.

— Clara... — Lucila estava parada, meio curvada para a frente, a mão apertando o corpo no lugar onde Daniel a havia estaqueado. Sangue tingia de vermelho seus dedos e sua roupa, e escorria abundante — Clara, eu não podia imaginar... Me desculpa.

Eu sentia o sofrimento em sua voz. Ela não sofria pela dor da ferida, mas por mim. E ela pensava que eu a culpava por tudo aquilo. Ela estava certa.

— Lucila, ele quase conseguiu. E minha casa tá destruída... Sangue por todo lado... Eles estão mortos... na minha sala — as lágrimas estavam enchendo meus olhos. Fechei-os e elas transbordaram. Meu corpo oscilou para a frente e para trás. Eu podia sentir a sala rodando à minha volta, e me sentei no chão, apoiando-me no sofá sujo de sangue para não cair.

— Clara... Eu não posso te ajudar, eu queria tirar você daqui, mas com essa água benta...

Eu estava tão cansada, tão cansada... Recostei a cabeça no braço dobrado e apoiado sobre o assento do sofá, e acho que desmaiei pela segunda vez naquela noite.

Quando acordei não reconheci de imediato onde estava. Demorou até que eu percebesse que estava deitada na cama de Estevão. Que diabos...

Tentei me levantar, o mundo rodou e desisti.

— Clara...

— Estevão... como é que eu vim parar aqui? — outra vez tentei me levantar.

— Fica deitada, você tá fraca. — Estevão me segurou e me forçou, com suavidade, a deitar de novo. — Fica aí quietinha, você precisa

comer algo, vou trazer.

Ele voltou daí a pouco com um café com leite e um queijo quente, me ajudou a sentar, toda escorada por travesseiros, e ficou me olhando comer.

— Como é que eu vim parar aqui, Estevão? — voltei a perguntar, com a boca cheia.

— A Lucila me pediu pra ir te pegar.

Atônita, parei de mastigar e fiquei olhando para ele, esquecida de engolir. Caramba. Ele tinha visto tudo aquilo que estava na minha sala?

— Estevão... você entrou no meu apartamento?

— Entrei, sim. Bom, a Lucila quase teve de arrancar a porta do batente, porque estava trancada, e ela não conseguia encontrar a chave, mas...

Quase engasguei ao engolir o que tinha na boca. Raios, como é que ele dizia aquilo de forma tão natural? Pousei a caneca e o prato com os restos do sanduíche na mesa de cabeceira. De repente tinha perdido a fome.

— Estevão, a Lucila...

Ele colocou a mão em meu rosto e me fez um carinho, como um adulto que consola uma criança.

— Clara, tá tudo bem. Eu sei de tudo.

— Tudo... — repeti, sem saber bem o que *tudo* significava.

— Tudo. O que Lucila é, o que Daniel era, os assassinatos, o que aconteceu com você...

— Tudo... — repeti mais uma vez, passada, ainda sem registrar direito.

De repente caiu a ficha, me lembrei de coisas que ele tinha dito dias atrás — anteontem? — e comecei a ficar um pouquinho brava.

— Desde quando você sabe tudo? — perguntei, com uma desconfiança que já era quase certeza.

— A Lucila me contou quando cheguei no apartamento pra te ajudar e te trazer pra cá.

— Acho que a coisa não é bem assim, Estevão. Você tá calminho demais pra quem acaba de descobrir que vampiros existem e que

estavam brincando de McDonald's com o pescoço da... de sua... ex-namorada. O que é que você está escondendo de mim?

Ele me olhou com aqueles olhos claros, azuis como o céu de uma manhã de primavera, e não disse nada. Eu olhei bem nos olhos dele e também não disse nada. Ele acabou desviando o olhar.

Ambos os silêncios prolongaram-se. O meu era uma pergunta que esperava, inflexível, uma resposta. O dele era uma admissão de culpa.

Quando Estevão finalmente falou, parecia estar fazendo uma confissão, de algum crime vergonhoso.

— Eu conheço a Lucila desde 1982 — disse com um suspiro, em voz baixa. — Eu sempre soube o que ela era. Que era uma vampira. E do que era... é... capaz.

Meu queixo caiu. Quando meu cérebro começou a compreender todas as implicações que aquela revelação trazia, eu fui ficando bem mais do que um pouquinho brava. Emputecida seria uma palavra menos educada, mas muito mais exata.

Eu tinha conhecido Estevão alguns dias depois de conhecer Lucila. Levando em conta o que ele acabava de me contar, nosso primeiro encontro com certeza não tinha sido obra do acaso. Comecei a ver sentido na insistência dele em passar as noites comigo, em minha casa, na casa dele. Sua implicância constante com Lucila. As coisas que havia dito no restaurante, enquanto fingia comer a salada de rúcula. Aquele ar protetor dos últimos dias. A discussão com Lucila, que eu, corretamente, intuía ser a continuação de algum papo inacabado. Um papo de antes. Quanto tempo antes, me perguntava agora, ou talvez... quantos anos antes?

Estevão, sempre interferindo em minha amizade com Lucila. Agora aquele comportamento fazia algum sentido, embora abrisse possibilidades incômodas. Estaria ele o tempo todo tentando me proteger dos dentes da vampira ou... com ciúmes do que poderia acontecer entre nós duas?

— Você se aproximou de mim por causa dela — uma afirmação. Tanta era a certeza que nem a entonação de pergunta merecia.

Ele fez que sim e não disse nada.

Tinha algo que eu *precisava* saber. Respirei fundo para encontrar coragem.

— Estevão... algum dia você gostou de mim? Ou estava comigo por causa dela?

Ele não hesitou. Ponto pra ele.

— Gostei, Clara — disse, sem me olhar. — Gostei sim. Tá, eu me aproximei por causa dela, mas você... eu me apaixonei por você, Clara, eu estava muito apaixonado. E ainda gosto de você. De outro jeito, mas ainda gosto.

A música dos Smiths me passou de novo pela cabeça. *Oh, I still love you, only slightly less than I used to.* No fundo, parece que tudo sempre é igual pra todos, não é?

— Por que, Estevão?

— Por que, o quê, Clara?

— Por que tudo isso? Por que se aproximar... — qual seria a forma mais adequada para colocar aquilo? —... de nós?

Ele demorou um pouco para responder.

Finalmente ele levantou os olhos e me olhou de frente.

— Bom... não sei. Curiosidade, acho. Eu queria estar perto dela. E acabei me interessando por você.

— Vocês... estão juntos desde que se conheceram?

— Não — uma negativa simples. Sem explicação.

Ele não queria falar sobre o assunto. Bela bosta. Eu queria saber.

— Em contato, pelo menos?

— Não.

— Mas foi a primeira vez em todo esse tempo que vocês se aproximaram?

— Clara...

— Hã, diz.

— Pra usar uma frase sua... você já parou para pensar que isso pode não ser da tua conta?

— Tá, tudo bem, meu ex-namorado teve no passado um caso com uma de minhas melhores amigas, se esquece de me contar esse detalhe e quando eu finalmente descubro, não é de minha conta. Ok, perfeito.

— Tá legal, Clara, eu não queria admitir mas já que você insiste... Eu não *posso* te contar, ok? Você acha que só você é manipulada pela Lucila? Mesmo que eu quisesse, eu não poderia falar, porque a Lucila usou comigo um daqueles truquezinhos de vampiro que tenho certeza que você conhece muito bem. Ela riu quando fez isso comigo, e disse que se você quisesse saber algo sobre nós, quer dizer, ela e eu, você teria de perguntar a ela. Mas eu não te contaria de qualquer forma, Clara. É uma coisa que ainda dói.

Doía. Dava pra ver mesmo na expressão dele.

E era mais um dos jogos de Lucila. Provavelmente da variedade *deixa te morder e eu conto*. Droga. De uns dias pra cá, eu sentia aumentarem as chances de obter as respostas nesse tipo de situação, e isso não necessariamente significava boa coisa. Se é que você me entende.

Talvez fosse melhor engolir essa curiosidade. Além disso, no momento eu não sentia qualquer vontade de voltar a ver Lucila.

Observei Estevão por alguns instantes, perdido nalgum mundo só dele.

— Você ainda gosta dela, Estevão?

— Acho que sim.

— E ela, ainda gosta de você?

Ele baixou a cabeça, os olhos, e deu uma risadinha, mais para si próprio que para mim. Algo lhe havia passado pela mente, algum pensamento que o agradou.

— Acho que sim — repetiu.

Senti uma pontada aguda de ciúmes. Meu ex-namorado e minha amiga... ex-amiga? A pontada foi dupla. Merda. Pensamentos assassinos me passaram pela cabeça. Pensamentos assassinos que não tinha desde que finalmente me recuperei do fato de meu ex-marido ter me deixado para ficar com uma fulana que entrou numa nota preta depois da separação *dela*.

Abri a boca para falar algo bem ácido e que o magoasse bastante, mas nada me ocorreu. Deixei-me ficar, amparada pelos travesseiros, olhos fechados como se isso fosse suficiente para que tudo o que estava acontecendo deixasse de ser verdade. Deus, eu me sentia tão fraca, tão sozinha. Tão traída.

— Desculpa, Clara. Eu queria te contar, mas não sabia como. Eu sabia que você ia ficar muito brava comigo...

Sorri a despeito de mim. Ele me conhecia bem. Estevão. Querido Estevão. Meu porto seguro. Estevão e Lucila... merda!

Ele pegou minha mão na dele e apertou-a.

— Clara, eu preciso dar uma saidinha. Se te deixar sozinha você fica bem?

Senti uma pontada de pânico. Eu não queria ficar sozinha. Meus fantasmas viriam me assombrar.

— Não, não fico. Onde você vai?

— Clara, eu volto logo, preciso ajudar a Lucila.

— A Lucila! — exclamei, lembrando-me do estado em que ela se encontrava da última vez em que a vi. — Estevão, como ela está? O Daniel tinha atravessado ela com uma estaca...

— Não se preocupa. Vampiros se recuperam rápido de seus ferimentos. Ela está bem. Ela está no seu apartamento. É para lá que estou indo, para ajudá-la a apagar qualquer vestígio do que aconteceu.

Meu apartamento. O matadouro. Um campo de destroços. A dor de lembrar o que havia acontecido era insuportável. Eu tinha de fugir, pensar em outra coisa.

— Cadê o Francisco?

— Na casa da minha irmã, ele adorou a idéia de ficar com os primos. Clara, eu volto logo, por favor. Você vai ficar bem?

Ele ainda insistiu muito até que eu concordasse. Tudo bem. Em vez de bancar a criança assustada eu deveria era agradecer a Estevão por se encarregar de uma tarefa tão macabra. De qualquer forma, mais cedo ou mais tarde eu ia ter de ficar sozinha comigo mesma. E em algum momento teria de voltar ao meu apartamento. Melhor que eles apagassem as marcas visíveis de todo o horror. As invisíveis já eram suficientes para me atormentar de um jeito insuportável.

Não sei a que horas ele voltou. Eu estava dormindo. Dormi a maior parte do tempo nos dois dias seguintes. Dois dias em que só dormi, comi e me recusei a atender aos telefonemas de Lucila.

Voltei a meu apartamento três dias depois. A sala estava quase vazia, Lucila e Estevão haviam dado um sumiço em cadáveres, móveis quebrados e manchas de sangue. Meu sofá sujo de sangue não estava lá. Nem minha poltrona

favorita. Nem os cacos de meus patinhos de cristal e de cerâmica. Ou os restos mortais de meu televisor. Sinal nenhum da carnificina, a não ser a ausência dos móveis e objetos que haviam sido tão familiares e cotidianos. Meu coração estava apertado, e minha memória me fez reviver os horrores que havia testemunhado.

Estevão, que havia sido meu namorado, tinha se transformado num estranho para mim. Lucila, minha amiga Lucila, havia me jogado no pior pesadelo de toda minha vida. Minha mãe, que sempre havia sido o refúgio último e garantido, estava em algum lugar perdido no sertão do Piauí. E nem com minha força interior eu podia contar, pois havia descoberto que um monstro morava dentro de mim, e que eu tinha vergonha do que eu podia querer, do que podia desejar, do que podia fazer. E que eu tinha medo de mim mesma.

Merda.

Eu nunca havia me sentido tão sozinha como agora.

Por uma dessas estranhas associações de idéias que a gente costuma fazer, pensei nas vítimas desconhecidas dessa tragédia violenta. Aquelas que, em meus pensamentos, eu havia começado a chamar de "as viúvas do Daniel". As mulheres que conseguiam, através do vampiro de programa, um pouco de emoção, talvez a única emoção de suas vidas vazias. Estariam sofrendo? Estariam se sentindo tão sós e traídas quanto eu, abandonadas por alguém de quem precisavam? Por quanto tempo o chorariam? Por quanto tempo procurariam, ávidas, anúncios de jornais informando que ele havia voltado? Por quanto tempo esperariam por um telefonema, uma visita inesperada, uma notícia que nunca viria?

Eu ainda estava parada no meio da sala, na única companhia de meus sombrios devaneios, quando o interfone tocou. Um caminhão com uma entrega para Maria Clara Baumgarten. A última entrega inesperada que eu recebera havia sido um buquê de flores trazidas por um *serial killer*, que tentou me matar e acabou morto e

destripado na minha sala. Seria muita coincidência que acontecesse de novo. Mandei subir.

Era arte da Lucila. Tapetes, uma cristaleira, mesinhas, um sofá novo, um abajur de pé, uma televisão de tela plana, 34 polegadas e estéreo, um aparelho de som — o meu também tinha caído vítima da batalha — e até um encantador relógio de cuco!

Enquanto os caras traziam aquela tralha toda, o interfone tocou uma vez mais. Outra entrega. Vamos lá, manda vir e entrar na festa. Um pacote grande e bem embrulhado com um papel colorido, que ataquei nem bem o entregador virou as costas e se foi.

Patos. Dúzias deles, de louça, de cerâmica, de resina, de cristal.

E eu nem tinha terminado de desembulhar todos quando pela terceira vez o porteiro interfonou. Outra entrega mais!

Dessa vez Lucila havia conseguido se superar. Era um único item: uma poltrona. Idêntica à minha poltrona favorita, exceto na cor. A outra havia sido verde-musgo antes de ser encharcada por sangue. Esta era preta. Me passou pela cabeça, *no preto o sangue quase não aparece*.

Junto com o presente, um cartão que dizia "Me liga quando não estiver mais tão brava". Joguei fora o cartão, e não liguei.

## XIV

Não voltei a ver Lucila depois daquela noite terrível. Meu ressentimento contra ela é imenso, e não sei se posso perdoá-la por tudo que ela me fez passar.

Falei com ela ao telefone uma única vez, quando por distração atendi antes da secretária eletrônica. Ela perguntou se eu estava bem, se tinha gostado dos móveis novos, e acho que se entediou com os longos silêncios que se seguiam a cada *sim* lacônico. Por fim disse te cuida, deu tchau e desligou.

O Estevão eu vi mais uma ou duas vezes depois que voltei para casa, mas sempre que eu olhava naqueles olhos azuis de anjinho barroco eu me lembrava como fui uma tonta ingênua, e me sentia desconfortável. Chegou a hora em que comecei a dar desculpas pra gente não se encontrar, e ele percebeu, e teve a elegância de não insistir mais. Não se pode negar, o Estevão é um cavalheiro, um dos poucos que sobram por aí. As vezes ainda acordo no meio da noite e penso, com uma ponta de tristeza, por que não deu certo? Talvez porque ele foi um filho da puta mentiroso e fingido. Ou talvez porque eu fosse exigente, seletiva, difícil de contentar e uma chata insuportável. Sei lá.

Desse imbróglio todo, o final mais melancólico foi o do incrível trabalho com ninhos artificiais, ovos de codorna e corujas de brinquedo. A professora e seus acólitos aprovaram a segunda das três versões que fiz para a discussão, o pagamento caiu na minha conta como combinado e eles mandaram o artigo para uma revista científica estrangeira, acho que da Inglaterra. Não deu três semanas e chegou uma resposta educada, dizendo que o texto estava muito bem escrito — modéstia à parte, isso pra mim não era novidade — e que os experimentos haviam sido muito bem conduzidos, *mas...* E aí algum figurão muito conceituado no ramo descia a lenha em todo o embasamento teórico por trás da pesquisa, e terminava concluindo que tudo não passava de uma grande perda de tempo. Quem me contou essas coisas foi um dos outros nove autores. A gente trocou umas mensagens, acabamos ficando amigos e um dia ele confessou

que tinha participado do trabalho só pela farra, porque achava tudo uma grande piada.

Não estou mais no meu apartamento. Ele ficou bem legal com as coisas que a Lucila me mandou. Sinceramente, elas são bem mais *fashion* do que as que eu tinha antes. Ela deve ter deixado uma bela grana na loja. Mas a mobília nova não foi suficiente para apagar as lembranças.

Na verdade, nem estou mais no Brasil. Estou há duas semanas na Alemanha, em Nuremberg, na casa de meu meio-irmão por parte de pai, assistindo à chegada da primavera. Nos parques, as árvores estão cheias de folhas novas e os gramados parecem enormes canteiros, cobertos com margaridinhas brancas. Aos domingos as pessoas saem para passear com roupas coloridas, encantadas com a volta do sol. Ainda faz um puta dum frio, e o sol é pura tapeação, mas mesmo assim está todo mundo feliz.

Menos, claro, eu.

O mal da memória é que as lembranças ruins te acompanham aonde quer que você vá. Não tem um jeito de desligá-las, ou de mudar de canal, ou de deixá-las esquecidas na gaveta de algum hotel. Estou sempre cercada pelas cenas de pesadelo que vi, que vivi em minha própria casa. E as coisas terríveis que descobri sobre mim vão me assombrar por muito tempo ainda. Em especial meu desejo de morte, o fato inegável de que estive disposta a arquitetar a morte de alguém sem outro motivo além do medo que senti de mim mesma e de minhas fraquezas. Não é o tipo de coisa de que você se esqueça, mesmo estando do outro lado do Atlântico.

E como se não bastasse, tenho de conviver todos os dias com o medo do que o futuro pode trazer. Tudo o que o Vampirão disse naquela mesa de restaurante era a verdade, e sei disso. Sei que é assim que a coisa vai ser, não vou me livrar dos vampiros, e de meu fascínio por eles, e das propostas tentadoras que me farão. Em meu íntimo tenho muito claro que, se — ou quando — tiver de tomar a terrível decisão, correrei o risco de me deixar arrastar para um mundo negro e sem volta. Morrer em meio a um universo de prazeres irresistíveis e fatais. E quem sabe retornar numa condição vampírica...

São visões que não me abandonam um instante sequer, e eu sei que o agora é só um instante de calma. Pra usar um chavão batido, o olho da tormenta. Vivo sobressaltada, pensando se de repente não vou dar de cara com um vampiro decidido a descobrir que é que eu tenho de tão especial.

Isso pode acontecer a qualquer momento, e em qualquer lugar, aqui na Europa ou onde mais estiver, mas o verdadeiro perigo mora em minha cidade, no alto daquele planalto para além da outra margem do oceano. E lá que mora o perigo que conheço. Algum dia vou ter de voltar para São Paulo. E para a possibilidade de, numa noite qualquer, topar com Lucila de novo.

Não sei o que faria se isso acontecesse.

Torço para que jamais aconteça.

Hum, pensando bem, adoraria que acontecesse.

Não, não. Não quero mais saber da Lucila.

Mas pensando melhor ainda... acho que na verdade não sei.

Bolas, quem estou tentando enganar? Eu sinto a falta dela, puta que o pariu!

---